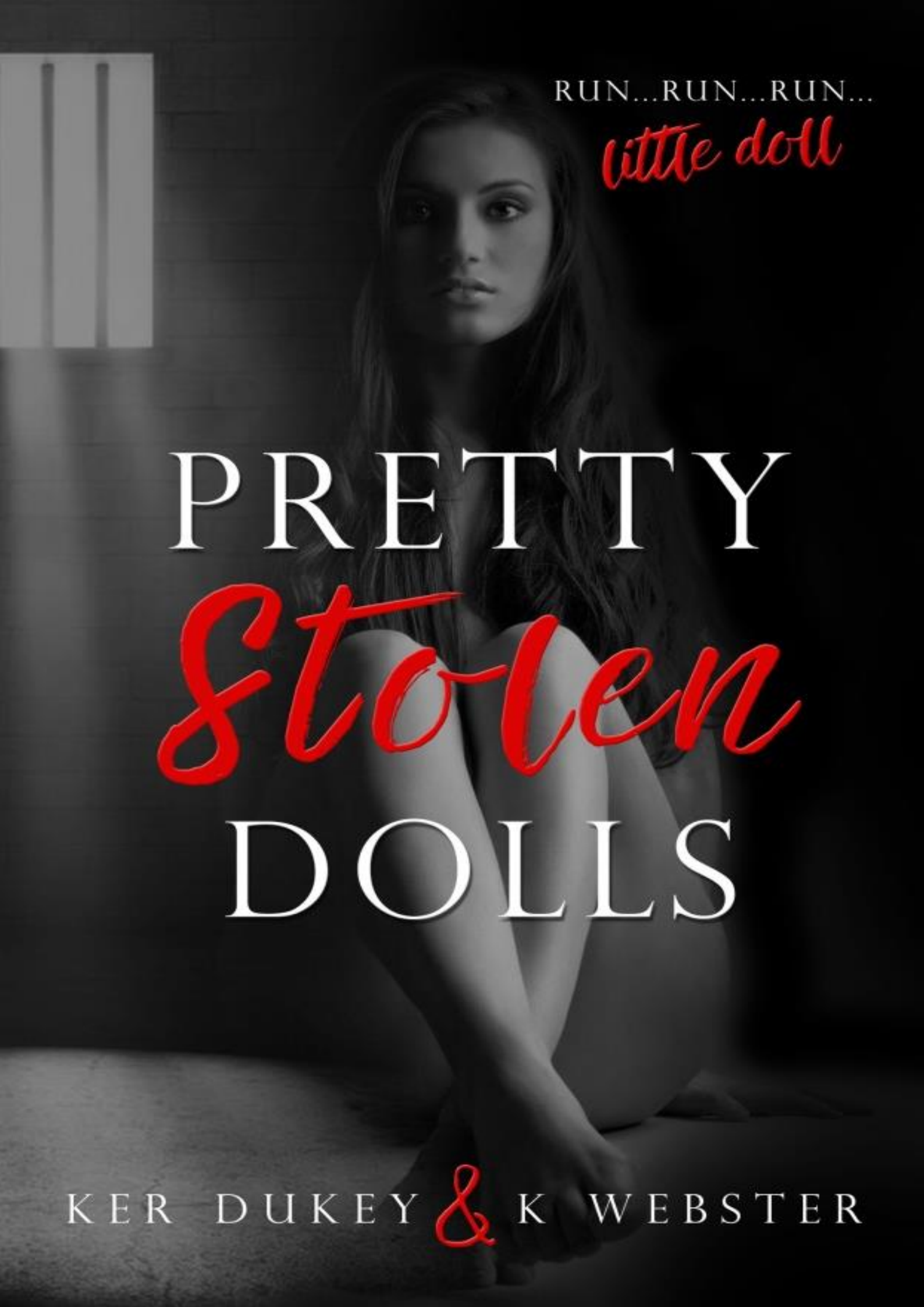




RUN...RUN...RUN...

little doll

PRETTY
Stolen
DOLLS

KER DUKEY *&* K WEBSTER



Ker Dukey e K. Webster

#1 Pretty Stolen Dolls

Série Pretty Stolen Dolls



Tradução: Nat

Revisão Inicial: Sil

Revisão Final: Bia B.

Leitura: Anne Pimenta

Data: 11/2016

Pretty Stolen Dolls Copyright © 2016 Ker Dukey e K. Webster

SINOPSE

Benny ama suas lindas pequenas bonecas consideravelmente.

Enquanto elas fazem exatamente como ele manda.

Ele as mantém perfeitas, escovando seus cabelos e dando vestidos bonitos para vestir.

Ele gosta de brincar com elas até tarde da noite.

Uma é tão tímida mas a outra gosta de brigar.

Quando a boneca favorita dele foge... apesar da outra boneca prometer ficar, seu coração se quebra e ele não pode deixar de chorar.

Ele quer que ela volte para casa ou sua linda bonequinha vai morrer.

Alguma vez você já teve que tomar uma decisão que te assombra todos os dias para o resto de sua vida... a vida que você roubou?

Eu sim.

Fugi para sobreviver, pedras e galhos cortam a sola dos meus pés, meus pulmões queimam e gritam para ter um descanso, cada músculo está tenso e lutando junto comigo para sobreviver.

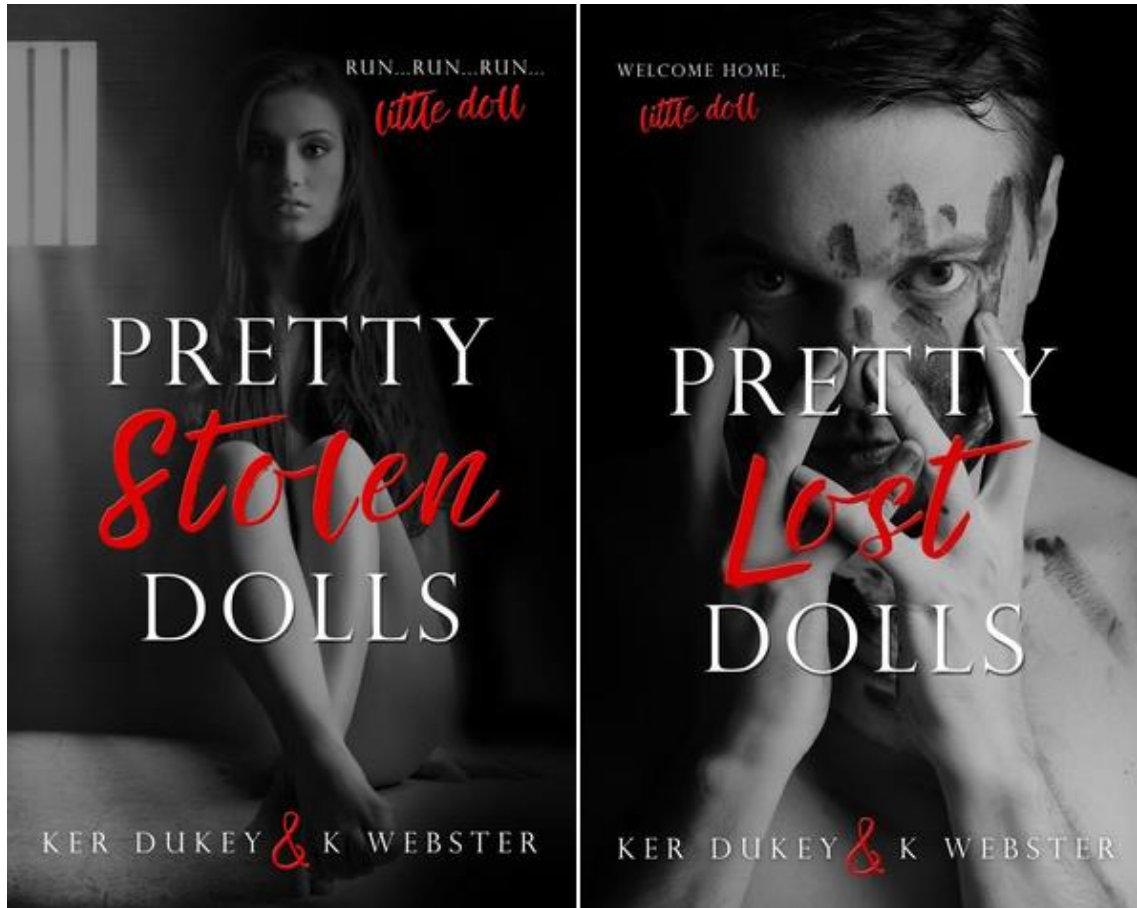
Eu fugi.

Eu corri, corri, corri - de Benny e seu cativeiro, das suas lindas pequenas bonecas - até que eu não conseguia lembrar onde encontrá-los novamente.

Eu sinto muito.

A SÉRIE

Série Pretty Stolen Dolls – Ker Dukey e K. Webster



Prólogo

JADE

Dezoito anos de idade...

Papai sempre nos disse para ter cuidado. Para não falar com estranhos, não importa o quão amigável as pessoas pareçam. Para questionar todos. Com duas meninas ingênuas crescendo em um mundo iníquo, ele queria nos educar e explicar o mal que corria desenfreadamente nos canais de notícias. Ele nos obrigou a assistir aos acontecimentos de um mundo longe que parecia ser o nosso, nos educou sobre os animais que andam na terra com rostos como os nossos, como o dele - mesmo no meio da América. Nós vivemos em uma rua tranquila, em um bairro tranquilo, em uma cidade tranquila, mas isso não significa que os monstros do mundo não estavam à espreita.

Eles estão em toda parte, segundo ele, não apenas nas sombras.

Ele queria que nós percebêssemos o mundo com os olhos apertados e os corações fechados.

E assim eu fiz. Eu sou completamente a menininha do papai, - cética por natureza. Suspeita. Distante. Desconfiada. Eu atendi suas instruções ao pé da letra e mantive minha irmã e eu seguras.

Até que eu não consegui mais.

Até o dia que meu mundo girou, girou sobre seu eixo, e tudo foi roubado de nós.

Ou devo dizer, até *que* fomos roubadas do mundo.

Quatro anos atrás, eu abaixei a guarda por um homem. Eu permiti que a menina curiosa dentro de mim esquecesse a mensagem mais importante que o nosso pai nos ensinou: *nem todos os monstros caçam no escuro*. Baixei a guarda constante pela atenção dos olhos castanhos e dourados e um sorriso torto. As paredes que eu segurava firme, se enfraqueceram, roubando meu equilíbrio e levando meus

hormônios ao caos. Aos quatorze anos de idade, eu estava apaixonada por um homem muito mais velho do que eu.

Benny.

Pelo menos esse é o nome que ele me disse. Ele mentiu sobre isso... *ele mentiu sobre tudo.*

Pequenas lindas bonitas de Benny.

Eu revivi aquele dia mais e mais, fantasiando um resultado diferente, mas eu sempre acabo aqui. Meu coração ainda gagueja na memória da primeira vez que eu o vi. Eu nunca vou esquecer esse dia.

* * *

Meus pés estão doloridos. Eu devia ter usado minhas outras sandálias como Macy. Ela pula através dos estreitos corredores lotados do mercado, parando para admirar qualquer coisa remotamente brilhante ao longo do caminho. Como ela pode estar tão enérgica com este calor, me surpreende, mas essa é a nossa Macy, cheia de vida e aberta para o mundo. O suor escorre pelo meu lábio e a explosão de sal agita sobre a minha língua, me lembrando da minha sede. Meu vestido adere à minha carne úmida como uma camada extra de pele. De algum modo está mais quente sob o abrigo das tendas do que sob o sol escaldante. Eu limpo o suor no meu lábio superior com a palma da minha mão e vejo um brilho desagradável no olhar de um dos homens com uma barriga saliente, sobre a minha irmã mais nova, enquanto lambe os lábios gordos e ajusta suas calças. Porco.

Precisamos ir.

Eu estou preocupada com o que papai me ensinou. Meu coração troveja em meu peito com a necessidade de arrastar a minha irmã de volta para casa, onde mamãe está nos esperando para jantar daqui meia hora.

Claro, Macy não será dissuadida facilmente.

Sempre curiosa, sorrindo, e ansiosa para conhecer o mundo.

O mercado é o destaque da sua semana e a única liberdade fora do perímetro da nossa rua que papai nos permite ter. Todos os sábados, ela pega o dólar que ganhou por ajudar com as tarefas da casa e passa

pelos itens que não pode pagar antes de escolher um brinquedo simples dentro de sua faixa de preço, que ela vai quebrar ou perder e eu vou ter que substituir com alguma coisa minha para ela parar de chorar.

Quanto a mim, eu sou econômica.

Poupo cada dólar.

Assim como papai me ensinou.

Um dia, eu quero ir para uma dessas grandes cidades que sempre vemos na TV, que mamãe assiste, e encontrar esses monstros à espreita. Eu vou ser uma policial e proteger mais do que apenas minha irmã.

Eu não sou impulsiva ou precipitada.

Eu posso esperar.

Infelizmente, minha irmã não pode.

— Oh meu Deus, Jade, — diz ela com um guincho, dando um sorriso brilhante na minha direção e acabo sorrindo em sua excitação. — Olha como eles são lindos.

Eu cerro meus dentes para o homem barrigudo de sorriso lascivo que está andando na mesma direção que nós durante os últimos dez minutos. Ele observa a minha irmã quando ela se inclina para pegar uma boneca da mesa. Quando ele percebe meu olhar mortal, ele dá um olhar envergonhado e se afasta.

— Vinte e oito dólares, — ela murmura com uma pontada de tristeza em sua voz.

Sacudindo a minha atenção para minha irmã, eu sorrio quando vejo a boneca. É uma boneca de porcelana de trinta centímetros com cabelos sedosos na altura do queixo e amplos olhos castanhos, uma réplica exata de Macy.

— Oh, — eu lamento, — ela é linda, mas muito cara. Escolha outra coisa, Macy.

Macy faz uma cara de tristeza antes de colocar a boneca de volta no balcão. Estamos prestes a ir embora quando uma voz nos interrompe.

— Boneca bonita para uma boneca bonita, — um homem afirma em tom suave.

Macy e eu levantamos nossos olhares para o proprietário do estande. As bonecas são esquecidas enquanto nós duas olhamos o rosto

bonito sobre nós com um sorriso torto e travesso. Um tufo de cachos castanhos pendem sobre as sobrancelhas em seus olhos cor de âmbar. Com apenas a menor camada de pelos faciais, posso dizer que ele é mais velho, talvez vinte e poucos anos, mas carrega uma inocência nele que o faz parecer mais jovem.

— Ela não pode pagar a boneca, — digo a ele com um ligeiro tremor na minha voz. Ele é bonito como os caras das revistas para adolescentes que mamãe, as vezes, nos permite comprar no supermercado quando não estamos muito apertados.

Seu olhar se fixa entre nós e ele sorri. — Talvez possamos chegar a um acordo. Eu não acho que eu gosto tanto dela quando deixa meninas tão bonitas quanto vocês duas tristes. Eu as prefiro... — ele faz uma pausa, os dentes superiores perfurando seu lábio inferior grosso, quando ele olha para mim enquanto pensa. Prendo a respiração, quase hipnotizada enquanto espero sua resposta. — Sorrindo. — ele sorri e vem em direção a mim. — Quanto você tem?

Eu não tento me concentrar no fato de que ele tem músculos, ao contrário de Bo, da casa ao lado. Ele está no último ano da escola e ainda não tem músculos, não gosto disso. Esse cara é melhor do que Bo, melhor do que esses caras das revistas. Ele é um sonho. Meu estômago se aperta.

Mamãe chama isso de hormônios. Diz que eu vou ser uma mulher em breve. Aiai.

— Eu tenho um dólar, — Macy lhe diz orgulhosamente, levantando o queixo, ganhando sua atenção de volta, e eu lamento a perda do contato. Suas bochechas rosadas viram e eu suspeito que ela esteja envergonhada de ter a atenção desse cara bonito. Eu quero a atenção dele de volta em mim...

Com isso, ele ri. Não parece rude ou como se ele estivesse tirando sarro dela, mais como se ele estivesse entretido pelas palavras dela, como se ele a achasse bonita também.

Uma pontada de ciúme pica através de mim. Eu rapidamente a esmago e me lembro que eu devia estar cuidando da minha irmã, protegendo-a do olhar lascivo de homens e de se meter em encrencas. O ar começa a ficar um pouco mais frio e a multidão começa a diminuir, me alertando de quanto tempo passou.

— Vamos, Macy, — eu assobio, segurando seu cotovelo. — Precisamos ir pra casa. Estas bonecas são muito caras. E você sabe que papai não quer que a gente fale com estranhos.

— Benny, — ele sorri para mim. Uma sobrancelha escura desaparece sob seus cachos e uma pequena covinha se forma ao lado do rosto. — Eu sou estranho, mas eu não sou um estranho. Meu nome é Benny.

Minhas bochechas ruborizam e eu engulo seco. — Não podemos pagar a boneca.

Ele dá de ombros, seus olhos se movendo como se estivesse assistindo a um jogo de pingue-pongue entre eu e minha irmã. — Como quiser. — seus ombros se encolhem de forma indiferente e ele reorganiza a boneca até que ela está de volta no lugar.

Macy se vira e olha para mim. Minha irmã é doce e despreocupada; quase nunca vejo seus olhos castanhos brilhando com raiva. — Você tem dinheiro guardado. Talvez possa emprestar pra mim. Eu nunca tive uma boneca como esta antes. — suas sobrancelhas se juntam e seu lábio inferior se projeta.

Culpa escorre através de mim da mesma forma que o suor pinga nas minhas costas: lento e tortuoso.

— Eu não tenho vinte e oito dólares, — digo a ele com a voz rouca.

O sorriso dele é quente e não faz nada para refrescar minha pele aquecida ou nervos. O tempo está passando e é uma longa caminhada para casa. — Eu poderia vender a boneca para você por vinte dólares. — ele inclina a cabeça, me estudando e eu me viro sob seu olhar.

Macy me dá um olhar esperançoso. Sua raiva desaparece e seus olhos brilham com prazer.

— Quinze. Tudo o que tenho são quinze dólares, — eu digo em derrota, minha respiração saindo num acesso de raiva.

Benny passa a mão na nuca e depois em sua mandíbula enquanto ele contempla o negócio. Há um vislumbre de vitória em seus lábios. — Quinze. Ok.

Soltando um grito, Macy pega a boneca de porcelana em seu braço e gira em um círculo enquanto a abraça contra o peito. Pirralha.

— Obrigada! Eu juro que vou pagá-la em breve! — ela grita.

Engolindo em seco, eu dou a má notícia para os dois. — O dinheiro está em casa. Não tenho certeza se tenho tempo suficiente para ir até lá e voltar antes de o mercado fechar. — ou se o pai vai me permitir voltar uma vez que eu chegar em casa.

Ele franze a testa, os olhos se arrastando entre nós dois. — Acho que posso esperar.

As mãos de Macy tremem quando ela coloca a boneca de volta em cima da mesa, claramente derrotada.

— Ou, — diz ele com um sorriso fácil, — vocês duas podem me ajudar a arrumar aqui. Vou abater mais cinco dólares por seus serviços e então eu posso levar vocês em casa depois de terminarmos aqui. Posso até encontrar seus pais. Quem sabe, talvez nós pudéssemos convencer o seu pai a comprar uma para você também. — seus olhos voltam para mim e minha carne aquece novamente.

— Eu não brinco de bonecas mais, — digo a ele em um tom seco. Por alguma razão, eu quero que ele pense em mim como uma menina mais perto da sua idade, em vez de alguém que brinca com bonecas como minha irmã.

Decepção é gravada em seu rosto e suas sobrancelhas se unem como se eu o tivesse ferido fisicamente. Eu imediatamente me sinto horrível e fico com medo de que ele volte atrás no negócio, deixando Macy irritada e chateada.

— Quero dizer, uh... papai não quer que nós peguemos carona com ninguém.

Os olhos dele se arregalam com compreensão. — Eu não sou ninguém. Sou Benny.

— A menininha quer uma boneca? — uma voz profunda canta atrás de mim. Uma friagem, apesar do calor de agosto, se arrasta até minha espinha. O cheiro de álcool e tabaco me sufoca. — Talvez eu devesse comprar uma para as duas. Mas o que eu recebo em troca? — o homem de antes volta, e desta vez, não há nenhuma vergonha em seu rosto ou na sua sugestão.

Benny foca a sua atenção no homem atrás de mim. Eu fico momentaneamente atordoada por sua súbita ferocidade e me aproximo de Macy. — Fique bem longe, pervertido, antes que eu chame a polícia, seu pedófilo.

— Sim, vá se foder, viado, — o homem grunhe antes de se afastar.

Momentos antes, eu me preocupava que Benny fosse uma ameaça. Agora, eu percebo que ele é simplesmente um cara legal, que quer que uma garota tenha sua boneca e espanta os predadores. Papai iria querer conhecer o homem que assustou um monstro.

— Na verdade, — eu digo a ele com a minha voz brava, — Nós vamos te ajudar. Talvez papai me compre aquela. — eu aponto para uma boneca de porcelana com olhos cor de mel, como Benny e cabelo castanho bagunçado.

Benny sorri. — Você tem um acordo, bonequinha.

** * **

— Última caixa, — Benny diz com um grunhido quando ele a solta na parte traseira de sua van velha. Deve ser daí que todos os músculos tensos em seus braços vieram. Estas caixas são pesadas. Macy e eu não conseguimos levantar nenhuma, mas demos uma boa ajuda embalando as mercadorias.

— Agora podemos ir até o pai de vocês e eu posso tentar convencê-lo a comprar duas bonecas. A sua mãe gosta de bonecas?

Macy ri quando fecha as portas de trás da van. — Ela brinca de Barbie comigo às vezes.

Benny dá a ela um sorriso antes de abrir a porta lateral. Ele balança as dobradiças. — Eu já gosto da sua mãe. — sua mão se movimenta para o interior do veículo.

— Eu posso sentar na frente, — digo a ele.

Um lampejo de emoção passa pelo seu rosto antes dele endurecer o seu olhar. — Na verdade, as dobradiças da porta do lado do passageiro estão enferrujadas. A maldita porta pode cair se nós a abirmos. Você disse que vive aqui perto. Vou aumentar o ar condicionado. Você vai ficar bem na parte de trás e nós não queremos que esta boneca volte sozinha. — ele afaga o cabelo de Macy e ela sorri para ele.

Eu olho nervosamente para minha irmã, mas ela já está subindo na parte de trás da van.

— Eu não sei. Talvez devêssemos ligar para os nossos pais do telefone público. Eu realmente não acho que papai gostaria que fôssemos com você.

Quando ele começa a rir de mim, eu viro uma beterraba vermelha. — V-você acha que eu faria algo assim? Como aquele homem antes? Quantos anos você tem? Doze? — com isso, ele bufa. — Eu não gosto de criancinhas. Acredite em mim.

Raiva toma conta de mim. — Eu tenho catorze anos, e eu não sou uma criança! — exclamo, cruzando os braços em desafio.

— Catorze? — ele sussurra, e algo semelhante à decepção cruza seu rosto. Antes que eu possa ter esperança de que ele possivelmente queira que eu fosse mais velha, ele ri e encolhe os ombros.

Talvez eu estivesse errada sobre a decepção.

Finalmente sua risada diminui, ele segura as mãos para cima em defesa. — Ok, ok, eu entendo. Você não é uma criança. Mas criança ou não, eu não estou interessado em você. Eu normalmente gosto de meninas com peitos.

Agora eu estou irritada e humilhada. Eu o admirei todo esse tempo e ele me vê apenas como uma criança. Não que eu quisesse mais alguma coisa, mas ainda dói um pouco. Com um acesso de raiva, eu subo no banco de trás e cruzo os braços sobre o peito liso. — Só nos leve para casa.

No momento em que ele sobe e sai para a estrada principal, seu humor desapareceu. Ele mexe com uma caixa de gelo no banco da frente ao lado dele e pega uma garrafa de água.

— Com sede?

Deus, sim.

Macy agarra a garrafa da mão dele e avidamente engole mais de metade da garrafa antes de eu roubar dela. A umidade fria que escoava da garrafa é incrível na palma da minha mão quente. Eu engulo o resto em segundos e esfrego o plástico frio sobre o meu pescoço para sentir o frescor da garrafa.

— Você não vai perguntar onde vivemos? — eu pergunto após vários minutos. Ele não tem falado muito e aquele sorriso fácil que enfeitou uma vez os seus lábios, agora sumiu. Seus olhos me rastreiam no espelho acima. Está quente e abafado na parte de trás da van, apesar

de sua promessa de ligar o ar condicionado, e me sinto tonta. Meus olhos turvam e minha mente está tonta, eu chego até o puxador da porta para me estabilizar e respirar... onde está a alavanca? Quando eu olho para Macy, a cabeça dela está caída para o lado e ela está enrolada no estofamento confortável.

— Você já me disse, — diz ele, a voz distante.

Minhas pálpebras estão pesadas e eu me esforço para mantê-las abertas. Este calor está realmente começando a me afetar. — Eu não te disse... — cada músculo do meu corpo parece enfraquecido. Meu coração troveja no meu peito, mas eu me sinto impotente para fazer qualquer coisa sobre isso. — Nos leve para casa, — eu exijo em um insulto.

Seu tom é sombrio, nada como o Benny simpático que me fez esquecer todas as lições do nosso pai. — Você vai estar em casa.

O mundo gira e uma onda de náusea passa por cima de mim. — O que há de errado comigo? — minha voz é um mero sussurro.

— Nada. Você está perfeita. Vocês duas são perfeitas. Exatamente o que eu estava procurando. Duas pequenas lindas bonecas preciosas.

Eu mal tenho força para levantar a garrafa de água. É então que eu noto o resíduo branco no fundo do plástico.

Ele nos drogou. Ele é um monstro, um monstro escondido à vista, assim como papai avisou.

— Socorro, — o suave murmúrio da minha súplica não pode ser ouvido sobre o zumbido de Benny. Eu logo reconheço quando ele começa a cantar uma canção de ninar que mamãe costumava cantar para nós quando estávamos doentes.

Senhorita Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Então, ela telefonou para o médico para vir rápido, rápido, rápido.

O médico veio com sua bolsa e chapéu,

E ele bateu à porta com um rat-a-tat-tat.

Ele olhou para a boneca e balançou a cabeça,

E ele disse: — Senhorita Polly, volte direto para a cama!

Ele escreveu em um papel uma pílula, pílula, pílula,

— *Eu vou estar de volta na parte da manhã, sim eu vou, vou, vou*¹.

— *Pare, — eu sufoco, mas ele ignora o que eu disse. Depois que ele termina o verso final, ele para de cantar, embora, em seu aparelho de som esteja tocando um rock pesado, que faz o seu caminho em minha cabeça quando tudo escurece.*

Socorro.

* * *

Um gemido suave a partir da cela ao meu lado me traz de volta ao presente. O sangue marca minha pele onde estou presa em meus braços. Durante quatro anos, somos mantidas presas por Benny. *Suas bonecas*. Exceto agora que eu sei que seu nome não é Benny - ou pelo menos, não é assim que estamos autorizadas a chamá-lo.

Benjamin.

Ele nos faz chamá-lo de Benjamin.

Benny com os olhos castanhos e sorriso fácil, não subiu na van naquele dia. *Nunca houve Benny.*

Em vez disso, nós voluntariamente entramos no veículo de um monstro. Um monstro que passou quatro anos angustiantes nos fazendo de suas bonecas pessoais, que ele gosta de brincar e muitas vezes, ele não é gentil com seus brinquedos.

Passei muito tempo chorando; e com as lágrimas se foi a minha inocência.

Ocasionalmente, Macy chora quando ele está sendo especialmente bruto, ou quando ele sai da cela dela e ela diz a ele que ela pode ser melhor. Ela sabe que se ela não tentar ser a melhor boneca que pode ser, ela não vai ser alimentada por um dia ou dois.

Eu prefiro morrer de fome a ser sua boa boneca.

Devido a este monstro e sua mente distorcida, eu sou insensível. Em vez de pedir e implorar para ele nos deixar ir - o que sempre entra em um ouvido e sai pelo outro, e deixa Benjamin maníaco, cantando sua canção de ninar e depois fica lá pintando os rostos de suas bonecas

¹ Quem quiser conferir a música: <https://www.youtube.com/watch?v=VIIDILXfpyk>

- eu planejo nossa fuga. Eu planejo sua morte. Eu me certifico de continuar respirando para que minha irmã e eu possamos ter um futuro.

A porta da cela ao lado da minha bate com um som alto. O que quer que seja que ele estava fazendo com Macy, acabou agora, e seus gemidos entalham outra marca no meu coração.

Minha vez.

Sou sempre forçada a ouvi-lo com ela. É a seu jeito especial de tortura, me obrigando a ouvir os gritos dela, então na hora que ele vem para mim, eu estou com raiva. Ele adora quando eu luto e rasgo sua carne com qualquer chance que eu tenho. O psicopata fica fora de si quando eu fico na ofensiva. Ele sempre leva vestidos e maquiagem para a cela dela. Ouço-o decorando-a até que ela vire a boneca perfeita, mas eu não. Ele me deixa nua e indomável.

Em um destes dias, ele vai deslizar e eu vou estar pronta.

Seu corpo musculoso vem à vista sob a única lâmpada de halogêneo na frente da minha cela. Ele está vestindo apenas um par de jeans que pendem em seus quadris. O suor rola pelo seu peito sólido e seu cabelo está encharcado pelo esforço. Sentindo o cheiro acobreado de sangue da minha irmã sobre este homem é algo que ficará para sempre gravado em meus sentidos. Nunca conseguirei apagar, a menos que seja com o aroma de seu próprio sangue quando ele murmurar seu último suspiro.

O homem que faz bonecas artesanais longe de nossas celas em uma estação de trabalho é além de louco. Ele é mais monstro do que qualquer outro homem, mais brutal e desequilibrado do que papai jamais poderia ter imaginado que estivesse à espreita lá fora, esperando.

Um psicopata mentalmente perturbado, e quando ele não está lá fora, trabalhando, esperando, provocando Macy constantemente, eu me pergunto quando ele voltará, se ele voltará. Ele sempre volta e eu não posso salvá-la dele.

Quando ele está surtado, seus olhos cor de mel normalmente escurecem mais. Eu assisto a todos os seus movimentos, escuto cada palavra sua, estudo todas as suas manias.

Eu o conheço melhor do que ele conhece a si mesmo.

Eu conheço seus padrões.

Suas falas.

Suas fraquezas.

E um dia, eu vou atacar. Eu vou acabar com isso e nos salvar, *salvá-la*, como eu deveria ter feito.

— Aqui está a minha bonequinha suja. Tão selvagem e assustada, mas ainda tão linda. — seus olhos estreitam enquanto seu olhar percorre meu corpo. Está facilmente cem graus, mas eu não posso evitar, eu o desafio. Não estou nua e encolhida. Já arranquei os lençóis do colchão e amarrei ao redor do meu corpo como um vestido. Ele vai levar o lençol com ele, e quando ele sair e a noite cair nas paredes da minha cela fria, eu vou estar exposta e desejando o lençol, mas desafiá-lo é muito mais atraente, é a única gota de controle que possuo.

Estou prestes a dar uma de esperta, quando reparo. É leve e quase imperceptível, mas eu vejo. Ele está bêbado. Ele *nunca* está bêbado. Bêbado é bom. Bêbado significa fraco.

Apertando minhas mãos ao meu lado, eu espero. Uma oportunidade como esta é boa grande para não agir. Quando ele entrar, eu vou atacá-lo. Certamente eu posso ser mais rápida. Há um ar de superioridade em seus movimentos e tudo que eu preciso é que ele abaixe a guarda uma vez.

— Seu mestre quer jogar. Que jogo você vai jogar comigo hoje, bonequinha suja? — ele pergunta, um sorriso em seus lábios enquanto ele se atrapalha com suas chaves.

— Nós poderíamos jogar Eye Spy, mas seu pau é tão pequeno, que ninguém pode realmente achá-lo, — eu estalo, incitando-o.

Um rosnado baixo vem de sua garganta. — Ou eu poderia brincar com suas entranhas, quando eu te estripar por ser uma boneca má.

Eu estou acostumada com suas ameaças. Elas são sempre mortais e cruéis, mas ele nunca realmente as cumpre. Eu acho que ele gosta da minha insolência; o que deixa o jogo mais divertido para ele.

O clique da porta destrancando faz com que minha pele suada entre em erupção com arrepios. Em breve, ele vai estar dentro desta cela levando o que ele quiser, exatamente como todas as noites.

Não essa noite.

O pensamento tão repentinamente e feroz me domina com adrenalina. E quando ele deixa as chaves caírem, o som ao redor da minha cela é como uma pistola, me pedindo para ir e eu faço a minha jogada. Atirando a porta com força para a direita, eu a abro com um grito cheio de raiva. Ele mal tem chance de registrar que eu saí da minha cela antes de eu bater meus punhos em seu peito e empurrá-lo forte. Seu corpo instável bate no chão com um *baque*.

— PARE! — ele ruge enquanto tenta ficar de pé.

Mas eu não paro.

Eu corro pela minha vida. Eu corro por ambas as nossas vidas. Se eu conseguir correr para fora deste inferno, eu posso encontrar ajuda. Eu posso salvar a minha irmã. Eu chego às escadas, e surpreendentemente pulo de dois em dois degraus.

A casa dele é um borrão quando eu entro com pressa em direção a uma porta à direita de uma cozinha. Eu estava em um sótão que virou um calabouço para suas bonecas. Como se meu mundo não fosse ruim o suficiente, é claro que a casa sairia diretamente de um filme de terror. Eu não paro para inspecionar a cozinha ao longo do caminho, para procurar um telefone, ou até mesmo para olhar por cima do ombro para ver se ele está vindo no momento em que passo pela porta da frente.

Eu.

Não.

Paro.

O ar frio me bate na cara, cobrindo todo o meu corpo como um manto. Estamos cercados por bosques. Árvores verdes e vibrantes, enquanto corro tão rápido quanto minhas pernas podem me levar. Eu ignoro a picada de espinhos em cada passo que dou. Eu ignoro o coçar dos ramos, quando eles chicoteiam meu corpo. Nada mais importa, só encontrar ajuda. Atrás de mim, eu ouço a trituração das folhas e grunhidos. Ele está no meu rastro, mas não perto o suficiente.

Ele está fraco.

Bêbado.

Um jogo indigno.

Com cada grande salto através do bosque, eu me distancio mais longe dele. Entorpecida pelo zumbido de dor por todo meu corpo, eu corro até meu peito doer e meus pulmões queimarem pedindo por ar. Estou tonta, com fome, e não acostumada a tais explosões de exercício, mas eu não paro ou diminuo a velocidade até que eu tenho certeza que o despistei. A morte vai me levar antes de eu permitir que ele me leve novamente.

Eu escapo.

Eu escapei, porra. Minha mente grita para mim em histeria, mas nenhum som sai de meus lábios.

E eu vou trazê-la de volta.

Disposta a continuar, eu começo a correr novamente, mais rápido desta vez.

Um soluço alto sai da minha garganta quando eu entendo a situação. Nós estamos finalmente livres. Assim que eu encontrar ajuda, eles vão colocar o psicótico na prisão e vamos voltar para casa com mamãe e papai. Eu ainda estou me segurando nas imagens escuras, o desaparecimento dos meus pais em minha mente quando eu passo pela floresta. Poucos metros à frente há uma estrada. Faróis a cerca de meia milha de distância estão bem na minha direção. Uma euforia ecoa através dos meus ossos quando eu me estico para sinalizar para o carro vindo.

— *Socorro!* — eu tento gritar.

O veículo parece estar indo devagar o suficiente, com certeza eu posso fazer com que ele pare e me resgate.

— *Socorro!* — minha voz é rouca, mas minhas pernas se mantêm em movimento.

Quando o veículo começa a desacelerar, eu começo a chorar forte, eu estou cega. Ele não para, apesar de tudo. Eu corro, agitando os braços freneticamente, até que meus pés ensanguentados param na calçada quente.

— *Socorro!*

O barulho de pneus significa que o motorista me viu. Eles vão parar para mim e me salvar. Eles vão me ajudar e...

Baque.

Metal bate na minha lateral com a força de um trem em alta velocidade. Ossos se quebram em meu corpo como uma sinfonia de tambores ocos. Eu não sei o que está acontecendo até que minha cabeça bate dolorosamente contra o pavimento com um baque que ressoa dentro do meu crânio.

Então, eu estou olhando para cima.

Estrelas brilhantes no céu quando algo quente pulsa do lado da minha cabeça, absorvendo o pavimento debaixo de mim. Eu não vi o céu em quatro anos. É fascinante, bonito, e esperso.

Eu tento falar quando uma mulher mais velha com cabelos grisalhos grita para mim.

Mas eu não posso desistir.

As estrelas diminuem, o céu escurece e preenchem o vazio em torno de mim.

Seus traços desaparecem.

E a escuridão me rouba esse tempo.

Aguente, Macy. Eu estou voltando para você.

Capítulo um

Red

Oito anos mais tarde...

— Jade, está tudo bem? Parece que você não está comendo.

Levantando meus olhos até os olhos preocupados da minha mãe, eu sorrio e coloco uma colher na boca cheia de bolo de red velvet que ela comprou com os nossos cafés. Nós estamos em um pequeno restaurante na cidade. Os assentos de couro vermelho luminosos estão descascando pelas costuras, mas a comida é boa e o café é ainda melhor.

— Estou bem, mamãe, e mais gorda do que nunca.

É verdade. Eu tive que forçar o botão e esticá-lo para conseguir entrar em meus jeans favorito nesta manhã.

— Você deveria voltar para casa para uma refeição caseira. Seu pai gostaria de te ver. — o sorriso que ela oferece enrugando seus olhos.

Pegando a caneca de café e deixando o calor mergulhar em minhas mãos através do copo, eu inalo o vapor que ondula na borda da caneca. — Eu irei em breve. Eu prometo. As coisas estão realmente muito complicadas no trabalho.

Ela mexe com uma colher ao redor de seu copo distraidamente. — Você trabalhou tão duro para ser detetive e, então eles te atiram direto no fundo do poço e não te deixam nem mesmo tomar um fôlego.

É estranho que ela ainda queira falar sobre isso. Ela sabe o quanto eu queria este trabalho e quão duro eu trabalhei para conseguir. Eu perdi quatro anos de ensino por estar longe do mundo. Eu tive que fazer aulas à noite, curso de verão, e estudava duas vezes mais que todos os outros. — Eu gosto de trabalhar, — eu digo a ela, minha voz aumentando. — Se eu não me mantiver ocupada, eu volto para lá em minha mente e...

Seu rosto empalidece, tal como acontece cada vez que eu menciono o que aconteceu. Foi há anos, mas isso ainda está comigo, como um fantasma me assombrando. Mamãe e papai não gostam de falar sobre isso. Eles tentaram continuar de onde paramos quando eu era uma menina de quatorze anos de idade, ingênua e crédula. Essa menina morreu naquela cela na primeira vez que Benny pôs as mãos sobre ela.

O perfume floral me invade quando uma mulher se aproxima com uma criança. Ela está usando muito perfume e sua sombra azul combina com a bolsa azul brilhante que ela está carregando. Um item cai no chão, rolando para o meu pé. Eu me inclino, chegando para ele e paro. É uma boneca. Apenas uma boneca simples, mas que faz com que todos os pelos de meu corpo se arrepiem e minha mente gire descontroladamente.

É um sinal?

Ele está de volta?

Ele pediu para que ela a deixasse cair?

Ele está aqui, me olhando?

Eu pego a boneca do chão e chamo a mulher: — Com licença. — eu levanto e caminho para frente da lanchonete. — Você deixou cair isso.

Os olhos da mulher se arregalam e sua boca se abre. — Oh meu Deus, obrigada. Ela não dorme sem ela. — ela suspira, pegando a boneca e enfiando mais fundo em sua bolsa neste momento. Eu aceno meus dedos para baixo, para a menina, cujos olhos azuis estão fixos em mim. Ela se encolhe na coxa de sua mãe e sorri para mim.

— Jade, — minha mãe chama quando eu ainda estou de pé com minhas mãos enfiadas no bolso de trás da minha calça jeans, olhando da porta para a mulher e a criança que saíram a uns bons vinte segundos atrás.

Eu odeio perder tempo, perder muito tempo pensando e lembrando. É raro para mim, na verdade, ter um dia de folga, mas eu prometi à mamãe que eu a encontraria para um café e compras. Eu não quero fazer compras. O trabalho é onde eu devo estar, à espera de uma chamada para me ajudar a pegar Benny. Ele está adormecido por tanto tempo, mas eu sei no fundo da minha alma que ele irá ressurgir. Cada

caso que assumo ser Benny; cada vitória é um dedo do meio para Benny.

Eu consegui fugir.

Eu consegui fugir e eu vou te pegar, seu bastardo.

— Então, que loja primeiro?

— Eu realmente sinto uma dor de cabeça chegando, — eu digo com um gemido, esperando que ela não possa ver através das minhas mentiras. — Você se importa se nós reagendarmos? — eu esfrego minha testa com as pontas dos dois dedos. Ela está acostumada às minhas saídas até agora e como uma boa mãe, ela me deixa ir.

— Está tudo bem, querida, — ela diz quando linhas de preocupação aparecem em sua testa. — Vá para casa e descanse um pouco.

— Eu vou, — eu digo, embora nenhuma de nós acredite na mentira.

* * *

Em vez de ir para casa, eu me encontro de volta na papelada na delegacia. Meu celular avisa que tenho uma mensagem de texto.

Detetive Idiota: \$100 que você está trabalhando...

Meu parceiro gosta de me insultar nos fins de semana quando eu devia estar em casa, mas ao invés disso, trabalho em casos antigos e passo por uma papelada velha para ter certeza de que nada foi perdido na primeira vez. Ele é um idiota. Digito de volta com um sorriso se formando em meus lábios.

Eu: Eu poderia estar precisando de uma nova bolsa.

Eu estou largando o meu telefone de volta na mesa quando ele se acende novamente.

Detetive Idiota: HA! Você carrega dinheiro no sutiã. Eu nunca vi você com uma bolsa.

Idiota.

Eu: É por isso que eu preciso de uma.

Ding.

Detetive Idiota: Eu vou recolher o meu dinheiro na segunda de manhã, Phillips.

Duplo pé no saco.

— Phillips, — Chefe Stanton late, me assustando. Puxando meu telefone e colocando-o na minha mesa, eu lhe dou atenção. Está tarde; eu não tinha percebido o quão tarde era até eu olhar para cima do computador. Está escuro lá fora e meu estômago resmunga.

— Chefe, — eu aceno.

Ele para na minha mesa e se inclina. — Hoje não é seu dia de folga?

Suas sobrancelhas grossas e brancas se juntam e ele cruza os braços sobre o peito, enfatizando a barriga de cerveja que ele cultivava.

— Eu só queria fazer alguns ajustes em uns relatórios, — eu minto. *Sempre minto.*

Ele já sabe quanto tempo eu passo aqui, então ele deve estar aborrecido se ele está de pé aqui quebrando minhas bolas inexistentes.

— Aqui, — diz ele, cavando em sua calça e tirando uma nota de vinte. Ele para um par de segundos antes de me oferecer. — Eu posso ouvir a sua fome daqui. Vá pegar para nós alguns sanduíches de Benny.

Benny.

Baque.

— O quê? — eu suspiro, um tremor choca meu corpo.

— Jenny's Subs, do outro lado da rua, — ele resmunga e depois franze a testa. — Por que você está tão pálida? Ela passou na última inspeção sanitária. Foi apenas boatos sobre o rato. — ele balança a cabeça e acena a mão para me dispensar.

É Jenny, não Benny. Porra. Eu odeio como ele ainda me afeta.

— Na verdade, Chefe, um homicídio acabou de chegar. Eu poderia precisar dela, se isso estiver bem pra você, — Detetive Marcus diz, passando por minha mesa.

Se aproximando, Stanton pega de volta a nota de vinte e acena com a cabeça, gesticulando para eu ir com Marcus.

Encantador. *Folgado.*

* * *

— Por que você precisa de mim? — pergunto quando nós paramos em um bloco residencial. Nenhum dos detetives do departamento gosta tanto assim de mim, então ele me pedir para vir é incomum, para dizer o mínimo.

— Você vai ver, — ele sorri.

Minhas sobrancelhas se levantam e eu mordo o interior da minha bochecha, quando eu o sigo atrás do zumbido de outros moradores do edifício.

— Nós avisamos à vocês, policiais, que ele a mataria no final e vocês não ouviram, porra, — uma mulher grita, agitando as mãos em volta da cabeça como se estivesse espantando uma vespa.

Apontando para a porta aberta atrás dela, Marcus late, — Entre.

Ela bufa para ele e permanece parada onde pode ver o que estamos fazendo.

Policiais uniformizados estão na entrada da cena do crime.

— Faça essas pessoas entrarem em suas casas e diga a elas que estarei por perto para tomar declarações no devido tempo, — digo ao policial que parece querer vomitar sobre seus sapatos pretos brilhantes. *Novato.*

Entrando, há ruído e movimento à minha esquerda, onde uma cozinha está situada.

Dois caras de uniformes estão sentados com um homem forte em algemas. Ele está sem camisa e com respingos de sangue por todo o peito e rosto, exigindo ser solto e gritando que foi um acidente. Seus olhos se chocam com os meus e eu imagino vapor saindo de suas narinas quando ele respira pesado e profundo. Nele, eu vejo a mesma escuridão que Benny sempre teve em seus olhos, sem remorso, sem empatia.

Meus pés me levam para a sala de estar, onde uma mulher nua está de costas. Eu roço sobre sua carne exposta, registrando tudo que se destaca. Contusões nos pulsos de cor azul. Ela foi amarrada recentemente. Novos e antigos hematomas no interior de suas coxas. Sinais de sexo violento ou estupro. Hematomas em torno da garganta mostram sinais de estrangulamento. Coloração sugere que foi antes da morte e é mais do que provável que seja a causa da morte. Há uma lesão na cabeça de um objeto contundente, supostamente da lareira, mas o respingo sobre o suspeito na outra sala, o sangue e a falta de inflamação me diz que isso foi causado depois da morte.

Rolando minha cabeça nos meus ombros, eu puxo um par de luvas de látex do bolso do casaco e as encaixo no lugar antes de fazer o caminho de volta através do pequeno apartamento para a cozinha. O suspeito olha pra mim e levanta a cabeça.

— Foi um acidente. Ela caiu, — ele rosna.

— E as contusões? — eu questiono, lançando os olhos sobre ele para estudar a agitação em seu peito.

— Gostamos de foder, — ele diz com um encolher de ombros. — Áspero. Ela adora. Eu aposto que você também. — ele lambe os lábios e suspira para mim antes de enrugar o nariz. — A menos que você seja sapatão.

Porque eu sou uma detetive e não ando por aí no universo feminino? Isso é novo. *Idiota*.

— O que você usou? — eu pergunto, e seus olhos disparam em mim. — Para esmagar a cabeça. — eu esclareço.

— Ela caiu sobre a lareira, — ele late com um tom defensivo.

Um riso amargo me escapa quando eu movo meu dedo no ar para o sangue no peito dele e no rosto.

— Eu a segurei depois, — ele tenta.

— Você é um idiota.

Seu corpo fica tenso ao meu insulto.

— Você é o tipo que espanca uma mulher, estupra. Um pedaço de merda que estrangulou a namorada até a morte e, depois entrou em pânico. Você esperava que seu cérebro do tamanho de amendoim

pudesse bolar um plano, então encontrou algo que pudesse usar para bater na cabeça dela e depois a deixou à beira da lareira.

Eu cutuco seu peito e ele rosna.

— A autópsia irá mostrar a causa da morte, idiota. Mas, enquanto isso, me deixe te ensinar uma coisa. O sangue não coagula após a morte, ele pulveriza de forma diferente, e sem o corpo para bombear o sangue nas veias, ele fica lá dentro, em vez de bombear para fora. — eu chego na parte de trás da sua cabeça e uso todo o meu peso para bater a sua cabeça na mesa, saboreando o estalo quando seu nariz se quebra.

— Filha da puta, eu vou te matar! — ele grita quando o sangue jorra de seu nariz.

— Você tropeçou, e você vai sangrar mais do que ela. — eu sorrio, e me viro para Marcus.

— Ela me atacou. Ela me atacou, — ele grita.

— Você tropeçou, — ambos os caras de uniformes dizem em uníssono.

— Haverá um objeto escondido em algum lugar que ele usou após a morte, — eu aviso. — Talvez um ornamento pesado ou o fundo de um troféu. O estrangulamento causou a morte dela. Eu vou pegar carona para casa.

* * *

Marcus sabia que eu ia ser dura com o suspeito, é por isso que ele queria que eu fosse. Ele sabe que eu odeio violência contra as mulheres mais do que qualquer outra coisa, mas eu não sou o seu entretenimento. Eu posso ter feito o trabalho por ele; eu não ia ficar para a limpeza.

Subindo na cama, eu afago meu namorado, Bo.

Bo Adams, o rapaz literalmente da casa ao lado. Quando eu fui resgatada e, finalmente, encontrei os meus pais, foi Bo que veio em meu auxílio emocional. Meus pais não sabiam nada sobre como lidar com a minha raiva. Fiquei furiosa que eu não conseguia encontrá-la. Furiosa comigo mesma. Furiosa com a polícia. Furiosa com os meus pais.

Foi Bo que me mostrou como canalizar essa agressividade.

Ele me levou para a minha primeira aula de autodefesa apenas três meses depois que eu voltei para casa. Minha cabeça ainda estava fodida e eu estava fraca, mas, eventualmente, eu me tornei obcecada. Não só eu aprendi a me defender, mas aprendi como me livrar de alguém que poderia me atacar e depois fiz outras aulas como kickboxing.

Ele me ensinou a atirar. Primeiro apenas em latas de refrigerante na parte de trás da casa, na mesa antiga de seu pai, mas, em seguida, ele me ensinou a caçar e a cada morte era Benny nos meus olhos. Cada apertado do gatilho, a resistência, e então a recompensa era gratificante. Cada vez eu fantasiava sobre isso penetrando na sua pele, sangue, ossos.

Bo me ajudou a canalizar essa agressividade, o ódio, e o que começou como uma amizade entre ele e eu, evoluiu para algo mais. Uma vez que me mudei para a cidade, Bo me seguiu, conseguindo uma vaga aqui na universidade local, e nós temos vivido juntos desde então. Ele odeia quando eu trabalho até tarde e nos fins de semana, porque este é o tempo que podemos ficar juntos e isso nem sequer é intencional para ele.

Eu sou uma namorada terrível, mas ele simplesmente não pode ver isso.

Rolando sobre minhas costas, eu olho para o teto e rezo para conseguir dormir, assim como todas as noites, para Benny fodido me deixar em paz.

Claro, minhas orações não são ouvidas.

Ele está comigo no momento que fecho meus olhos.

Capítulo dois

Rosas americanas

— Pessoa desaparecida. Mulher branca. Catorze anos de idade. Vista pela última vez em Woodland Hills Mall às três e meia, ontem à tarde. Phillips? Você está pronta para ir?

Mulher branca. Catorze anos de idade. Suas palavras ecoam na minha mente, fazendo com que os cabelos arrepiem no meu pescoço.

— *Quantos anos você tem? Doze?*

— *Eu tenho catorze anos, e eu não sou uma criança!*

— Sim, — eu respondo, apertando os olhos, — Se acalme, Scott. — a idade da vítima me faz estremecer. É um lembrete de como eu também fui levada nessa idade. Forçando a memória de volta para o fundo da minha mente, eu levanto uma sobrancelha e aceno com um dedo.

Ele resmunga enquanto sai. No momento em que o Chefe Stanton nos designou para trabalharmos juntos, Dillon ficou agitado. Temos sido parceiros por oito meses e ele ainda me trata como se eu fosse um espinho na sua pele. Pode ser por causa da minha idade, mas eu não tenho certeza. Eu sou jovem para ser detetive, mas eu não sou incapaz. Eu trabalhei pra caramba para chegar a uma posição onde eu poderia realmente fazer algo sobre os monstros do mundo.

Benny.

E talvez eu seja um espinho para Dillon, mas eu não serei tratada como se eu não importasse. Ele não tem autoridade sobre mim como ele acredita. Eu deixei isso claro; ele nem mesmo trabalha nos fins de semana.

Eu sou a detetive dos sonhos de Stanton quando se trata de resolver casos difíceis e encontrar os pequenos detalhes que possam incriminar a pessoa. Quando eu estou debruçada sobre os arquivos e

provas, estou no meu universo. As pistas não me iludem. Eu faço sentido na loucura. *Porque eu vivi dentro dela.*

São as pessoas que têm problema.

Pessoas como Dillon Scott.

A fábrica de fofocas na estação é forte. Eu escuto os sussurros e vejo os olhares quando as pessoas passam por mim. Todas elas sabem. Todo mundo sabe que eu fui sequestrada com a minha irmã quando eu tinha catorze anos e que de alguma forma consegui escapar quando eu tinha dezoito, deixando minha irmã com então treze anos de idade para trás. Todo mundo sabe que eu quase morri no dia em que escapei quando fui atingida por uma caminhonete Ford. Inferno, está no sistema, eles só têm de procurar a informação em seu computador e está tudo lá para eles verem. Para fazer suposições sobre mim e falar em voz baixa sobre bebidas no bar... eles são tão sutis como quando seu namorado vai para cima de você usando uma máscara de gás.

Depois do acidente, eu passei três semanas em coma induzido devido à hemorragias internas e inchaço no meu cérebro, e quando eu acordei, eu não me lembrava de nada.

Me lembrava de Benny, ou Benjamin... ou quem diabos ele realmente é, e ele nos levando. Me lembrava da forma como a sua pele lisa era na minha enquanto ele pegava o que não lhe pertencia até tarde da noite. Me lembrava no início o jeito que *ela* chorava todas as noites até que adormecesse. A pior parte de recordar certos momentos é que ainda afeta a minha vida cotidiana. Eu posso atirar em um homem que puxa uma arma em mim, mas eu não posso ir ao banheiro no meio da noite sem que uma luz esteja acesa. As sombras me afrontam; elas veem me esconder dos monstros que podem estar à espreita. Me lembro do silêncio ensurdecador do meu estado de sonho. Ele roubou tudo de mim até mesmo meus sonhos. Me lembro do seu cheiro, gosto, altura, quão pesado ele era quando ele me prendia à pequena cama.

Eu simplesmente não conseguia me lembrar de qualquer outra coisa.

As coisas importantes. De onde eu fugi. Quanto tempo eu estava correndo antes do caminhão bater em mim. Quanto tempo nós andamos a partir do mercado no dia que ele nos levou. A marca e o modelo de sua van. Reconhecer qualquer alimento que ele nos deu. Qualquer tipo de detalhe que pudesse ajudar. A polícia me fez estas perguntas, e são as mesmas perguntas que eu faço às outras vítimas.

E nunca leva à nada.

A polícia sondou a área do acidente. Nenhuma casa foi vista. Era como se eu estivesse fora do ar.

E eu estive procurando por ela desde então.

Até eu encontrá-la, eu faço o que posso para encontrar outras garotas desaparecidas. Eles me chamam de rastreadora, em tom de brincadeira.

Eu sou cruel e burlo as regras quando preciso, a fim de resolver casos de pessoas desaparecidas.

Chefe Stanton e tenente Wallis estão sempre na minha cola. Eu tenho feito isso mais vezes do que posso contar enquanto eu caço coelhos sem direito a uma cobertura na cova do leão. Até agora, eu tenho sorte, e eu vou levar toda a sorte eu posso. Eu preciso dela para encontrá-la. Eu nunca vou desistir dela.

Mas minha personalidade determinada é o que me faz passar por parceiros como a maioria das pessoas mudam suas roupas íntimas. Ninguém gosta de trabalhar comigo. Dillon durou mais tempo, eu vou dar isso a ele. Mas ele é um canalha e ninguém gosta de fazer parceria com ele também. Nós somos um par improvável.

Durante todo o percurso para o shopping, eu me pergunto se esta menina desaparecida pode ser a ligação para encontrar a minha irmã. É como eu trato cada caso de pessoa desaparecida. Com um pente fino, eu junto os detalhes até que eu encontre evidências e pistas. Nossa delegacia leva o status de casos resolvidos, e por isso somos muito elogiados. Isso mantém os meninos felizes.

Eu não me importo com isso, apesar de tudo. Ou com os prêmios.

Eu não me importo se eu for elogiada milhares de vezes.

Tudo o que importa é *encontrá-las*.

Encontrá-la.

Eu sempre quis ser da força policial, mas depois *dele*, depois de deixar ela, eu tinha que ser. Eu precisava da melhor posição e recursos à minha disposição para ajudar a caçá-lo.

— Este lugar realmente se tornou uma merda desde os anos noventa. Na minha época, este shopping era um lugar respeitável. Éramos bons filhos e não entrávamos em qualquer merda. Agora, ele

está cheio de gangsters. Olha, — Dillon aponta quando ele circula um grupo de adolescentes em sua maioria de pele escura - entendi.

Eu rolo meus olhos quando ele para o carro. — Você é um caipira racista, Scott. Essas crianças se parecem com adolescentes normais para mim. Vá para dentro e faça perguntas às pessoas respeitáveis. Vou falar com os ‘gangsters’. — eu sorrio para ele, e recebo um murmuro de volta: — Porra, eu não estava me referindo à cor da pele dele.

— Se eu for ‘castrada’ enquanto você estiver lá dentro, foi bom te conhecer, — acrescento, trazendo os dedos até os lábios para imitar ter medo. Ele resmunga, mas não me recompensa com uma resposta. Abordo a ‘gangue’ com um propósito.

Encontrar a menina.

— Detetive Phillips. Eu gostaria de fazer a vocês algumas perguntas, — eu digo, revelando meu distintivo no meu cinto.

Um par de rapazes adolescentes me olham nervosos e assobiam baixinho, mas eu não estou aqui para amedrontar ninguém ou seja lá com que eles estejam preocupados. Eu só me preocupo em encontrar a menina.

Puxando meu telefone do bolso do blazer, eu seguro um retrato da pessoa desaparecida. Alena Stevens. Seus olhos azuis brilhantes me assombram. Ela é doce e inocente. *Como eu era.*

— Vocês estavam aqui ontem meninos?

— Pfft... meninos. — um dos meninos cruza os braços e olha para mim. — Sim, e daí? Não é um crime.

— Viram esta menina? — pergunto, segurando a foto.

O grupo visivelmente relaxa e uma menina com cabelo preto puxado em um rabo de cavalo se aproxima. Ela mastiga o seu chiclete e estreita os olhos. — Sim, eu acho que a vi no Raze ontem. Ela estava tentando algumas bombas de glittery-ass² que se meninas brancas fossem pegas vestindo, estariam mortas. — o grupo ri, todos, exceto uma menina de pequena de pele macia de mãos dadas com um rapaz, a garota não mantém os olhos para cima. Eu levanto uma sobrancelha para ela.

— Você tem uma irmã? — eu questiono, a minha voz suave.

² É um glitter corporal, não sai fácil.

Ela inclina a cabeça para a garota ao lado dela que se parece com ela. — Keisha, sim. Por quê?

— Alena é irmã de alguém. Alguém a tirou de sua família. O mundo está cheio de maldade. Cada segundo é precioso para encontrar esta menina. Se fosse Keisha, você iria querer ajudar também.

Seu olhar amacia e ela olha para Keisha. — Eu a vi conversando com um cara do lado de fora da loja.

Meu interesse e atenção mudam para ela e eu me viro, questionando. — Cara? Descreva o cara.

— Eu não sei. Bonitinho, eu acho, se você gosta de Orlando Bloom. — sua irmã ri e um frio passa na minha espinha.

— Por favor, seja mais descritiva. Qual o seu nome?

— Kiki.

— Como era o homem, Kiki? Ele era jovem? Velho? Ele tinha pelo no rosto? O que ele estava vestindo?

Ela brinca com o brinco de argola na orelha dela ao olhar sobre o meu rosto. — Talvez da sua idade. Você sabe, mais velho. Ele tinha cabelos castanhos encaracolados. Eu acho que ele era bonito. Uma menina branca acharia isso. O rosto dele era brilhante e a menina estava sorrindo tanto que eu pensei que ela estava planejando seu casamento em sua cabeça ou algo assim.

Um tremor ondula através de mim. Me lembro do jeito que ele fez Macy e eu sorrir. Como ele nos cortejou para sua van. *É ele. Tem que ser ele.* Um senso de urgência surge e, em seguida, sinto o sangue gelar que corre pelas minhas veias e se instala no meu coração. *Um baque, um baque, um baque.* E se for ele e ele estiver procurando uma nova boneca, e se ele tiver acabado com Macy?

— Pode me dizer mais alguma coisa? Você conseguia ouvir o que eles estavam conversando? Ele a forçou a ir com ele? — eu lato e meu olhar é raivoso sobre ela, fazendo-a perder o atrevimento que ela parecia ter momentos antes. Sua mão cai de seu quadril e a embala em torno de seu estômago.

Ela encolhe os ombros, mas sua voz prende um ligeiro tremor. — Ele não estava forçando-a a fazer nada. Ela apenas balançou a cabeça, concordando com as coisas que ele disse e o seguiu.

Com um suspiro, eu forço um sorriso apesar de querer vomitar. — Obrigada. Qualquer outra pessoa viu alguma coisa que possa nos ajudar em nossa investigação? — eu ainda não tenho nada que eu possa realmente trabalhar - nenhum rastro para seguir. Apenas uma descrição que pode ser ele, mas também milhares de outros homens.

Todos eles abanam a cabeça e eu tento não deixar que o esmagamento da derrota me engula.

Esta não é uma derrota; ainda pode ser uma vantagem. O criminoso soa estranhamente como *ele*, e o comportamento coincide com o modo que ele opera.

Eu vou encontrar esse imbecil, eventualmente.

* * *

— Não. — eu aponto para a imagem no monitor a partir das imagens de segurança do shopping. É Alena saindo da loja sozinha e um homem que corresponde à descrição de Kiki a seguindo a menos de um minuto mais tarde. A cabeça dele está para baixo e ele usa na cabeça um boné de beisebol para esconder o rosto. — Você pode alterar o ângulo? — exijo.

— Não, este é o único nessa parte do shopping, — o cara da tecnologia diz, brincando com botões e trazendo a iluminação mais clara na tela para iluminar melhor a imagem. Esta sala é pequena e abafada como o inferno. É claustrofóbico para um shopping grande e tem que haver uma centena de monitores aqui. A grande estrutura de Dillon e a minha própria nesse pequeno espaço me sufoca cada vez que eu inalo, é com se eu estivesse enchendo os pulmões de ar com o seu exalar. Ele já tem cheiro doce e está comendo algo doce. Meu estômago ronca e eu rolo os olhos para o próprio pensamento de doce e Dillon no mesmo espaço.

— E sobre as saídas? — Dillon pergunta, se inclinando sobre o ombro do rapaz e escovando meu braço. Um arrepio gelado me atravessa, apesar do calor da sala. Eu não fico bem em espaços apertados.

Ele mexe em seu computador e clica em um arquivo. — Quando vocês ligaram esta manhã, eu pesquisei aqui e encontrei a menina, —

diz ele, apontando o dedo para a tela. — Aqui está ela saindo do shopping.

Ele nos mostra a menina em uma câmera diferente. Ela está saindo através do estacionamento ao sudoeste e rapidamente sai de vista. O cara da segurança levanta a mão para cortar as filmagens e eu agarro seu pulso, parando-o. — Espere. — momentos depois, o homem do boné sai.

Minha frequência cardíaca aumenta à medida que eu vejo o homem na tela. Ele não parece grande o suficiente para ser Benny, mas faz oito anos desde que eu o vi pela última vez. Ele pode ter perdido peso e massa.

É ele. Tem que ser ele.

— Ele vai numa direção diferente, — Dillon anuncia, deixando cair seu olhar para o meu peito e, em seguida, olhando para longe. É sutil, mas eu pego isso imediatamente. Me sinto inundada de calor, o que não ajuda a minha situação nesta sala apertada.

— Não significa que ele não tenha voltado. — eu argumento, me abanando, — ou a levou para uma direção diferente.

Sua cabeça gira de volta para mim, as sobrancelhas escuras se juntam enquanto ele me examina. — Ou ele é apenas um cara que saiu do shopping para ir para casa.

Aí está novamente. Seu olhar cai para meu peito e eu olho para o local enquanto ele continua de boca aberta. Minha abre e, em seguida, fecha, a minha pele queima com essa humilhação. Um botão está aberto e suor brilha no meu decote e tudo está lá fora para todo mundo ver. Pego meu casaco, e o fecho sobre minha camisa e queimo de vergonha.

Um sorriso aparece no canto de seus lábios e ele dá um ligeiro aceno de cabeça antes de falar sério novamente. — Ele não volta. Ele é apenas um cara, — Dillon conclui, trazendo os olhos para meu rosto.

Apenas um cara minha bunda. Benny não é apenas um cara, ele é um monstro.

Eu bufo, derrotada. Dillon está certo. Vamos precisar de mais do que a evidência sobre a filmagem. Batendo no ombro do cara que está em frente ao computador, eu aponto um dedo para a tela, e digo a ele, — Envie isso para a delegacia. É evidência.

Deixo Dillon e o homem sozinhos, escapando ansiosamente da sala sufocante que me faz lembrar muito a prisão que eu vivia.

Eu vou pegar você, Benny.

* * *

— Como foi seu dia, babe?

Eu largo minha arma e distintivo na mesa ao lado da minha bolsa e sigo o aroma na cozinha, onde Bo está em pé na frente do fogão.

— Bem, — eu digo com um suspiro, passando a mão em suas costas enquanto eu espio a frigideira. — Bife de hambúrguer, hmmm. — se ele não cozinhasse para mim, eu teria morrido de fome há muito tempo.

Ele ri e beija o topo da minha cabeça. — Você se parece com o inferno hoje. Que bom que voltou para casa. Tem certeza que está tudo bem? — suas sobrancelhas levantam em questão.

— Só o que quero é ouvir as novidades do homem que afirma me amar, — eu brinco, roubando um pedaço de aipo da tigela de salada que ele está preparando.

— Eu não apenas afirmo, babe. Eu vou te mostrar isso também, mais tarde. — ele pisca e eu suspiro internamente. Ele realmente é um bom homem.

Meus olhos se arrastam sobre o seu rosto bonito, olhando suas feições doces. Ele não tem muito pelo no rosto, mas o que ele tem combina com o cabelo loiro escuro, naturalmente desgrenhado, que ele agora mantém curto por minha causa. A primeira noite que dormimos juntos, quando ele se aninhou em mim no quarto escuro e seus fios fizeram cócegas sobre a minha pele, me virei refém de um terror noturno com *ele* — só que eu não estava dormindo. Eu lutei contra ele, joguei Bo no chão, deixando uma cicatriz acima do seu olho direito quando dei um soco com o anel que ele havia me presenteado mais cedo naquele dia. Eu era uma bagunça naquela época, ainda sou agora, mas ele me adora. Eu sinto em seu toque, quando ele olha para mim com aqueles olhos azuis cristalinos e a forma como o seu sorriso ilumina cada quarto que eu escureço. Nós realmente fazemos essa brincadeira. O universo fez com que as coisas se equilibrassem.

— Na verdade, — eu digo a ele, bufando, enquanto pego os pratos
— Foi terrível. Pessoa desaparecida. Alena Stevens. Catorze anos.

Sequestrada do shopping por ele.

Ele desliga o fogão, mas não diz nada, e eu sinto a mudança no seu humor. Bo odeia a minha obsessão de encontrar Macy. Ele sabe que eu trato cada caso como uma pista para encontrá-la, e este não é diferente. Dizer alguma coisa sobre o caso é inviável, mas se eu não puder desabafar agora, eu silenciosamente vou enlouquecer.

— Tente não ser sugada para dentro, babe. Você tende a perder muito peso e não dormir o suficiente. Eu gosto da minha menina cheia de curvas, — diz ele com um sorriso forçado. Ele sempre tenta trazer a luz à minha obsessão.

— Bem, eu estou morrendo de fome, então a sua menina curvilínea não vai emagrecer tão cedo.

Desta vez, eu ganho um sorriso genuíno do homem que me ama.

— Ótimo. Eu gosto de você do jeito que você é.

E ele gosta. Eu sou bastante atraente, suponho. O espelho me mostra que eu floresci em uma mulher atraente durante esses anos que fiquei trancada sendo usada e abusada por Benny. Meus cabelos escuros contrastavam com minha pele pálida e os olhos cor de avelã que espelhavam Macy são vibrantes, mas cansados. Só agora comecei a ter curvas que mostram que eu sou uma mulher. Demorou anos para Bo colocar carne em meus ossos frágeis e eu gosto dos quadris maiores. Me sentia lisonjeada pelo meu corpo e minha bunda arredondada.

Eu acho que há uma razão para Bo estar apaixonado por mim, e não pode ser minha deliciosa personalidade.

Mas você não o ama.

* * *

Eu acordo com os lábios chupando meu mamilo e meu coração dispara no meu peito. Por uma fração de segundo, eu estou de volta em minha cela. Tenho dezessete anos e ele está me levando pela primeira vez. Não é até que eu passe meus dedos em seu cabelo, percebendo que estou agarrando um cabelo curto, liso, não encaracolado e espesso.

Meu corpo tenso aperta por um motivo diferente quando eu abraço o sentimento de sua língua quente me chupando.

— Sou eu, babe, — ele sussurra. — Sou só eu.

Bo.

O sexo não é algo que eu pensei que eu quisesse depois de Benny. Eu não gosto da maneira como meu corpo me traiu com ele, mas Bo levou as coisas lentas e me ensinou a estar no controle do que faço e com quem eu compartilho minha intimidade. O sexo é bom com Bo. Ele é um amante gentil, mas há esse demônio à espreita dentro de mim, manchado pela tortura de Benny, que quer mais, precisa de mais.

— Eu te amo. Sou só eu, — ele murmura contra a minha carne enquanto trilha beijos do meu peito ao meu abdômen. — Nunca se esqueça disso, babe.

Eu não vou. Eu não posso. Existem muitas razões pelas quais eu me odeio e ele me amar é uma delas.

Eu não o mereço.

Deixo escapar um gemido quando sua língua mergulha no meu umbigo. Ele continua a sua degustação até que eu sinto sua respiração quente contra os lábios sensíveis da minha buceta. Um suspiro sufocado me escapa no momento que sua língua desliza ao longo da minha entrada.

— Eu te amo, — ele respira contra mim, as três palavras quentes com a respiração que queima sobre a minha carne já febril. Sua boca me dá o prazer que eu preciso, mas as palavras escurecem a faísca que deveria ser disparada agora, fazendo com que o meu sangue flua.

Ele também me amava...

Quando cheguei até Bo, eu não estava procurando amor. Eu estava procurando por um amigo. A ideia de estar sozinha me assustava. Além disso, Bo era por quem eu deveria estar interessada anos atrás. Ele estava indo para a faculdade. Em vez disso, eu permiti que meus hormônios estúpidos me conduzissem para uma van que me levou direto para o inferno.

Nunca mais eu vou deixar meu corpo tomar decisões por mim.

De agora em diante, minha mente manda em mim. E o amor é algo trancado em uma cela com minha irmã. Eu a amava mais do que tudo, e eu falhei com ela. O amor não tem lugar na minha vida agora.

— Eu amo você, Jade. Sou eu, Bo, — ele murmura novamente enquanto ele me adora entre as minhas pernas. Ele me lembra cada vez que ele está dentro de mim que é ele. Eu o adoro por querer me fazer sentir segura em nossos momentos de paixão, mas ele não percebe que Benny também sussurrava essas mesmas três palavras.

Falar sacanagem para mim seria melhor.

— Eu te amo. — suas palavras estão em repetição.

Cale a boca... cale a boca... cale a boca...

Às vezes eu quero desistir, dizer a ele que eu o amo também, então ele vai parar de dizer as palavras, é o presente que ele merece, mas eu não posso. Eu não sou mentirosa quando se trata de coisas importantes. O amor é uma mentira.

— Você é meu doce e adorado Bo, — eu sussurro. É o que eu sempre digo a ele, essas são minhas palavras equivalentes às suas.

E ele sabe disso.

Satisfeito com a minha resposta, ele se torna voraz, mas sei que ele ainda está se segurando, e eu odeio isso.

Ele me chupa e me lambe como ele se ele tivesse feito um curso pra isso. E sendo um professor de anatomia na faculdade local, quem sabe? Talvez ele ensine no maldito curso. Mas, às vezes, eu gostaria que ele me mordesse. Me machucasse apenas uma vez.

— Sim, — eu gemo enquanto ele desliza um dedo no meu centro molhado. — Mais...

Ele habilmente encontra o ponto doce dentro e em seguida, estou tremendo de êxtase. Bo sabe como me dar orgasmos.

Assim como Benny.

Meu corpo é uma puta para o prazer, e estar com Bo, é o castigo para mim, tanto quanto é gratificante. Suas palavras me levam de volta para lá, mas seu cheiro e toque me mantém aqui. Eu estou no limbo.

E eu mereço estar por não amá-lo de volta. Como eu poderia amá-lo quando eu não posso nem estar com a minha mente focada nele durante o sexo?

Pequena bonequinha suja.

Minhas coxas se contraem até que elas enfraquecem e caem para os lados.

— Jade... — sua voz treme com emoção enquanto ele sobe em cima de mim, espalhando as minhas pernas para que ele possa se posicionar entre elas, a ponta de seu pau endurecido provocando minha buceta molhada latejante.

— Mmm?

Lentamente, quase torturante, ele invade o meu corpo necessitado e eu grito quando ele empurra tudo pra dentro.

— Baby...

— Mmm?

Ele empurra mais e, em seguida, chupa meu lábio inferior. — Case-se comigo.

Uma ducha de realidade apaga as chamas quentes do meu desejo. Seus lábios encontram o meu pescoço e ele chupa como se eu fosse a coisa mais preciosa que ele já encontrou. Eu não posso me casar com ele. Eu nem mesmo o amo. Não é culpa dele. Bo é o parceiro que os manuais indicam. Um grande amante. Compreensivo e piedoso.

Em um mundo perfeito, eu poderia amá-lo, eu deveria amar Bo. Meus pais amam Bo, todos amam Bo... *menos eu.*

Talvez se Benny nunca tivesse roubado sua bonita bonequinha, eu teria me apaixonado por Bo.

Mas este não é um mundo perfeito.

Ele nos roubou.

O mundo é mau e detestável. Eu nunca vou parar de procurar por minha irmã. Eu nunca vou perder o desejo de encontrar todas as meninas desaparecidas neste mundo. Eu nunca vou perder o ódio inflamado por Benny e o desejo de levá-lo à justiça.

Mas não há espaço suficiente dentro do meu coração partido para Bo. Bo é uma boa alma, e meu trabalho, o meu desejo de vingança, é o que estraga tudo.

Os dedos de Bo no meu clitóris entre nós me tiram dos meus pensamentos. Ele traz outro delicioso orgasmo dentro de minutos. Quando meu corpo contrai em torno de seu pau, ele se joga no seu próprio clímax. No momento em que nossos corpos param e nossa respiração se estabiliza, rompe o silêncio do quarto, ele se levanta para olhar para mim.

Luar brilha em suas belas feições, mas eu não vejo o homem brilhante e feliz que eu conheço. Tudo o que eu vejo é tristeza. Ele quer mais do que eu posso dar.

— Isso é um não? — seu pomo de Adão sobressai em sua garganta. Eu odeio ser tão tóxica para ele.

— Bo... — lágrimas brotam em meus olhos, mas nunca caem. Não mais. Depois do que eu passei, nada me faz chorar. Nem mesmo um homem triste, quebrado, cujo único desejo neste mundo é que eu o ame. — Eu seria uma esposa terrível.

— Não para mim, — garante ele, seus lábios encontrando os meus. — Para mim, você é perfeita.

Bonequinha linda.

Ele me beija tão docemente, que eu acho que meu coração sombrio pode palpitar um pouco com a vida. Ele expõe minhas entranhas.

— Ok, — murmuro com um suspiro, sabendo que mais tarde vou me arrepender.

Pequena bonequinha suja.

— Mas eu quero um longo noivado. Talvez um ou dois anos. — mulher egoísta e cruel. Eu me odeio.

Seus olhos azuis brilham ao luar e ele sorri. Ele realmente é uma bela alma. — Eu vou te dar todo o tempo que precisar, babe. Não temos nada, além de tempo.

Eu devolvo o sorriso, mas não alcança os olhos.

Eu e ele podemos ter muito tempo para nós.

Mas temo que Macy não tenha muito tempo.

Se o homem do shopping for Benny, significa que ele está caçando novamente. Se ele está caçando, então ele está ficando entediado com sua pequena boneca.

Ou pior, talvez ele esteja substituindo uma boneca que está muito quebrada para reparar.

Eu tenho que encontrá-la.

Logo.

Capítulo três

Borgonha

É tão brilhante e grande.

Brilhante e novo.

Perfeito.

Não pra mim.

É pesado e certamente não é adequado para o trabalho. Arrastando o anel de noivado de meu dedo e soltando-o em cima da cômoda, eu me encolho no fato de que eu concordei em casar com Bo. Eu fui egoísta com medo de perdê-lo, então eu me tornei uma dessas mulheres que desprezo, bloqueando-o de entrar, sabendo que não posso dar a ele tudo o que ele merece, tudo o que ele conquistou apenas por aguentar a merda que é a minha vida.

— O anel precisa de ajuste? — sua voz me tira do desgosto que sinto de mim mesma.

— Está...

— Perfeito e bonito? — ele me pisca um sorriso. — Assim como você.

Bonequinha linda.

Eu reprimo um tremor e forço um sorriso.

Seus braços chegam na minha cintura e se fecham para me manter presa contra seu peito duro. Bo finalmente desenvolveu músculos, e ele malha duro na academia para mantê-los. Ele é o maior sonho de qualquer mulher. *Qualquer mulher além de mim.*

Girando em seus braços, eu viro o meu pescoço e devoro os seus lábios com os meus. Empurrando no limite sua boca convidativa, eu travo um duelo com sua língua até que seu pau cutuca as minhas

coxas, e ele me levanta em cima dele. Minhas pernas serpenteiam sua cintura e ele respira contra os meus lábios. — Você vai se atrasar.

Eu respondo, esfregando minha buceta contra ele e mordendo o lábio, e ele me recompensa com orgasmos que me fazem esquecer a minha culpa.

* * *

Dillon paira perto da minha mesa com a caneca de café, que faz com que o cheiro da sua respiração pareça que um barista vomitou em sua boca após a ingestão de grãos de café direto da planta. Olhando para o relógio e me dando um olhar torto com um aceno de cabeça, ele diz: — Você está atrasada.

— Coma outra rosquinha e pare de controlar os meus horários, — eu gracejo, dando a ele um sorriso falso e uma dupla saudação com as duas mãos.

— Realmente madura e estereotipada, — reclama. — Sério?

A porra do açúcar ainda está no canto da sua boca. Estendendo a mão, eu passo o dedo no pó do canto do lábio inferior e a seguro para que ele veja. Sua postura é rígida. Ultrapassar fronteiras é um problema para mim. — Não seja infantil, — eu bufo e em seguida, sugo o açúcar do meu dedo. Não são muitas vezes que eu me permito comer doces. Tiro um da caixa, um o donut meio comido que eu não coloquei na minha mesa e levanto uma sobralalha. Apontando para trás do seu rosto e balançando a cabeça, eu digo: — Não é preciso ser um detetive para resolver este mistério.

Ele limpa sua boca com as costas da mão e, em seguida, coloca a caneca no meu arquivo, deixando um círculo sujo. Eu tiro e empurro de volta para ele. *Idiota*.

— Alguma notícia sobre a menina desaparecida? — pergunto, esperando que alguma nova evidência tivesse vindo à tona enquanto dormíamos.

Ele balança a cabeça e aponta para uma placa que tem todos os casos fixados a ele atrás de mim. — A mãe da menina veio e disse que elas tiveram uma discussão antes de ela ir para o shopping. Poderíamos estar procurando uma fugitiva.

— Por que ela não nos disse isso antes? — exijo.

Ele dá de ombros e pega outro donut. — Ela não queria que nós não a procurássemos.

Claro que iríamos procurá-la.

— Phillips, Scott, venham aqui, — Tenente Wallis late, e nós sinalizamos com a mão antes de desaparecer em seu escritório.

— O que você fez agora? — eu rosno, batendo o último pedaço de rosquinha de sua mão.

— Cadela, — ele sibila antes de recuar e se abaixar para pegar a massa do donut. — Regra dos cinco segundos, — ele late. *Nojento.*

— Feche a porta, Scott, — ordena Wallis, caindo em sua cadeira de couro atrás da mesa. — Eu tenho um homicídio que acabou de chegar. O chefe quer vocês no caso.

— É sobre a pessoa desaparecida? — eu digo, com um pouco de decepção no meu tom, ganhando um olhar penetrante de Wallis. — Jones e Henderson vão assumir o caso. É mais do que provável ser uma fugitiva que irá ficar com fome e com remorso e voltará antes do fim do dia. Eu preciso de vocês dois trabalhando neste caso. — ele enfia uma pasta sobre a mesa e gesticula em direção à porta do escritório. Agarrando o arquivo antes do meu parceiro, eu marcho para o seu escritório e resmungo baixinho: — Isso é besteira. — eu não me importo em investigar um homicídio, mas a menina ainda está lá fora, por opção ou não. E se ela estiver à espera de ser encontrada e resgatada, mas ninguém fosse procurá-la?

— Vamos, — ordena de Dillon, caminhando para minha mesa e pegando o último donut. Andando rápido para acompanhar seus passos largos, eu bato na sua mão e pego o donut para mim. Ele puxa a jaqueta e sorri por cima do ombro.

— Estamos saindo, — diz ele, afirmando o óbvio para ninguém em particular.

Chegar antes que os oficiais de uniformes estraguem o local do crime é fundamental, então eu sigo Dillon para fora, dando um último olhar para a foto de Alena Stevens de catorze anos, pregada na pasta, antes de aproveitar o donut, só para impedi-lo de saborear. *Cadela.*

À medida que chegamos no local onde um proprietário de loja foi assassinado, o meu interior treme e meus movimentos ficam lentos. É quase como se a sujeira dentro das minhas veias fosse solidificada e eu estou lutando para respirar.

Bonecas de porcelana decoram a vitrine, tudo arrumado em um espaço simétrico, glorificando a sua beleza. *Baque, baque, baque.*

Pequenas bonequinhas lindas...

— Phillips?

Um tremor ameaça ondular através de mim, mas de alguma forma eu consigo me controlar. Sacudindo os meus olhos para os dele, eu aceno um pouco rápido demais. — Eu estou bem, eu estou bem... Eu estou bem, — eu gaguejo, e suas sobrancelhas se juntam enquanto ele me estuda com olhos sombrios e intensos. Eles não são o olhar escuro de Benny, apesar de tudo. Eles são caramelos e por trás do idiota que percebo do lado de fora, os olhos me dizem que há uma versão mais suave no interior.

Ele ainda está olhando para mim e eu percebo que estou o encarando, olhando de volta.

— Eu juro. — eu seguro minhas mãos para cima, quebrando o feitiço.

Ele me examina por mais um longo momento. — Eu ia te dizer para despachar isso, não perguntar como diabos você está. Quem eu pareço, seu maldito namorado?

Um pequeno O forma em meus lábios enquanto eu percebo que acabo de quase ter um surto na frente do meu parceiro. Eu tenho que controlar meus nervos ou Dillon vai ter seu dia de glória me rasgando até que ele encontre o que está mexendo com a minha cabeça. Eu sacudo a tensão em meus músculos e encaro o idiota que agora eu estou grata. Ele sorri para os meus olhos apertados encarando ele.

— Vamos lá, — diz ele em um tom sarcástico, — O grande D vai segurar sua mão, coisinha linda. — quando eu me arrepio, desta vez com suas palavras, ele ri. — Não se preocupe, — diz ele, seu tom ficando sério, — estas coisas me abalam também.

— Isso não me abala, — eu me oponho.

É o que elas representam que faz o meu sangue esfriar.

Ele me olha e eu me viro no meu lugar.

— Continue achando isso, — diz ele em um tom presunçoso antes de sair do carro.

— Vá se fuder, — retruco, saindo do veículo com ele.

Ele esfrega o estômago e não há nenhuma evidência da sua gulodice no seu elegante quadril estreito. — Estou realmente muito cheio.

— Você comeu quase uma caixa inteira de produtos assados, — eu bufo. — Eu não estou surpresa. Você provavelmente vai ter um ataque cardíaco a qualquer minuto.

O sorriso no rosto dele permanece. — Então você vai ter que me fazer respiração boca a boca.

— Cuspir em sua boca é o que eu vou fazer.

— Pare de me paquerar, Phillips, — diz ele com uma risada. — Eu não quero compartilhar seus fluidos corporais no momento. Temos um homicídio, mostre algum respeito.

Minha boca cai à medida que a vontade de socar aquele sorriso presunçoso no seu rosto assume e eu tenho que ignorar o zumbido no meu intestino pela escolha de suas palavras. Ele caminha em direção à loja com um propósito e eu abaixo a cabeça para esconder meu leve sorriso. Eu realmente nunca olhei para ele antes; nunca mergulhei além da superfície espinhosa. Ele não é feio, eu suponho, quando ele está agindo como um ser humano normal. *Mentirosa*. Mentir para mim mesma é impossível. Dillon é gostoso, cru, e alfa em todos os sentidos, mas toda a sua gostosura desaparece com a sua atitude arrogante em relação a mim.

— Você está me olhando? — parando na entrada da loja, ele olha para mim, ignorando a agitação da atividade. Uma multidão se formou para além da área restrita e apesar de ser dito para ficarem de fora da cena do crime, toda vez que um homicídio acontece, um oficial uniformizado está olhando para nós a partir da loja com um corpo a seus pés. *Malditos idiotas*.

— Eu estava, na verdade, — murmuro antes de seguir para a minha cena do crime. — Eu estava verificando o melhor ângulo de sua bunda para chutar você.

— Ângulo da minha bunda? Agora você me surpreendeu. — ele dá de ombros e me deixa de boca aberta, mais uma vez, encarando sua forma recuar.

Isso momentaneamente me distrai dos horrores que este lugar detém e não está claro se isso é de propósito ou não. Mas agora, sem os seus insultos, isso trava em torno de mim como uma tonelada de tijolos.

Todo mundo sabe o que aconteceu com você, pequena bonequinha suja.

Meus pulmões queimam e imploram por ar enquanto eu prendo a respiração e entro na loja. Elas estão em toda parte, olhando para mim das prateleiras, dos armários. Pele pálida, lábios vermelhos de rubi, olhos arregalados olhando através dos meus ossos.

— Jade?

Meus olhos focam acima dos dele. *Dillon disse meu nome.* Meu primeiro nome. Oito meses que eu trabalho com ele, me sento ao lado dele no carro, comemos na mesma mesa, e nem uma vez ele usou o meu primeiro nome. Eu sustento seu olhar, permitindo que ele me mantenha ancorada.

— Você deveria falar com a testemunha no carro de patrulha. — meus olhos viajam até a mulher morta deitada no chão, com sangue acumulado em torno dela. Ela não o viu chegando. O spray de sangue no balcão mostra que ele veio por trás dela. Não há nada quebrado ou quaisquer sinais de luta.

Baque!

Assustada, meu corpo treme com o som de porcelana batendo no chão de madeira e se quebrando. Meu coração troveja enquanto o sangue corre nas minhas veias e ressoam em meus ouvidos. Posso controlar o som com os meus olhos para a boneca agora quebrada ao lado da dona da loja.

O oficial que não deveria estar aqui em primeiro lugar olha para a bagunça. Seu nariz está franzido, ele traz a mão à boca e morde antes de dobrar seus braços. — Err, ela escorregou, — diz ele, virando a cabeça para a estante atrás dele. *Idiota.*

O rosto dela desmantela em fragmentos olhando para mim e minhas memórias me engolem.

* * *

O trovão ressoa do céu e o silvo da chuva batendo na parede do lado de fora é calmante.

Eu imagino a água invadindo o edifício e inundando na minha cela, me afogando, me liberando deste fardo de vida.

Macy está fungando e cada vez que o raio crepita no ar, ela grita.

Eu gostaria de poder ver a cor do relâmpago, sentir o cheiro da chuva, e experimentar o ar da noite na minha pele. O tempo passa, mas eu parei de me manter a par das marcas que fiz na parede quando minha unha quebrou ao tentar gravar uma linha para o dia treze.

Isso foi há muito tempo agora.

Meu cabelo é mais longo e meu peito finalmente cresceu. Se Bo pudesse me ver agora, ele não iria tirar sarro de mim por ser sem peito.

Mamãe costumava dizer que os rapazes que são cruéis por alguma coisa, só gostam de você e não sabem como se expressar, e acho que de uma maneira ela está certa. Benny é cruel, mas ele afirma que nos ama.

Crackle... boom. — Argh.

Quebrou!

Um suspiro soa do outro lado das paredes de madeira na minha cela como uma debandada de cavalos chacoalhando em minha caixa torácica.

— Olha o que você me fez fazer! — Benny-Benjamin ruge. Arrepios irrompem da minha pele quando um sopro gelado serpenteia pela minha espinha e sobre meus ombros, se enraizando dentro do meu peito.

— Ela está arruinada. — sua voz abaixa, quase infantil. Ouço um ruído e eu corro para o ver fechar a minha porta deixada aberta para eu vê-lo trabalhando em suas bonecas.

— É minha culpa, — eu declaro, tentando convencê-lo a abrir minha porta e me dar a punição de Macy. Minha voz encontra apenas o

silêncio em troca, e é ensurdecador. Não há nada além da ira da tempestade lá fora.

Até que os gritos dos lábios de Macy disparam em mim como balas feitas de veneno, envenenando meu coração uma vez inocente.

Colocando as mãos sobre a madeira, golpeado a porta, forço minhas unhas até que o sangue brota nas pontas. O ar corre para fora de mim como se alguém empurrasse através do meu estômago e apertasse meus pulmões.

Um músculo duro e esculpido flexiona sob uma névoa de suor em suas costas nuas enquanto ele se inclina sobre uma forma encolhida, a pegando em suas mãos pelos cabelos.

Camadas espessas de cabelo, marrom em volta do rosto.

Ele a trouxe para fora da cela.

Minha mente bobina em descrença.

Eu não tive um vislumbre da minha irmã desde o dia em que ele nos roubou.

— Olha o que você fez, — ele rosna. — Ela está quebrada. Ela era uma bonequinha linda como você e agora ela é feia.

Inclinando-se, ele pega um caco de porcelana com a mão livre, então arremessa e quase atinge a lâmpada pendurada no teto, trazendo Macy com ele. Ela fica nas pontas dos pés e o vestido de babados que ela está usando balança com seus movimentos.

Quando o cabelo dela cai para longe de seu rosto, eu realmente a vejo pela primeira vez em muito tempo. Lágrimas quentes queimam em meus olhos, transbordando dos meus cílios. Ela está diferente, mas a mesma. Meu coração está feliz em vê-la, mas minha alma está triste.

Eu não a mantive segura.

— Diga a ela que você está arrependida, — ele se enfurece, seu corpo inteiro tremendo de raiva. — Chore pela boneca quebrada. — quando ela não fala, ele levanta a mão. No início, eu temo que ele vá bater nela e o sangue no meu corpo para de bombear completamente enquanto eu espero por seu golpe iminente.

Mas então, suavemente, quase gentilmente, ele faz algo pior.

Agarrando um dos cacos de porcelana, ele enfia na carne dela, logo abaixo do canal lacrimal de Macy com movimentos firmes.

A bile sobe na minha garganta enquanto o sangue floreia ao redor da sua pele de porcelana cremosa. Um grito ameaça me sufocar quando ele arrasta a borda afiada ao longo do nariz dela, um rio vermelho desaba por seus lábios, mas ela não grita. Em vez disso, seus olhos encontram os dele, e eles piscam com tristeza. O lábio inferior dela treme e num tom manso, arrependida, ela diz a ele: — Eu sinto muito.

Eu encontro a minha voz, mais alta do que o trovão, e vou em direção do metal na minha cela. — Solte-a, você é um maníaco!

Ele permanece congelado na posição doente, torcendo minha irmã pelo pescoço enquanto o rosto dela sangra. Apenas olhando. Sempre olhando. Eu fecho minhas mãos em punhos e martelo contra a porta, esperando arrastar sua atenção para longe dela, tudo sem efeito. Os olhos cor de avelã dela piscam para os meus e eu soluço alto, meu peito dói.

— Me perdoe, Macy. Eu sinto muito... me perdoe. Eu vou nos salvar, eu prometo.

Minha vontade de lutar diminui quando meus joelhos se dobram e eu quase caio no chão, gritando ao lado da tempestade, esperando que me leve embora quando eventualmente passar, deixando para trás o calor implacável. Ele desaparece com a minha irmã em sua cela e eu me sinto impotente no meu mundo. Eu enterro meu rosto em minhas mãos suadas, nas palmas das mãos sujas.

‘Srta. Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Então, ela telefonou para o médico para vir rápido, rápido, rápido’.

Ele ressurgiu da cela dela, cantando sua canção assustadora enquanto pega as peças de sua boneca quebrada de nossas celas. Ela nunca vai voltar a ser sua boneca bonita novamente. Assim como Macy agora, que vai para sempre levar a sua marca irregular no rosto. Assim como eu nunca vou ser capaz de esconder as rachaduras que ele criou dentro de mim.

Eu sei ao ouvir a sua música que ele não vai visitar a minha cela esta noite, ou a da minha irmã. Graças a Deus. Ele vai nos deixar e

amanhã não seremos alimentadas. Mas pelo menos vamos ter um tempo longe do monstro que segura o nosso destino na palma da sua mão.

* * *

— Jade, o que diabos você está cantarolando? Tem certeza de que quer estar aqui?

Meus olhos focam em Dillon, mas a memória trava no ar espesso. Eu posso quase provar a poeira da minha cela. O cheiro quase familiar de Benny persistente como um nevoeiro enjoativo. — Cantarolando?

Ele balança a cabeça e me olha como se eu tivesse perdido a cabeça. — Sim, uma música assustadora pra cacete.

Com muito medo de falar sobre o fato de que Benny ainda está comigo, eu ignoro e saio para falar com o cara do uniforme. — Qualquer outra coisa que você tenha pensado em fazer na cena do crime? Talvez sentar e brincar com o sangue dela? — eu estalo, apontando para a porta com autoridade. — Me mostre onde a testemunha está.

Eu sigo o oficial para fora, ignorando o olhar ardente em minhas costas.

Isso tudo tem o dedo de Benny.

Ele está aqui.

Ele pegou essa menina. Ele quer uma boneca nova.

Mas nessa loja? Matar uma mulher dessa idade sem nenhuma razão não é o seu modo de operar. Foi premeditado quando ele veio atrás dessa menina. Assassinando quando está enfurecido. Será que ele evoluiu? Será que ele precisa de suprimentos? Ele realmente voltou?

Capítulo quatro

Magenta

— Você é Madison Kline?

A mulher de vinte e poucos acena com a cabeça, os olhos arregalados de medo. — É verdade? A Sra. Hawthorne está... — sua voz treme, — m-morta?

Eu olho para a janela da loja alguns metros de distância onde eu passei a fita para isolar a área e termos alguma privacidade. Um dos peritos médicos está de pé, de costas para nós, olhando para o corpo. A mão de um deles faz movimentos para o ferimento no pescoço quando ele diz algo ao seu companheiro. Arrastando meus olhos de volta para a mulher, deixo escapar um suspiro.

— Temo que sim. Eu preciso te fazer algumas perguntas.

Ela balança a cabeça, uma pequena carranca cambaleante em seus lábios, mas seus olhos, agora lacrimejantes, se fixam na janela. — Quem faria uma coisa tão horrível? Sra. Hawthorne era uma pessoa legal. Ela fazia bonecas lindas. Não é como se nós vendêssemos o suficiente para qualquer um nos roubar. Eu não entendo.

Estendo a mão para ela e pego seu ombro. — Algumas pessoas são más, senhorita Kline. Podemos não entender seu raciocínio. — soltando-a, eu dou a ela um sorriso triste. — O melhor que podemos fazer agora é pegar o homem que fez isso.

Suas sobrancelhas sulcam juntos. — Homem?

Calor inunda meu rosto e eu engulo seco. — Pessoa, — eu me corrijo.

Embora homicídios sejam cometidos por homens em mais de oitenta por cento das vezes, ainda é um desliz que não devia ter acontecido.

Benny.

— Nós vamos pegar o agressor. Agora, você pode me dizer onde estava entre oito horas e meia-noite na noite passada?

Senhorita Kline assente. — Em casa. Tomei um banho por volta das oito. Assisti televisão até cerca de dez horas antes de ir para a cama. Por quê?

— Alguém pode corroborar a sua afirmação? — ela não é suspeita, estou simplesmente fazendo a devida investigação.

— Minha mãe. Eu ainda moro em casa.

Lanço meu olhar para o meu caderno enquanto rabisco informações para o meu relatório mais tarde, quando ela passa atrás de mim, a ponta do seu dedo tocando o vidro da janela da loja.

Virando a cabeça, eu a vejo olhar para dentro. Eu meio que esperava que ela explodisse em lágrimas ao ver o corpo da janela, mas ela vira o rosto manchado de lágrimas, apontando para a fileira de bonecas na frente.

— Isso não estava aqui ontem. Não é das nossas.

Meu corpo fica tenso quando eu sigo seu dedo. No final há uma boneca de porcelana. Com cabelo castanho bagunçado. Macacão. E um rosto triste.

Eu conheço esta boneca.

Benny.

Ela continua a falar, mas eu estou congelada no lugar, no calor sufocante do mercado mais uma vez. Eu estou com Benny e Macy. Eu estou embalando a boneca e colocando-a com cuidado para dentro da caixa, prometendo que o meu pai vai comprar dele, que tudo ficará bem e ela vai ser minha em breve.

Eu até mesmo quebrei minha promessa para uma boneca estúpida.

* * *

— Pare de chorar, — ele me alerta, observando através das barras, seu tom duro, nada como o homem do mercado.

— Os jornais dizem que você tem catorze anos.

— Eu tenho. Você sabe disso, eu te disse.

Ele me estuda através das grades que nos separam. — Eu achei que era mais velha, — ele brinca consigo mesmo.

Presumi que ele estava são. Eu acho que nós dois estávamos errados.

— Me deixe ir! O que você fez com Macy? — exijo, limpando as lágrimas.

— Nada. Ela está brincando com sua boneca. — ele abre o trinco na porta e as barras que geralmente bloqueiam o espaço entre nós se abrem em suas mãos. Com um grunhido, ele empurra uma boneca pela abertura.

Minha respiração engata em um soluço. Era a boneca que eu queria.

— Aqui está sua boneca, — ele me diz, agitando para mim.

Sobe uma raiva em meu intestino e eu corro para a porta, agarrando a boneca de sua mão.

— Eu não quero a sua boneca estúpida, — eu grito, puxando o cabelo e as roupas da boneca antes de jogá-la na cama. Quando eu corro de volta para o trinco, ele está olhando para a bagunça que eu fiz com sua boneca preciosa.

Ótimo.

Eu já disse a ele antes que era velha demais para suas bonecas estúpidas.

— Me deixe sair. Eu quero ir para casa, — eu abaixo na ponta dos pés para ver seu rosto através do trinco.

Um abismo frio olha de volta para mim, me sufocando em sua escuridão, como se estivesse penetrando meu corpo, me escondendo de dentro para fora.

Uma mão muito rápida me alcança e agarra em torno da minha garganta, apertado.

Meus olhos se expandem em choque, os vasos sanguíneos gritando por misericórdia.

Um grito tenta escapar de mim, mas é sem som. Ele é tão forte. Eu arranho a mão que tenta roubar minha vida, mas sem nenhum efeito. Ele permanece impassível, olhando para mim, seu aperto ganhando força.

Eu estou desaparecendo... morrendo... parando.

O ar entra em meus pulmões, queimando minha garganta crua quando ele me solta. Eu caio no chão e a dor infiltra em meus joelhos, atirando para cima do meu corpo.

Clank.

— Não. — eu sufoco, rastejando para longe da porta que agora está aberta. Sua sombra rasteja sobre mim como uma onda escura, me infectando, me oprimindo, me afogando.

Me puxando pelos cabelos, ele me arrasta para os meus pés, enquanto minhas pernas se agitam abaixo de mim. Os fios dos meus cabelos são incendiados, a dor abrange todo o meu couro cabeludo.

— Pare, por favor, — eu imploro, minha voz quebrada e rouca. — Eu quero ir para casa.

— Esta é a sua casa agora, — ele me diz, sem nem uma inflexão de emoção na voz.

Ele me puxa para trás e eu caio em cima da cama, seu punho segurando mechas de cabelo. Quando ele atrai o olhar para a boneca, meus olhos o seguem e um gemido me deixa.

Puxei tufos do cabelo e rasguei as roupas da boneca.

Lento e ameaçador, ele arrasta os olhos de volta para mim. Minha cabeça sacode enquanto meu corpo treme e se encolhe. Mãos pesadas me agarram, arrancando minhas roupas. Eu luto, atacando-o com um ataque frenético de energia e fúria. Humilhação, dor e medo saturam a minha alma quando ele me subjuga, sem qualquer esforço, me deixando só de calcinha e sutiã, envergonhada e aterrorizada quando ele acaba.

Pegando a boneca, ele sai enquanto eu me enrolo em posição fetal, traumatizada com a realidade penetrando em meu coração.

Eu não nunca mais iria para casa...

Nada ia ficar bem novamente.

* * *

— Detetive?

A voz dela me empurra do passado e as minhas palavras me sufocam quando eu tento falar. Quando uma grande mão firme agarra meu ombro, eu grito de surpresa.

Benny.

Meu corpo se move sobre os instintos que eu trabalhei duro para controlar; meus músculos se contraem e as aulas de kickboxing entram em jogo. Estendendo meu braço e girando ao redor com meu punho, me preparo para bater em seu nariz, meus pensamentos sobre a minha arma. Eu preciso dela para colocar buracos nele, de uma maneira que ele nunca se recupere, para só assim acabar com essa turbulência crescendo dentro de mim, assombrando minha vida.

Assim que meu punho voa em direção a figura do homem, a confusão me faz hesitar brevemente. É o suficiente que ele tenha tempo para pegar meu pulso e torcê-lo nas minhas costas, forçando meu corpo para frente. Nossos peitos se tocam quando eu caio contra ele, usando a mão livre para me equilibrar e meu rosto não bater contra sua estrutura física dura. Todo o meu corpo treme de terror, até seu cheiro invade os meus sentidos e a batida forte do meu coração faz com que eu o sinta bater contra a palma da minha mão. Ele coincide com a minha, batendo contra o meu peito, tentando se afastar e pôr fim a tudo isso.

Dillon.

— Jade, — ele sibila, seu hálito quente fazendo cócegas no meu rosto. — Sou eu, Dillon. O que diabos está acontecendo com você?

Lágrimas ameaçam escorrer bem nos meus olhos ao perceber que eu perdi minha cabeça na frente da pessoa que eu estava interrogando, e pior, do meu parceiro. Eu não deixo o derramamento de lágrimas acontecer e mordo o lábio para contê-las. — Não há nada de errado, — murmuro, puxando meus braços e embalando-os em volta de mim, não faço isso só para ter algum conforto. Eu me sinto fraca; Benny venceu.

Seus olhos escuros estreitam quando ele examina o meu rosto de perto. Eu nunca notei que Dillon tinha sardas. Ou que seus olhos mantinham segredos tristes. Eu nunca notei que ele tem cheiro de

couro e algo contraditório, hortelã ou pimenta, talvez? — Dê uma pausa para o almoço, — diz ele, em tom ríspido. — Quando eu encerrar aqui, vamos falar sobre isso. — ele me libera de seu olhar e volta para a loja.

Antes dele entrar, eu grito, — Detetive Scott.

Virando-se, ele me encara como se eu fosse um mistério que ele quer resolver. Ele nunca vai me entender. Inferno, nem eu mesmo me entendo.

— A sacola da boneca. Verifique se há impressões. Senhorita Kline diz que não estava aqui ontem.

É ele. *Eu sei que é ele.*

Olhando para a boneca e depois para mim com os olhos apertados, ele não se move. Ele deve sentir minha hesitação. Ele sabe que eu quero dizer mais.

— O que mais? — ele questiona com seu corpo bloqueando a porta.

— Eu acho que é *ele*. — as palavras são ditas antes que eu possa pará-las e eu desejo que pudesse empurrá-las de volta em minha boca.

Ele vai pensar que eu sou louca. Ele vai dizer ao Chefe Stanton que quer um novo parceiro.

— Ele como o... — ele começa, mas eu aceno e sigo em direção ao carro patrulha.

Eu tenho que sair daqui.

Tenho que pensar.

Benny está tão perto, eu posso sentir. Ele está de volta e eu vou acabar com ele.

* * *

Eu estive dando voltas no quarteirão durante vinte minutos. Dillon me mandou embora para limpar minha mente e está claro. Claro como cristal. É imperativo que eu fale com a mãe da menina desaparecida. Eu sei que estes casos estão ligados. Eu posso sentir isso em meus ossos. É muita coincidência.

Quando sua casa vem a vista de novo, eu solto uma rajada de ar. Eu provavelmente vou receber uma notificação por desobedecer às ordens novamente, mas eu não vou ser capaz de dormir até que isso seja feito. Eu preciso falar com ela.

Para possivelmente avisá-la da gravidade de sua situação.

A verdade é que ela nunca poderá ter sua filha de volta.

* * *

Um som de pés se arrastando e raspando me desperta do sono.

Ele voltou.

Um grunhido e depois um baque desperta a minha curiosidade.

Deslizando o lençol que ele permite que eu tenha, eu rastejo através da minha cela e olho através das grades, minha respiração engata quando eu o vejo ali.

Ele não está sozinho.

Há uma mulher deitada sobre a mesa, nua e inconsciente. Sentindo seus movimentos, eu rapidamente caio de joelhos para me abaixar quando ele se vira e passa pela minha cela para a porta que conduz a minha liberdade na parede à esquerda da nossa prisão.

Meu coração corre no meu peito e há uma enxurrada de animação no meu estômago que eu não sentia há muito tempo, que eu pensei que eu nunca sentiria novamente.

— Ei, — eu assobio. — Ei, você, — eu tento novamente um pouco mais alto, mantendo meus olhos entre ela e a porta.

Ouçó sons a partir da cela de Macy e ela sussurra, — Quem é essa?

— Ei, senhora. — eu tento bater minhas mãos no painel de madeira da porta da minha cela.

Ela se agita, levantando a mão até esfregar na sua cabeça, enquanto ela se desloca para uma posição sentada. Ela não é uma senhora. Ela é uma menina. Mais velha que eu, mas ainda uma menina, talvez dezenove, vinte anos.

— O que aconteceu? — ela questiona, sua voz pesada parecendo grogue. Uma cortina de cabelos escuros cobre seu rosto enquanto ela mergulha a cabeça para olhar para o chão e, em seguida, olha para cima. Nossos olhos se chocam, os dela confusos e os meus, preocupados.

Seus olhos se arregalam e ela salta para seus pés, oscilando um pouco. — Que porra está acontecendo? Quem é você? — ela exige com pânico em seu tom e volume. — Por que estou nua? — desta vez, a voz oscila de terror.

Ela não está aqui por vontade própria.

Ela é uma boneca nova.

— Shhh, — eu peço silêncio, apontando para a porta. Sua cabeça gira para onde eu aponto e ela sacode a cabeça, não antes de chegar até as barras que nos separam.

— Onde estamos? Por que você está aí? Quem é ele? — ela exige, suas palavras subindo de tom com cada pergunta.

Passos soam nas proximidades e, em seguida, a sombra dele se arrasta até a parede da porta aberta.

— Não olhe, Macy. Fique em sua cama, — eu sussurro. O ar é denso e uma agitação no meu estômago me diz que ela não deveria ver o que está prestes a acontecer.

Nem que eu deveria...

Cada passo que ele dá em nossa direção, desaba um pedaço da minha alma.

A menina achata as costas contra a porta da minha cela. — Fique longe de mim, — ela grita com ele, segurando as mãos na frente dela.

— Corra, — eu grito. Mas nós duas sabemos que não há para onde correr.

Ela se agacha e espreme seu corpo através da porta quando ele avança em sua direção. Com coragem que irrompe de algum lugar dentro dela, ela se joga nele, arranhando seu rosto. Ele assobia e bate em sua bochecha com as costas das mãos, antes de lhe dar um soco no estômago. Eu fico horrorizada quando a cabeça dela empurra para o lado como se estivesse presa a uma mola e se conecta à minha porta, fazendo-a vibrar contra meu corpo.

Ela grita e ele rosna em resposta.

Encarando-a, ele passa os dedos pelos arranhões que ela fez em seu rosto. O sangue espalhado por todo o rosto o torna ainda mais ameaçador.

Minhas mãos ficam brancas de agarrar as barras tão apertadas até começarem a perder a sensibilidade. — Pare, por favor, — eu peço por ela, mas eu já vi esse olhar antes em seus olhos. Eu fui a causa disso e resisti a punição... um pouco.

Ela ganha estabilidade e levanta a cabeça para olhar diretamente para mim. O sangue jorra de seu nariz e ela cospe um dente de sua boca, que goteja sangue também. É como uma cachoeira carmesim descendo pelos seus lábios. Ela se vira para seu novo mestre e a indiferença que mostra vacila quando ele começa a ranger os dentes.

— Olha o que você fez! — ele fole, segurando o queixo entre o polegar e o indicador.

Benny a puxa para o outro lado da sala, seus pés tropeçam e se arrastam para se estabilizar. Ele aperta com a mão a parte de trás da cabeça dela enquanto ele a obriga a olhar em um espelho manchado de ferrugem ao redor do quadro que decora a parede oposta minha cela.

— Você não é uma boneca mais, — ele rosna, empurrando a cabeça para frente para que ela possa ver melhor. Com um movimento rápido, ele puxa a cabeça para trás, forçando-a para frente mais uma vez.

O som doentio faz a bile subir na minha garganta. Alguém grita e levo um minuto para perceber que o ruído horrorizado está vindo de mim.

Uma e outra vez, ele acerta o rosto dela contra o espelho. O rangido da cabeça dela batendo e ossos esmagando com a força dele e depois é só o som do vômito estourando da minha boca, e a gosma nojenta se espalhando na minha frente.

É o ato mais repugnante e verdadeiramente terrível que eu já testemunhei, mas eu ainda não posso desviar o meu olhar. O sangue cobre cada polegada dele. Benny é um predador que aniquila sua presa. Com um acesso de raiva, ele deixa cair corpo sem vida no chão com um baque. Ele torce seu pescoço e, em seguida, gira lentamente a cabeça, seu olhar é sombrio, o meu é enfurecido.

O predador ainda está com fome.

Eu preparo o grito em minha garganta enquanto ele avança, mas morre antes que possa escapar. O medo me faz cair no chão e esperar

que o monstro saia da minha cela. Rezo para que ele cante, e cantando, poupe Macy e eu de sua ira.

* * *

Me arrastando de volta ao presente, eu tomo uma respiração profunda antes de encostar e parar o carro com uma freada brusca. Antes que eu possa mudar de ideia, eu já estou seguindo para a pequena casa de um andar, com as persianas que penduram das janelas. Benny é o combustível capaz de me incentivar a continuar.

Chegando aos degraus da frente, eu tento me acalmar, tomando respirações profundas como meu psiquiatra estúpido costumava pedir para eu fizesse em nossas sessões.

Respire, Jade.

Você está apenas ajudando esta menina.

Ela pode ser a chave para trazer Macy de volta.

Estou prestes a bater na porta quando ela de repente se abre. A mulher com cabelo louro encaracolado e bolsas sob os olhos me olha com um olhar expectante.

— Você achou Alena?

Meus ombros vacilam e eu balanço minha cabeça. — Ainda não, mas eu prometo que nós estamos fazendo tudo que podemos para encontrar sua filha.

Lágrimas enchem seus olhos enquanto ela acena com a cabeça. — Por favor, venha para dentro.

Eu a sigo para a casa e me sento na sala de estar. Ela se senta na cadeira, os olhos em uma fotografia de Alena na ponta da mesa.

Alena está mais jovem na foto, talvez nove ou dez anos. Ela segura uma boneca com cabelo vermelho.

Bonequinha linda.

Afastando o meu olhar da imagem, volto minha atenção para a mulher. — Alena tem algum namorado? Ela nunca foi desobediente? Vocês normalmente brigavam?

A senhora Stevens balança a cabeça e aperta seus longos dedos no colo. — Não, ela era um pouco estranha para sua idade. Nunca teve qualquer interesse em meninos, tanto quanto eu poderia dizer. Ela sempre fez o que lhe é dito. Uma boa menina, minha filha.

Isso confirma minhas suspeitas.

Macy e eu éramos boas meninas também.

— Você tem alguma ideia de quem poderia tê-la levado? — eu questiono.

Ela balança a cabeça. — Eu não sei. Você acha que alguém poderia ter levado meu bebê?

Benny.

— Nós não sabemos ainda, mas nós precisamos pensar em todas as possibilidades.

Foi Benny.

Estou morrendo de vontade de dizer a mesma coisa, mas mordo a língua. Em vez disso, eu puxo uma cópia da imagem do retrato falado que eu enfiei no bolso antes de eu sair da delegacia no dia anterior. Um retrato de quando eu acordei do coma anos atrás explicando em detalhes como Benny parecia. O desenhista fez um trabalho assustadoramente bom. Que parecia fazer Benny voltar à vida. Eu queria arrancar a foto de sua mão e rasgá-la em mil pedaços de tanto que parecia como ele.

Quando finalmente tive força, tirei uma cópia da imagem do banco de dados. Eu a mantive na gaveta da minha mesa como um lembrete, ele ainda está lá fora... eu só tenho que encontrá-lo.

— Senhora. Stevens, — eu começo quando eu afrouxo o aperto na imagem cuidadosamente dobrada em minha mão, para mostrar a ela, — Este homem parece familiar para você?

Ela pega de mim, cuidadosamente abre e seus olhos estreitam enquanto ela inspeciona. Por um momento, eu posso dizer o reconhecimento cintila nos olhos dela, mas depois de um longo minuto, ela balança a cabeça.

— Eu não conheço esse homem.

Eu olho para o retrato e vejo seu olhar sombrio e cruel em mim em sinal de advertência. *Eu estou vindo para você, bonequinha linda.*

Um arrepio passa por mim e eu tento engolir meu terror. — Você pode me dizer sobre a última vez que viu sua filha?

— Nós discutimos, — ela engasga, perdendo a compostura. Eu entrego a ela um lenço de papel e a encorajo.

Ela balança a cabeça e encolhe os ombros. — Não foi nada realmente, apenas sobre ela tirar dinheiro da minha bolsa sem perguntar.

Fungando, ela assoa o nariz, sorri para mim, embaraçada.

— Ela acabou de menstruar. Não me disse nada e acabou pegando dinheiro para comprar absorventes. Sou uma mãe compreensiva. Eu sei como é. Se ela tivesse me falado... — ela soluça, sugando um gole de ar. — Eu sou mulher e as meninas precisam das suas mães para estas coisas. Gostaria de tê-la levado para comprá-los. — ela olha para mim com os olhos vermelhos, lacrimejantes, esperando... o quê? Compreensão?

Eu não poderia oferecer.

* * *

Minha cela está congelante durante a noite e eu estou lamentando destruir a boneca de Benny. Meu colapso não levou a nada, exceto a me deixar seminua e envergonhada.

Está frio.

Tão frio.

Eu odeio ficar exposta apenas de calcinha e sutiã. Aranhas continuam deslizando pelo chão empoeirado e encontram o caminho para as minhas pernas me picando, deixando minha pele hipersensível e com coceira.

Quero chamar Macy, mas não podemos conversar quando ele está aqui. Quando ele sumir por um dia ou dois, conversaremos. Porém, ela não diz muito e eu tenho que a convencer de falar. Não tenho certeza de quanto tempo nós estamos aqui exatamente. Semanas? Meses? É difícil dizer.

Meu estômago dói e eu esfrego minha mão sobre a carne fria para melhorar. Ele tem feito isso ao longo dos últimos dias. E se eu estiver morrendo? Sacudindo o meu olhar para o banheiro improvisado no canto da minha cela, eu me encolho. Eu odeio usar aquela coisa suja e fere minhas pernas ficar sobre ele.

Eu levanto da cama e começo a caminhar para o banheiro quando uma umidade escorre entre as minhas pernas. Minha mão cai para tocar a umidade e meus olhos se arregalam quando ela volta manchada de sangue.

Olhando para baixo, eu vejo minha calcinha branca encharcada.

Eu estou sangrando.

Meu peito treme e um soluço silencioso escapa do meu peito.

— O que é isso?

Um suspiro escapa dos meus lábios. Eu pensei que ele estaria dormindo na cama que tem ao lado de sua mesa de trabalho do lado de fora de nossas celas, mas ele não está. Ele está olhando para dentro da minha cela, olhando para o sangue manchando minhas calcinhas e parte interna das coxas.

— Meu período, — murmuro, com medo e humilhada. A porta destranca e depois se abre. Realçado por uma brilhante luz da lâmpada em cima da sua cama, vejo seus músculos tensos e o suor que cobre sua pele como uma névoa fina. Ele é lindo e é assombroso.

Eu o odeio.

Quando ele dá um passo em minha direção, eu dou um passo para trás, e seus olhos se estreitam ao meu recuo.

Minhas mãos tentam esconder minhas partes íntimas cobertas pela calcinha, tentando esconder minha vergonha dele.

Ele já tem o suficiente de mim; minha dignidade ainda é minha.

Com um resmungo, ele avança sobre mim, afastando minhas mãos sem esforço. Ele me encurrala, em seguida, suas mãos pincelam sobre meus quadris, fazendo meu corpo tremer e explodir em arrepios.

Não me toque, não me toque, não me toque, eu grito mais e mais na minha cabeça, mas terror me mantém muda.

Enfiando os polegares na cintura da minha calcinha, ele as arrasta pelas minhas pernas. — Tire, — ele ordena, e eu engulo o caroço se formando na minha garganta.

Ele fica joelho na minha frente, sinto sua respiração quente e invasiva na minha parte inferior do estômago.

— Você fede, — ele anuncia.

Vergonha e horror ameaçam me consumir.

— Bonequinha suja. — seus dedos passam no sangue da minha coxa. Quando ele desliza os dedos em sua boca para provar o sangue e, em seguida, puxá-los para fora de uma forma vulgar, eu vomito.

— Você é uma mulher agora, — ele anuncia. Antes que eu possa falar, ele se levanta e sai da minha cela, levando minha calcinha com ele.

Quando ele chega na porta, ele para e olha de volta para mim. — Não. Se. Mova.

Minhas pernas se contraem, o instinto me diz para correr. Uma guerra se trava entre a cabeça e a adrenalina correndo na minha corrente sanguínea.

Você não vai fazer isso.

Corra.

Ele vai pegar você.

Corra.

Macy.

Eu tropeço para frente um pouco, mas é imperceptível para ele quando ele retorna para a minha cela com um balde. Água e sabão espirram em torno dele enquanto ele carrega o balde para mim e cai de joelhos novamente. Ele pega uma esponja e torce, o aroma de maçã invade meu nariz. O calor da esponja contra a minha carne é a melhor sensação desde que ele me roubou.

— Eu posso fazer isso sozinha, — sussurro, minha voz rouca e cautelosa.

— Não. — diz ele quando um rosnado baixo escapa da sua garganta. — Eu vou limpar a minha bonequinha suja. — ele mergulha a esponja de volta na água e passa em minha perna com a outra mão.

Quando em não me movo, ele bate de novo, com mais força.

Aperto minhas coxas, me recusando a obedecer seu comando sem voz.

Batendo em minha pele mais uma vez, ele tenta fazer com que eu as afaste. Eu cerro os dentes e continuo desconfiada.

— Fique suja então, — ele diz antes de ficar de pé, levando o balde com ele, mas eu não quero ficar suja e pegajosa. Eu alcanço seu braço em um ataque de desespero.

— Não, por favor.

Ele olha para minha mão em seu braço e eu rapidamente puxo de volta.

Eu abro ligeiramente minhas pernas para mostrar a ele que eu vou fazer o que ele me disse e ele me observa por um momento, me estudando em silêncio. Sem aviso, a força da água choca contra minhas coxas com um assobio, me fazendo ofegar.

Ele me limpa rapidamente e eficientemente, e então ele sai e a porta da cela é fechada. Estou prestes a quebrar com o pensamento de estar sem calcinha quando seu braço oscila através das barras, uma calcinha rosa pendurada em seu dedo.

* * *

— Detetive?

Eu afasto meu olhar da imagem e encontro os olhos questionadores da senhora Stevens.

Um brilho de suor encharca minha camisa de dentro para fora.

— Eu sinto muito...

Ela franze a testa. — É este o homem que você acha ter levado a minha filha? Você conhece este homem? Oh Deus, ele é um serial killer?

Recuando, eu me esforço para acalmá-la. — Não, eu só estou seguindo todas as pistas.

Sua cabeça treme quando ela aponta para mim. — Você o conhece. Quem é este? Você está chorando, detetive.

Eu abro minha boca e eu afasto as lágrimas impedindo que elas caíam. — Eu, uh... ele é apenas alguém...

— O que ele fez? Meu Deus, — ela sufoca.

Franzindo a testa, eu me inclino para frente e pego a mão dela.

— Este homem machucou a mim e minha irmã tempo atrás. Mas tenho razões para acreditar que ele está lá fora novamente. Ele pode não ter nada a ver com a sua filha, mas posso garantir que não vou dormir até encontrá-la. Eu estou pessoalmente investindo neste caso.

E é por isso que eu não deveria estar aqui. Eu estou arriscando meu crachá, divulgando essas coisas para ela, perdendo a minha cabeça, e deixando minhas memórias me arrastarem do presente.

Lágrimas caem sobre suas bochechas e ela aperta minha mão.

— Não deixe que ele machuque a minha menina. Oh Deus, por favor.

— Eu não vou permitir isso, eu prometo, — eu digo, tentando confortá-la, mas é uma promessa falsa. E se ele já a machucou?

— Obrigada, — ela engasga. — Obrigada. Eu sinto muito por tudo que aconteceu a você.

Dando a ela um sorriso enganador, eu assinto. — Eu também.

* * *

— Você vai me dizer o que aconteceu hoje cedo? — pergunta Dillon, seus olhos nos meus enquanto ele mexe várias vezes o açúcar no café.

O homem terá diabetes antes dos quarenta se ele não for cuidadoso. — Isso não vai deixar você mais doce. — eu aponto para o açúcar e ele sorri.

— Você acha que eu sou doce o suficiente?

Eu ronco. — Não é o que eu quis dizer.

Ele acena com a cabeça e se inclina para o lado — Eu sei o que você está tentando fazer. Não vai acontecer. Agora, responda à pergunta.

— Não foi nada. — minha mentira faz com que suas sobrancelhas se levantem. Nada afasta esse cara.

— Você quase nunca se deixa levar por suas merdas. Eu tenho observado você por oito meses e você nunca se perdeu assim, — diz ele com sua voz cada vez mais baixa. — Alguma coisa aconteceu e não vamos sair desse café até que você me diga o que era.

— Me observando por oito meses? — eu questiono enquanto pássaros vibram no meu estômago cantarolando, embora eu não saiba por que. Abaixando a cabeça, ele tosse e dá um tapinha no peito

— Trabalhando com você durante oito meses. Trabalhando, não observando. Você está tentando desviar do assunto em questão. — ele acusa, sem me olhar nos olhos.

O meu olhar cai no guardanapo, e eu saliento. — Isso não vai acontecer novamente, — digo a ele com a minha voz firme.

Nossos olhos se encontram novamente. No sol quente derramando pela janela, o seu olhar é um castanho chocolate derretido. Eu nunca percebi o quanto seus cílios são escuros. Dillon é bonito. Eu via a maneira como as mulheres na delegacia se derretiam para falar com ele, mas para ser honesta comigo mesma, eu nunca prestei muita atenção. *Mentirosa.*

Ele sempre me tratou como um fardo e eu respondia na mesma moeda. Agora que ele está mostrando preocupação, eu o vejo em uma nova luz e isso me irrita. Eu não quero que a nossa dinâmica mude. Eu não posso lidar com ele querendo estar dentro dos meus pensamentos. Ele não vai gostar.

Bonequinha suja.

Ele traz sua caneca para os lábios cheios e dá um gole no líquido quente, nunca quebrando o nosso olhar. A barba por fazer em suas bochechas cai bem para ele. Quando ele baixa sua caneca, ele corre os dedos pelo cabelo escuro e me dá um olhar que diz que *podemos ficar sentados aqui o dia todo.*

Entendo que eu não vou conseguir escapar tão facilmente, então bufo, resignada.

— Você leu meu arquivo ou sabe disso.

Um flash de raiva passa sobre suas características e ele me dá um aceno. — Psicopata.

Benny ou *eu*?

— Você acha? — eu lato com uma risada áspera.

Ele dá mais um gole no café, suas sobrancelhas escuras se juntam. Eu nunca tive a sua atenção e, francamente, isso me enerva. Estou consciente do coque bagunçado que prendi meu cabelo esta manhã. Da forma como o botão da minha camisa está desfeito na parte superior, permite que o ar frio beije minha carne. Do jeito que eu apressadamente passei a maquiagem antes de sair pela porta, não levando muito tempo para ficar bonita.

Bonequinha linda.

Um tremor corre através de mim e ele dá um tapa na mesa, me assustando.

— Não, Jade. Agora. Fale, — seu tom não deixa espaço para discussão.

— Eu, uh... eu me assustei porque... — eu paro e afasto as lágrimas que insistem em cair. — As bonecas. Meu sequestrador fazia bonecas. Ele as vendia no mercado. É como ele nos atraiu para sua van naquele dia.

Dillon não fala, mas sua mandíbula range enquanto ele cerra os dentes e aqueles olhos de chocolate derretido incendeiam com fúria, deixando evidente uma faísca que não se via anteriormente.

— Eu vi as bonecas e eu estava lá. Eu estava de volta na cela com ele. Seu corpo estava... — eu engasgo com as minhas palavras, — Sua respiração... oh, Jesus.

— Que doente, — Dillon rosna.

Benny ou *eu*?

* * *

O barulho da porta se fechando atrás dele me faz acordar assustada. Minha cela está escura como breu e ele não liga nenhuma luz para quebrar a escuridão que paira na calada da noite, mas eu posso sentir sua presença, a respiração irregular profunda ecoar em torno de mim. Se sentando no colchão, eu olho de soslaio, tentando ajustar meus olhos no escuro.

— O que você quer de mim? — eu assobio, com cuidado para não acordar a minha irmã.

Ele se senta na cama ao meu lado, o calor é escaldante entre nós, e eu me encolho para longe dele. Quando sua mão agarra meu braço e me puxa para ele, eu grito, apesar de querer ficar quieta.

Ele tinha acabado de matar outra menina. Eu não assisti, mas seus rostos ainda são fantasmas na minha cabeça, seus gritos ecoam na minha mente à noite.

Ela não estava certa, ele tinha cantado enquanto massacrava ela. Eu não conseguia bloquear seus gritos e murmúrios enquanto ela se afogava em sua própria essência da vida.

Quatro meninas tinham chegado e saído, deixando o mundo espiritual e minha voz interior sempre perguntava por que ele nos mantinha presas.

Mas ele nos mantinha.

Ele nos mantinha trancadas.

Afastadas uma da outra e carentes.

Carentes de conforto e conexões.

— Ela não foi honesta comigo. Não é bonita o suficiente e ela mentiu. Por que elas mentem sobre sua idade? Ela não tinha vinte e um, a habilitação dizia que ela tinha dezenove anos. Por que mentir? — ele me pergunta, mas eu não acho que ele quer uma resposta. Ele nunca quis antes.

Suas mãos vibram quando ele as esfrega nas coxas em seus jeans. Ele está sem camisa, como sempre, e o sangue se adere à sua pele, o fazendo parecer uma peça de arte macabra.

— Por que você nos mantém aqui? — eu vejo as palavras saindo da minha boca antes que eu possa pensar. O meu estado sonolento me deixou atrevida.

Quando a sua cabeça se vira para olhar para mim, eu puxo o ar e tento não murchar sob seu olhar.

— Você, — ele diz simplesmente.

— Eu?

— Sim, você. — a mão dele segura meu rosto e meu peito me restringe de inalar ar.

Seu corpo circunda o meu, sugando o oxigênio do ambiente, dos meus pulmões.

Isso é novo.

— Você é a boneca mais bonita que eu já vi. — sua respiração bate no meu rosto com um sopro de calor.

Bonita?

Ele normalmente me chama de boneca suja.

Nunca bonita.

Minha pele treme quando a boca dele se aproxima e ele inala o espaço entre minha orelha e o ombro. Faz cócegas quando ele suspira e fuça contra o meu cabelo. Estou acostumada a seu abuso. Suas palavras cruéis. Suas técnicas de fome e tortura.

Estou acostumada a ouvi-lo sobre o quanto ele gosta de vestir a minha irmã em vestidos ridículos e como ele pinta o rosto dela como se ela fosse uma boneca de verdade. Estou acostumada com a maneira como ele nos banha com um pano e esfrega nossa carne crua.

Durante três anos, esta tem sido a nossa vida.

Sermos suas prisioneiras em um mundo que só faz sentido para ele.

Eu não estou acostumada a isso.

Seu toque suave.

O crepitar ansioso da energia no ar.

Eu estou aterrorizada.

Assim como eu mudei e cresci em uma mulher ao longo dos anos, ele também mudou.

Ele está mais alto e seus músculos maiores. Seus músculos abdominais são definidos e o recuo profundo em seus quadris estão mais proeminentes. Seu cabelo está mais longo e não é cortado há um tempo.

— Eu quero brincar com a minha bonequinha suja. Eu não posso esperar mais. Você se sente pronta, com idade suficiente? — ele pergunta em meu pescoço, as mãos em ambos os lados da minha cabeça.

Não...

— Não. — eu consigo sufocar.

Ele se eleva acima de mim, me perfurando com seus olhos vazios.

— Eu quero brincar com a minha bonequinha suja. — suas palavras repetidas enviam um arrepio de medo através de mim. — Você é minha. Toda minha. Eu não vou esperar mais.

Sua língua se lança e passa no meu pescoço, logo abaixo da minha orelha. Fico congelada, com muito medo de me mover. Quando sua mão desliza na frente do meu peito nu e o agarra, o mundo gira em torno de mim.

Eu tinha ficado sem meu sutiã há um tempo, a coisa que eu tinha quando cheguei aqui.

Cheguei... como uma hóspede de hotel.

Quando eu o desafiei uma vez me recusando a tirá-lo para que ele pudesse me lavar, ele arrancou de mim e me fez viver nua desde então.

— É hora para eu amar minha boneca suja. — ele acaricia a mão sobre meu rosto. — Esse rosto é tão bonito e perfeito. — seus olhos caem sobre mim. — Este corpo. — seus joelhos vacilam entre minhas pernas, forçando-as a se separarem. — Sua buceta preciosa e pura.

Vômito queima na minha garganta e uma lava quente jorra dos meus olhos, queimando minhas bochechas no processo.

Eu me mexo embaixo dele num ato desesperado de tentar me livrar e é recebido com resistência quando o seu peso me prende na cama.

Suas mãos espalmadas me apalpa. O cheiro de cobre do sangue da boneca morta enche meu nariz. Ele se mexe em cima de mim, e com os pés puxa as pernas da calça jeans para baixo de sua cintura até que o seu comprimento duro está contra meu estômago.

Eu balanço minha cabeça, quando eu entendo o que está por vir, caindo sobre mim como uma chuva fria.

— Não, por favor.

— Eu te amo. — ele sibila, colocando a mão sobre a boca para me silenciar.

Amor.

Uma palavra estúpida que sai de sua boca detestável.

O único amor que eu já senti foi a da minha irmã e pais. Certamente não de Benny. Eu nunca vou sentir amor por este monstro que quer tomar mais de mim do que ele já tem. Não sobrar nada.

Ele levanta minha perna sobre o braço, me abrindo. A ponta do seu pênis aponta para mim até que ele está entre nossos corpos e alinhado com a minha entrada.

Meus olhos incham quando ele empurra para dentro de mim. Eu os fecho bem apertados, o fogo explode atrás de minhas pálpebras quando eu prendo a respiração e espero a dor excruciante diminuir.

Por que isso é tão ruim? Por que as pessoas escolhem fazer isso?

Seu peso ainda está me esmagando. Sua respiração é profunda e tensa.

— Perfeita, — ele anuncia.

Quero rasgar sua carne até que ele não passe de um papel amassado.

— Só vai doer por um minuto, — ele me assegura antes de empurrar para dentro de mim uma e outra vez.

Ele mentiu.

Nunca para de doer.

Ele finalmente para e grunhe, e um líquido quente esvazia dentro de mim e derrama para fora. Desesperada como louca, eu quero me limpar, mas eu estou congelada na cama. Eu nunca vou ter isso de volta.

Seu peso se eleva sobre o meu ao se sentar ao meu lado. Ele esfrega seu pênis e com a ponta do polegar, ele passa em meus lábios o resíduo da minha inocência, como se fosse batom.

— Minha bonequinha perfeita e suja. — sua cabeça cai para mim e seus lábios pairam sobre os meus. — Não há ninguém como você.

E então ele sai e eu estou sozinha, vazia e morrendo por dentro.

Arruinada.

* * *

Fechando os olhos, tento pensar em coisas mais felizes, mas é um breve momento.

Eu não sei o que diabos me faz feliz.

Macy.

Macy.

Macy.

Quando um braço forte se envolve em torno de mim, eu solto um grito. Somente então eu percebo que Dillon deslizou para dentro da cabine ao meu lado e me puxou contra seu corpo sólido. Uma lágrima faz seu caminho para fora, para minha grande consternação, mas eu não o afasto ou tento disfarçar a minha aflição.

Eu gentilmente o deixo me abraçar. É surreal sentir as lágrimas no meu rosto, sabendo que elas estão imergindo contra o algodão de sua camisa e ele não me julga neste momento. Eu não chorava há muito tempo.

Suas mãos grandes passam de cima e para baixo do lado do meu braço, acalmando meu coração que está disparado. O aroma de hortelã-pimenta e couro, agora misturados com café, me acalma e eu relaxo em seu aperto. É mais fácil do que eu imaginava que seria. Eu me encaixo contra ele como se a curva de seu corpo fosse criada para proteger uma mulher cheia de tristeza e enterrada nas memórias de uma menina quebrada criadas pelo momento. Suspirando em seu corpo, eu saboreio o conforto, grata a ele por não estar sendo provocador como habitual.

Depois de um momento, ele fala. Com minha cabeça contra ele, eu posso sentir o estrondo fundo sacudir o seu caminho através de mim. — A boneca. Na loja, — diz ele, sua voz grave, — era familiar?

— Sim.

— Você acha que o homicídio pode estar vinculado a seu próprio caso?

Eu assinto e mordo meu lábio inferior. — E a menina que foi retirada do shopping. Uma testemunha afirma que ela a viu falando com alguém que corresponde à descrição de Benny. Está tudo interligado, Dillon. Eu juro, eu não sou louca.

Levantando minha cabeça, eu olho em seus olhos para ver se ele acredita. Grande erro. Com minhas emoções em todo o lugar e o monstro do meu passado fresco em meus pensamentos, de repente eu me encontro ávida por mais conforto de Dillon. Um pensamento vergonhoso entra na minha mente e eu rapidamente me afasto. Mas quando seus olhos escuros roçam nos meus lábios por um breve momento, um calor me atravessa.

— Você não parece muito cadela deste ângulo, — ele brinca antes de me soltar. — Mas você ainda é irritante. — ele pisca e retorna para o seu lado da mesa, e minha pele arrepia instantaneamente com a perda dele.

Pensamentos de Bo fluem em minha consciência e eu quero vomitar.

Eu sou uma pessoa terrível.

É exatamente por isso que eu não deveria me casar com ele.

— Eu estou noiva, — eu deixo escapar.

Aparentemente, eu só não sei quando parar.

Um olhar que eu não consigo interpretar pisca sobre seu rosto antes dele limpar a garganta. — Felici-fodidas-tações. — ele força um sorriso. — Agora, me diga sobre esse filho da puta e como nós vamos finalmente capturá-lo.

Eu penso sobre os momentos imediatamente antes de agora, quando eu estava revivendo Benny roubando minha virgindade.

Isso foi o mais gentil que ele já tinha estado comigo. Após essa primeira vez, ele se tornou ávido pelo meu corpo e seu monstro deixar fora a coleira foi implacável. Ele gostava de me dizer constantemente como ele não era um perverso e meu corpo estava totalmente desenvolvido, ele era obcecado para não convencer apenas a mim, mas eu acho que a si mesmo. Seus problemas eram profundos.

Dillon quer saber sobre aquele idiota. Assim como Bo queria saber todos os detalhes sobre ele.

Mas eles não podem lidar com a realidade do que aconteceu comigo.

Inferno, eu mal posso lidar com isso.

Eu me escondo quando eu me lembro o que Benny fez comigo no final. Se eles soubessem tudo sobre ele, então eles saberiam tudo sobre mim.

Vergonha me banha.

Eles não podem saber.

* * *

— Por favor... — o meu apelo se desvanece em um sussurro quando sua mão continua a viajar para baixo, — Eu estou no meu período.

Ele ri e as vibrações apertam a minha própria alma. — Eu sei. Você tinha sangue nas coxas durante toda a semana. Mas você está quase pronta, quase sem sangramento, bonequinha suja.

— Eu não quero... — minhas palavras morrem na minha garganta no momento em que ele me toca entre as minhas pernas. Eu me contorço, tentando me afastar, mas ele me esfrega em um lugar que faz passar uma corrente elétrica através de mim.

Ele conhece meu corpo melhor do que eu agora, e às vezes, nem sequer parece que é meu. É como se meu corpo estivesse me traindo e pedindo para sentir a libertação que ele oferece. É a minha única saída deste lugar.

— Deite-se e me deixe amar você. — ele murmura, seus dedos massageando círculos abaixo dos meus pelos pubianos. Com cada redemoinho que seus dedos fortes fazem, eu sou arrastada para este pesadelo doente mais e mais.

O prazer pulsa através de mim, entorpecendo meus cortes e contusões de uma explosão que ele tinha antes, quando eu chamei a sua mais recente boneca de porcelana de feia.

Uma sensação externa de ódio ainda ruge constantemente dentro da minha cabeça. Estou presa em sua loucura perversa, deixando isso me devorar, de alguma forma eu não posso sequer compreender ou antecipar.

Antes mesmo de eu perceber, eu estou deitada de costas no colchão. Minhas coxas se abrem quando ele continua seu ataque contra mim, e eu não luto.

Eu geralmente luto.

Eu normalmente brigo, e grito enquanto ele me machuca.

Mas ele fez algo para minha mente sendo gentil, mudando o que nós compartilhamos antes com essa nova coisa que ele faz com o meu corpo.

Ele finalmente me quebrou.

E eu vou deixá-lo fazer coisas que eu nunca soube que eram possíveis.

— Oh... — eu lamento, cada músculo do meu corpo apertando com a necessidade de libertação.

Libertação de quê?

— É isso aí, bonequinha. Me mostre que você me ama.

Lágrimas caem nos meus olhos. Eu sou fraca, tão fraca por não empurrá-lo. Eu deveria chutar a cara dele. Correr enquanto eu posso. No entanto, eu não sei. É inútil de qualquer maneira. Ele é muito forte,

— Oh!

— Relaxe, — ele afirma, — deixe que isso aconteça.

E então acontece.

Seja o que for.

Uma luz branca me cega quando explode em torno de mim na minha cela escura. Um prazer que eu nunca soube que existia possui meu corpo até que eu estou tremendo, sem restrições. Nada faz sentido. Benny me machuca. E agora ele me toca de maneira que me faz sentir bem.

Estou perdida em meus pensamentos quando seu corpo pesado cai sobre o meu, me esmagando debaixo dele.

Eu posso sentir o seu...

— Oh Deus, — eu gemo quando a ponta do seu pênis empurra contra a minha abertura lisa.

Eu começo a chorar de desgosto de mim mesma. Eu tenho reações e emoções misturadas, minha mente me dizendo uma coisa, mas meu corpo dizendo outra. O contato humano, sob qualquer forma depois de um tempo se torna desejo.

Sua boca na minha me silencia. Ele nunca colocou sua boca na minha. Ele nunca me beijou na boca.

O que está acontecendo?

— Shhh, — ele murmura com seu hálito quente fazendo cócegas em meus lábios enquanto ele começa empurrando sua espessura dentro de mim.

Normalmente ele não se importa se ele me machuca.

Ele gosta de me machucar.

Não estou entendendo.

Eu soluço com a dor de deixá-lo me dar prazer me conflitando. Seus impulsos aumentam e ele começa a bater forte, ficando mais áspero, meu corpo dá solavancos debaixo dele. Parece como se ele estivesse me rasgando em duas. E pelo que sei, talvez ele esteja. Talvez ele vá me rasgar e consumir os restos da minha alma.

— Shhh, eu te amo, bonequinha.

Soluços sufocam minha garganta quando lágrimas deslizam pelo meu rosto, me fazendo hiperventilar. É oficial. Estou no inferno. Ele ainda permanece dentro de mim enquanto eu tento recuperar o fôlego.

— Você é minha. Toda minha. Me ame, minha linda bonequinha, — ele murmura, seus lábios encontrando meu pescoço. Ele suga a minha carne e começa a me beijar de uma forma quase reverente que me confunde. Eu estou tão envolvida em seus beijos que eu não percebo que ele também está massageando acima de onde ele está dentro de mim. Ondas de prazer começam a se construir de novo e a dor dele dentro de mim desaparece.

E eu preciso...

Eu estou deitada, minhas mãos agarrando em meus lados, mas como ele me faz sentir bem novamente, o desejo de tocá-lo, assume.

Contato. Conexão.

Meus dedos deslizam até seus ombros esculpidos quando uma fantasia começa a tocar em minha mente.

Que ele nos ama agora.

Ele vai ser gentil.

Ele vai nos deixar ir.

Ele está mudando. Isso tudo vai acabar logo.

O pensamento é passageiro. Ele nunca vai deixar suas bonecas irem.

Seus lábios encontram os meus novamente e ele me beija com uma emoção que eu sinto no meu próprio ser. Ele acredita que isso é amor. Que isso é real.

Não é.

Mas se eu entrar nesse jogo, talvez ele vá me tirar da minha cela.

Eu poderia ver Macy...

Poderíamos fugir.

Eu deslizo meus dedos em seus cabelos e o beijo de volta com um fervor que eu não sabia que possuía. Ele se atira em mim e dói, mas se eu o deixo acreditar que ele está me reivindicando, então talvez ele realmente vá cair na realidade e vai querer estar comigo fora destas paredes. Seu corpo consome o meu e eu me perco no papel que eu estou desempenhando.

O prazer se sobrepõe a dor, me distraíndo a tal ponto que eu sou uma participante voluntária, fingindo ou não.

Meus dedos apertam em seu cabelo comprido e encaracolado e eu abro minhas pernas.

Ele dirige para dentro de mim, me lembrando mais uma vez que ele é um homem e eu sou apenas a sua boneca. Mas a forma como ele sussurra beijos nos meus lábios como se eu fosse preciosa para ele, me faz pensar que eu estou conseguindo fazer ele me amar de verdade. Talvez eu tenha um certo poder também. Seios e pelos do corpo e

períodos menstruais pregam peças em homens? Eu estou me tornando sua mulher a seus olhos?

— Porra, você é tão perfeita, — ele resmunga, mordiscando meu lábio, mordendo e tirando sangue. É sua maneira de ser brincalhão, e amar ao mesmo tempo. Ele gosta de pintar os lábios vermelhos de sangue.

O som de sua pele me golpeando faz minha carne esquentar, um tremor dentro de mim começa a pulsar como antes, mas mais poderoso. Eu preciso dessa sensação de novo, como eu preciso respirar. — Você me ama?

Suas palavras me assustam, mas seus dedos nunca param de se mover entre as minhas pernas. Ele nunca diminui. Aqueles lábios que eu odeio adorar.

Não!

— S-sim, — eu gaguejo.

Eu te odeio!

Ele geme. — Eu vou gozar.

Isso significa que ele vai acabar em breve. Eu estou tentando planejar minha fuga quando o prazer passa através de mim mais uma vez me queimando. Isso provoca uma resposta dentro dele também. Seu pênis parece dobrar de tamanho, em seguida, um líquido quente derrama em mim.

Meu corpo é uma bagunça. Eu não sou nada além de uma boneca de pano, um trapo.

Ele desliza para fora de mim e o calor do seu corpo me deixa. Eu deito lá imóvel enquanto ele se mexe. Eu fico atordoada por não sei quanto tempo até que eu sinto um pano quente e úmido entre minhas pernas.

— Você está tão suja, bonequinha.

Pela primeira vez, as suas palavras não me fazem estremecer. Deixo ele me limpar e não luto com ele. Minha mente está embaralhada e confusa, mas é a primeira vez que ele entrou na minha cela, e eu senti como se eu tivesse algum poder.

É a primeira vez que ele fez algo de bom.

E se ele fizer essas coisas com Macy?

O pensamento comprime meus pulmões e eu sufoco minhas palavras. — Vo-você fez isso com a minha irmã?

Sua risada é quente no quarto escuro. Não consigo relaxar, como de costume. Isso cria uma queimação interior que não existia antes.

— Você quer que eu faça?

Não. Por favor... não.

Balanço a cabeça.

Sua mão aperta meu queixo e seu olhar mergulha no meu, me deixando vulnerável.

— Só você, bonequinha suja, — ele me assegura. — É só você.

* * *

A memória de Benny é muito fresca. Meu coração corre no meu peito e é quase como se eu ainda pudesse sentir o pulsar nojento que ele usou para evocar de mim entre as minhas coxas. Benny fodeu minha cabeça e virou meu corpo contra mim mais vezes do que eu posso me lembrar. Todos esses anos mais tarde, e ele ainda me encontra. Ele ainda sabe como fazer os meus pensamentos me traírem.

Eu posso não estar naquela cela mais, mas Benny ainda é meu dono.

Capítulo cinco

Carmin

— Scott. Phillips. Meu escritório. Agora! — a voz de Chefe Stanton ruge do fundo do corredor.

Meus olhos se levantam do meu relatório, encontrando o olhar confuso de Dillon. Ele me dá um aceno de cabeça antes de se levantar. Normalmente ele estaria chutando minhas bolas, tentando me irritar, mas algo mudou depois da tarde no café.

Nós nos tornamos parceiros.

Duas pessoas dedicadas à resolver um caso importante em conjunto.

Uma dupla imparável.

Amigos?

Quando eu me levanto e passo por ele, a palma da sua mão pressiona na parte inferior das minhas costas logo acima da minha bunda enquanto ele nos orienta para o corredor. E porra, eu não tremo ao seu toque, enquanto a minha carne aquece onde sua mão descansa. Eu tento afastar pensamentos errados e me concentrar na merda que estamos prestes a ouvir ao entrar na sala.

Quando chegamos ao escritório, Dillon abaixa a mão e entra antes de mim. Stanton está de pé ao lado da porta, respirando irritadamente com o rosto vermelho e palpitante.

O que diabos vamos fazer agora?

Uma vez lá dentro, ele bate à porta com tanta força que solto um grito de surpresa. Dillon rosna e fica entre o chefe e eu, como se para me proteger de sua raiva. Isso me aquece, e só vai irritar o nosso chefe ainda mais. Eu toco o braço de Dillon antes de encontrar meu lugar. Ele segue atrás de mim.

— Eu quero saber por que vocês dois acharam que estava tudo bem ir contra ordens diretas, — Stanton ferve enquanto cambaleia em sua cadeira. Ele se inclina para frente, os cotovelos sobre a mesa e olha para mim em particular.

— Eu não sei o que você quer dizer- — eu começo, mas ele me corta, batendo seu punho na mesa.

— Mentira!

— Ok, chefe, você precisa se acalmar, — Dillon late.

Mas Stanton está longe de ficar calmo. Ele está furioso. Eu já o vi irritado, com certeza, mas eu nunca o vi fora de controle antes.

— Alena Stevens. A garota desaparecida. Eu disse para a tenente Wallis recolocar vocês dois. Vocês estavam trabalhando no homicídio na loja de boneca. Por que diabos vocês amam perseguir casos de pessoas desaparecidas?

Dillon sacode a cabeça para mim e franze a testa. Balanço a cabeça, revirando os olhos, encontrando o olhar de Stanton. — Eu sei, mas eu estava na vizinhança e pensei que os casos podiam estar relacionados. Acontece que, eles estão.

O rosto do chefe fica tão vermelho que acho que ele pode explodir. — Você tem alguma ideia de que tipo de catástrofe na mídia você causou, Phillips?

Eu jogo meu olhar para Dillon e ele está perplexo. — Eu não sei o que quer dizer, senhor.

— Oh, não tente vir com suas besteiras para cima de mim agora, detetive. — ele agarra o seu monitor de computador e arrasta para que nós possamos ver. — Você disse a mulher que quem levou a sua filha era a mesma pessoa que levou você anos atrás!

— Não! — eu argumento, enrijecendo meu corpo. — Eu disse a ela que talvez. Que era possível.

— Não é o que a mídia diz. — ele rosna.

Então eu leio a manchete em um de nossos noticiários locais.

Caso arquivado está no fogo, enquanto a polícia faz a ligação de Alena Stevens ao sequestro de meninas há doze anos atrás.

Eu fecho meus olhos e tento expulsar a imagem do rosto de Alena ao lado do meu e da minha irmã. Engolindo, eu pisco os olhos e olho para Stanton. — Eu posso explicar. Eles têm que estar relacionados. Olha bem, a boneca da janela...

Ele late uma risada e bate a mão na mesa, me fazendo pular com o impacto. — Eles encontraram a menina.

Eles encontraram a menina.

Meu estômago se revira.

* * *

— *Tem certeza de que quer ver isso? — papai me pergunta, enquanto bate uma caixa sobre a mesa diante de nós.*

Nossos olhos se encontram e meu olhar é firme. — Só me mostre.

Depois de levantar a tampa, ele cutuca a caixa na minha direção. Mamãe se aproxima da sua cadeira ao meu lado e aperta minha mão.

Eu estou em casa por uma semana. Apenas uma semana. Meu antigo quarto não foi alterado, estava exatamente como era há quatro anos, assim como o de Macy.

É familiar, mas estranho. Reconfortante, mas agonizante. Apenas parte de mim tinha retornado, a outra parte ainda estava lá naquela cela com a minha irmã. Meus pais ficaram muito felizes em me ter de volta, mas eu posso ver a maneira como seus olhos se encontram quando não estou olhando. As perguntas dançam nas pontas de suas línguas. Querem saber o que aconteceu com suas duas filhinhas. A injustiça de só tido de volta uma filha, em vez de duas.

A pergunta queima em minha própria cabeça: eles me culpam?

Eu me culpo.

Com um suspiro alto, eu pego o primeiro recorte de jornal e meu corpo fica tenso.

Irmãs ainda desaparecidas - comunidade teme por sua segurança enquanto caça continua.

Macy sorri de volta para mim a partir da sua foto tão jovem e fresca.

Ela tem treze anos agora. Quatro anos inteiros haviam passado com a gente trancada, mas a vida continuou.

Bo ao lado, se formou na faculdade. Os vizinhos finalmente terminaram a reforma da sua casa. Mamãe ainda trabalhava no restaurante e meu pai na oficina.

A vida continuou... sem nós.

Eu solto a página e pego outra.

Corpo de adolescente desaparecida, Emma Miles, é descoberto

O corpo da adolescente desaparecida Emma Miles foi descoberto nas primeiras horas da manhã de ontem, detetives confirmam.

Emma Miles desapareceu há três dias em um carnaval onde ela estava desfrutando de uma noite agradável com os amigos.

Não foi determinado se este caso está relacionado com as meninas desaparecidas, Jade e Macy Phillips, que desapareceram mais de um ano atrás e ainda não foram encontradas.

Minha mão treme quando os olhos inocentes da menina que vive dentro de mim se vê na concha de uma pessoa que eu me tornei. A memória dele esmagando o rosto dela no espelho ainda está viva na minha mente, apesar do tempo que passou.

— Quantas, mamãe?

Ela não precisa perguntar o que eu estou me referindo. Ela pode sentir isso no meu tom triste.

— Quatro no total, mas mais velhas. Eles não sabiam se elas estavam relacionadas com o seu caso. Havia quatro meninas até um ano atrás, e depois nenhuma. O caso foi esfriando. — seu tom é triste enquanto ela mostra seu olhar cansado para mim. Ela envelheceu no tempo que eu estive fora. Rugas sulcam sua testa e seus olhos.

Eu contei quatro também, e então não havia mais, não desde a noite em que ele tirou a minha virgindade.

Será que ele começaria de novo, agora que eu tinha ido embora?

Eu jogo a caixa no chão enquanto tropeço em meus pés e corro para o banheiro. O vômito jorra para fora de mim e quando o meu estômago está vazio, finalmente, eu choro sobre o vaso sanitário, desejando que eu pudesse ser lavada com a descarga.

* * *

— Onde? — Dillon grita, me puxando do meu passado. — Onde foi que ela foi encontrada?

Eu pisco, afastando meu torpor e me concentrando nas palavras do chefe.

— Alena Stevens saiu com um rapaz que ela conheceu no shopping. Mas depois de um dia com este menino e percebendo que ele não era tudo o que parecia ser, ela voltou para casa. — seu olhar frio encontra o meu.

Um suspiro me deixa. — Ele a deixou ir? Benny a deixou sair de lá?

Dillon coloca a palma da mão no meu joelho para evitar dele saltar. — Pare, Jade.

Eu pisco em confusão e meus olhos voam de volta para Stanton. — Eu não entendo. Eles estão relacionados. Eu sei que estes dois casos estão relacionados!

Meu parceiro aperta minha coxa para me fazer calar a boca, mas não posso. Nada faz sentido. Eu sabia que ele tinha levado a menina. Assim como ele tinha me levado. Ele estava de volta. Caçando mais bonecas.

— Eu quero o seu crachá e arma. Não só você está fora do caso de homicídio, — o chefe se reposiciona, — você está tirando uma licença administrativa. Eu não quero vê-la até que toda essa merda passe. Você fez todo o departamento parecer um bando de idiotas incompetentes deixando a mulher vitimizada se sobrepor em ambos os casos. Tire sua bunda daqui pelo resto da semana.

Eu ainda permanecia como uma estátua enquanto suas palavras me invadiam.

Casos não relacionados.

Fora do caso.

Licença administrativa.

— Mas, chefe...

Dillon aperta minha coxa e balança a cabeça tristemente para mim. — Vamos, eu vou levá-la para fora.

Uma vez que estou fora, o vento chicoteia em minha carne e me cumprimenta com a seu abraço gelado. — Eu podia jurar que era ele, — eu sussurro, deixando cair a cabeça com vergonha. Com um aperto firme, ele me arrasta pelo braço em seu peito e eu deixo, caindo contra seu corpo. Dillon me confortando é uma nova revelação em nossa amizade, mas eu não posso mentir e dizer que eu não gosto. Eu gosto muito de estar pressionada contra o peito sólido. O calor de Dillon me envolve e me sinto segura. Pela primeira vez na minha vida, eu relaxo e deixo que alguém realmente me segure. É o máximo de paz que eu senti em um longo tempo.

Ele só me segura lá por um breve momento antes de me empurrar em direção ao meu carro. — Dê o fora daqui. O chefe só fez isso para tirá-la daqui e te dar algum tempo fora pela primeira vez. — ele sorri para me tranquilizar, mas não funciona. — E não pense que eu esqueci que você ainda me deve uma centena de dólares, — ele brinca em uma tentativa de aliviar o clima, e eu.

— Obrigada por tudo, — murmuro, quase inaudível, enquanto eu abro a porta do carro e deslizo no assento.

Ele agarra a porta antes que eu possa fechá-la. — Vamos pegá-lo, eventualmente, Jade. Eles sempre fazem merdas, e quando ele fizer, eu prometo que vou pegá-lo.

* * *

Eu olho fixamente para o copo agora vazio, e o chacoalho. Quando Bo chegar em casa, vou ter que dar a notícia a ele. Estou fodida. A própria ideia de confessar como meu dia terrível tinha ido, faz a bile subir na minha garganta.

Eu tinha tanta certeza.

Eu ainda estou chafurdando na minha falha quando ouço a porta da frente abrir. O meu noivo faz barulho enquanto entra, as chaves tilintando ao longo do caminho.

— Babe?

Ele entra na cozinha para me ver sentada na ilha, minhas pernas balançando para fora do balcão com uma garrafa meio vazia de uísque ao meu lado. Seus olhos se arregalaram por um breve momento antes que ele atire suas chaves no balcão e venha até mim.

— Jesus, Jade, — ele murmura enquanto ele envolve seus braços em volta de mim. — O que aconteceu?

Emoção faz minha garganta doer. — Tudo.

Ele me puxa do balcão para os meus pés instáveis. Quando eu balanço, ele me abraça com ele. Seus lábios se encontram no topo da minha cabeça e ele salpica beijos no meu cabelo, tentando me acalmar. A coisa é, eu não estou me sentindo muito aliviada. Nem um pouco parecido com o que Dillon tinha feito, de um jeito engraçado, para me acalmar mais cedo hoje no meio do meu colapso mental.

Um curso de arrepio passa através de mim.

Eu estou fazendo isso novamente.

Obcecada pelo apelo humano recém-descoberto de Dillon, enquanto eu preciso estar presente com o meu... noivo. Outro arrepio passa por mim.

— Vamos lá, — ele murmura. — Vamos, vou levá-la para a cama.

Ele de alguma forma me arrasta para o quarto e começa a tirar minhas roupas. Bo é um bom homem, cheio de carinho e proteção. Ele vai ser um bom marido um dia.

Para outra pessoa.

O pensamento me faz sentir doente por dentro.

Ele não quer outra pessoa, apesar de tudo. Ele quer que seja eu. Eu preciso me fazer querer ele também. Assim que ele me liberta da minha calça jeans e eu estou em nada além de minha calcinha, eu o ataco. Um rosnado baixo e satisfeito sai dele enquanto vejo seu pau endurecido através de suas calças.

— Me foda, Bo.

Nossos dentes colidem enquanto ele rasga sua roupa em tempo recorde. Ele me deita na cama e está dentro de mim no próximo segundo. Ele sussurra palavras doces enquanto faz amor comigo. Doce Bo, tão previsível.

Só uma vez eu gostaria que ele perdesse o controle e realmente me fodesse.

Como ele?

Meu cérebro se desliga quando eu me lembro da primeira vez que eu fui fodida.

* * *

— *De bruços.*

Sua ordem me assusta e eu vacilo, franzindo a testa para ele em confusão. — Por quê?

Estou preocupada que ele vá voltar para me machucar. Durante meses, ele fez essas coisas para o meu corpo. Ele me fez sentir prazer que eu ainda sou muito jovem para realmente entender. A própria ideia de ele vir aqui, enquanto está em seu estado monstro sombrio, me deixa quase histérica.

— *Não me questione, — ele ruge, — apenas faça.*

Eu me esforço para atender a sua instrução com o tom mortal de seu aviso. Ele está nu e nunca chegou a mim assim antes. É geralmente na calada da noite, quando ele está calmo.

Eu ainda estou esperançosa de que ele vá me amar.

Eu nunca vou amá-lo.

Que ele vai me chamar de sua linda bonequinha.

Que ele vai colocar a boca entre minhas pernas como ele recentemente começou a fazer e fazer a minha mente deixar a minha cela por um breve momento.

— *Assim, bonequinha linda, — ele murmura.*

Eu relaxo com suas palavras.

Ele dá um tapa na minha bunda com a palma da mão, deixando uma queimação lá e então ele aperta uma das bochechas com tal brutalidade que eu me contraio.

Ele agita com a outra mão em algo em seu bolso, em seguida, solta um pedaço de papel na minha cara. Agarrando o meu cabelo em um punho, ele levanta a cabeça e me faz olhar para a foto.

É um artigo de jornal sobre o aniversário do meu desaparecimento e de Macy. Na imagem, uma foto antiga que meu pai tirou. Sou eu e Macy. Bo está encostado na porta contra mim com um braço pendurado por cima do meu ombro e seu cão, Toby, entre nossos pés enquanto estamos encostados no caminhão do meu pai.

— Quem é este? — ele ferve, seu tom tão mortal, o frio a partir dele se arrasta em meus ossos e me congela.

— Ninguém, — asseguro a ele, minha voz um sussurro. — Só o meu vizinho.

— Então por que diabos o braço dele está em torno de você como se você pertencesse a ele? — ele rosna possessivamente, e eu murcho com susto. — Eu vou te foder. Você é minha, bonequinha. Não dele. Minha.

Estou prestes a questionar qual a diferença entre fazer amor e foder, quando ele mantém a prensão no meu cabelo, puxando minha cabeça para trás ainda mais, me esticando tanto, que restringe a minha respiração.

— Ahhh! — eu chio com meus lábios trêmulos.

— Implore por isso! Me diga de quem você é bonequinha!

Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto eu me esforço para colocar minhas mãos sobre o colchão para evitar que meu cabelo seja arrancado do meu couro cabeludo. — Por favor!

— Por favor, o quê? — ele exige, empurrando minhas coxas com o joelho.

— Eu sou sua boneca...

Seu aperto solta e eu caio contra o travesseiro novo que ele recentemente me presenteou. As pessoas não se importam com travesseiros até ficarem sem um por três anos. E quando lhe é dado um, você vai sentir apreço, você quase esquece do monstro escondido dentro dele.

Eu gemo quando ele empurra seu pau endurecido dentro do meu centro quente. Como sempre, meu corpo é receptivo e o aceita.

Ele é tudo que eu conheço. O único contato que eu tenho.

Ele muitas vezes me faz ficar sem comida, alimentando meu corpo com o seu... amor... ao invés.

Mais vezes do que não, eu renuncio alimentos de qualquer maneira, apenas para ter essa deliciosa sensação no meu corpo, flutuando em meus pensamentos.

— Você é minha bonequinha, — ele geme contra o meu cabelo enquanto ele empurra brutalmente em mim. Eu não estou acostumada a ele me levar desta forma. Tudo parece mais intenso.

— Sim.

— Eu quero sufocar a minha bonequinha.

Lágrimas enchem nos meus olhos e eu começo a discutir, mas a palma da sua mão envolve em torno de minha garganta. Seu aperto é forte e inflexível enquanto ele bate em mim por trás. Eu estou impotente para tirá-lo de cima de mim e eu me esforço para respirar. Todo o seu peso me esmaga, mas ele de alguma forma consegue deslizar a palma da mão em torno do meu estômago, me puxando para mais perto dele.

Será que ele vai me matar como as outras bonecas?

O pensamento me assusta, mas não como deveria. Eu não quero que Macy fique sozinha.

Para ele fazer isso com ela.

Para ser descartável para ele.

O ar engrossa em torno de mim e eu estou ciente da escuridão camuflando os meus sentidos, me sufocando. Eu quase desmaio com este pensamento em minha mente, mas no momento em que ele toca meu clitóris, ele me revive. Como a menina confusa que eu sou, eu escolho um orgasmo ao ar, assim como eu escolho sobre a nutrição.

— Boa menina, — ele murmura, e seu aperto afrouxando um pouco. — Me ame.

Eu chupo pequenos silvos de ar em meus pulmões, mas não é como se eu estivesse desesperada por isso, eu estou desesperada pelo intenso prazer que eu sei que ele vai dar se eu simplesmente me segurar. Ele

continua suas estocadas implacáveis enquanto seus dedos fazem sua dança mágica.

Entre seus toques de especialistas e da maneira brutal, ele me leva com a mão enorme em torno de minha garganta e eu gozo mais forte do que nunca. Eu apago completamente, sussurrando seu nome, o nome que ele não vai permitir que saia de meus lábios.

Benny.

Benny.

* * *

— Benny.

O movimento pára e eu abro os olhos enquanto o belo rosto de Bo amassa em devastação.

— Você... — a voz dele cai para um sussurro, — Você estava pensando naquele monstro?

Deus, não.

Sim.

Meu lábio oscila. Este parece ser um momento terrível para discutir com ele, com suas bolas dentro da minha vagina. — Eu, uh... eu tive um dia terrível.

Ele desliza para fora de mim e salta para fora da cama como se eu fosse uma cobra que está prestes a dar o bote. — O que aconteceu?

Eu franzo atesta enquanto ele se veste com velocidade recorde. — O chefe me colocou de licença. Eu pensei que a menina desaparecida e um homicídio estavam relacionados com...

— Relacionado com o que? — ele exige.

— Benny.

Seus lábios se apertam de raiva. O meu doce Bo não parece tão doce. Ele parece irritado. — Esta merda de novo, Jade? Nem toda garota desaparecida ou homicídio tem a ver com esse fodido doente.

Esta merda?

Ele espera que eu esqueça?

Será que ele não vê Benny vivendo dentro de mim, ainda me mantendo prisioneira em minha mente?

— Eu quero que você volte para seu terapeuta, — ele sibila, uma mordida fria em sua voz. — Você piorou recentemente. Isso está deixando você louca, Jade.

Com isso, me sento em meus cotovelos e rosno. — Você sabe como me sinto sobre a terapia. Não ajuda. Ela só deixa as coisas piores. Falamos em círculos e nada fica resolvido. Eu não vou voltar. Eu cometi um erro e eu tenho uma semana para pensar sobre isso.

Ele esfrega o rosto com a palma da mão. — Por que não está usando o seu anel?

Culpa desliza sobre mim como óleo. — Meu trabalho...

— Você está mentindo. Você ao menos contou a alguém sobre o nosso noivado? Seus pais?

Eu fecho meus olhos.

— Eu contei ao meu parceiro, — eu falo, quase me desculpando.

Uma risada áspera lhe escapa. — Babe, você precisa se recompor. Eu estive de braços cruzados por tempo suficiente, mas não vou assistir você se destruir. Vá ver o terapeuta ou... — ele diz saindo com um olhar severo.

— Ou o quê?

— Esqueça. — ele vacila na sua resposta, se virando de frente para o armário.

Lutando para sair da cama, ainda desajeitada, bêbada, eu me firmo no chão. — Ou o que, Bo?

Ele enfia algumas roupas em uma mochila e os cabides caem enquanto cada camisa se solta. — Ou nós podemos também jogar a toalha agora. Como diabos vamos ter crianças em uma situação como esta?

Crianças?

Eu engasgo para ele com um olhar estupefato no meu rosto.

— Como eu disse, — ele bufa, — esqueça. Eu sempre soube que seria difícil você ficar na mesma página que eu. Eu só não sabia que seria impossível.

Uma lágrima escorre no meu rosto enquanto ele empurra o meu passado do armário.

— Aonde você vai?

Ele dá de ombros. — Vou para minha mãe. Se precisar de mim, você pode me encontrar lá. Você parece precisar de algum espaço para colocar sua cabeça em ordem. Eu estarei esperando por você quando você sair dessa. Como de costume.

Não vá. Não me deixe sozinha.

Eu fico lá nua, com a boca aberta em choque enquanto eu assisto o menino que sempre estive lá para mim sair pela porta.

Capítulo seis

Pele vermelha

Olhando ao redor do apartamento desta mulher, ou médica... ou o que quer que ela seja, chama de escritório, vejo mil itens que ninguém poderia precisar em sua vida. Tantas coisas.

Não há fotos ou evidência de uma família.

Apenas coisas dela.

Como se ela as recolhesse para preencher um vazio em sua vida.

Ela está vestida com um terninho um tamanho grande demais e ele fica fortemente solto em volta do corpo, disfarçando as curvas femininas por baixo.

— Você quer se sentar? — pergunta ela, gesticulando com a caneta que não produz tinta. Em vez disso, escreve em um tablet que envia diretamente para seu computador para arquivar para uma data posterior. Tão sofisticado...

Por que as pessoas sentem a necessidade de falar com um psiquiatra eu nunca vou entender. Mas isso não serve ao meu propósito. Que mal pode fazer?

— Eu gosto da sua roupa, — eu minto, e eu acho que ela sabe disso. Seus olhos se estreitam, me medindo de cima abaixo.

— A sua também é muito bonita. — seu sorriso genuíno enruga as linhas ao redor dos olhos, mostrando a sua idade.

Bonita.

A palavra na boca de outra pessoa é apenas uma palavra.

Respire.

Minhas mãos pousam na frente do meu vestido e eu quase sinto em usá-lo, mas não completamente.

Bonequinha linda.

Meus dedos deslizam ao longo do vidro frio do aquário de peixe no meio da sala. É claro que foi colocado lá para trazer um impacto, mas tudo o que me diz sobre essa mulher é que ela é sozinha, *como eu*. Só que eu não preciso me cercar de animais de estimação que vão morrer e ser substituídos para saber isso.

Aqui neste mundo grande e mau, eu estou sozinha.

Ela me permite vaguear no seu espaço e não insiste para eu me sentar ou falar, então eu tomo meu tempo e, eventualmente, me sento na cadeira.

— Como você está? — ela pergunta.

Que coisa simples, ainda que seja uma pergunta. *Como estou?*

Eu estou assustada. Estou com fome. Estou perdida.

— Eu estou sentindo falta de um pedaço de mim, — eu respondo a verdade antes de mudar o meu olhar para avaliar sua resposta.

Ela estava esperando tal honestidade? Será que ela vê através do meu vestido e meu cabelo, a boneca quebrada que está embaixo?

— Me conte sobre isso. O que está faltando? — ela roda a caneta sobre o tablet, mas não consigo ver o que ela está escrevendo. Seu nariz franze ligeiramente e isso me faz pensar que ela percebe mais do que eu acho.

Ela não mantém os olhos baixos e de alguma forma consegue manter contato visual comigo o tempo todo, apesar de sua tomada de nota subtil.

— Quando eu era uma menina, — eu digo, distraída, os olhos indo para o aquário de peixes, onde um peixe azul persegue um amarelo, — minha irmã era fascinada pelo meu cabelo. Ela costumava trançar ambos os lados e eu costumava deixar. Isso ajudava a evitar que os nós se formassem. — eu sorrio com carinho, lembrando.

— Me conte mais sobre a sua irmã, vocês eram próximas? — o interesse da mulher é despertado e ela se inclina ligeiramente para frente, como se ela não quisesse perder um único detalhe.

A imagem dela pisca na minha mente e eu a mantenho lá, aterrorizada que um dia a memória do seu rosto vá desaparecer e fugir

para sempre. Tão perfeita. Cabelo escuro. Olhos castanhos brilhantes. Bonita.

Bonequinha linda.

— Mais próximas do que qualquer coisa, — eu sussurro. Meus braços serpenteiam em torno do meu estômago. — Você tem um pouco de água?

Ela aponta para um jarro de água transparente que parece ter um pepino cortado flutuando. — Fique à vontade.

Eu derramo a água e uma fatia estatela no copo, fazendo com que alguns pingos saltem para fora, molhando a mesa.

— Desculpe, — murmuro, tentando limpar com a minha mão. Eu não sei me comportar em um apartamento estúpido que tem peixes como um recurso de água potável.

— Está tudo bem, deixe aí. — inclinando-se para frente, ela dá um tapinha na minha mão e eu tremo, voltando no meu lugar. Seus olhos se arregalam e ela levanta a mão em sinal de rendição. — Eu sinto muito, você não gosta de ser tocada?

Eu gosto de ser tocada... apenas não por estranhos.

Capítulo sete

Chama vermelha

Já se passaram três dias desde que Bo me deixou e ele tem ignorando minhas mensagens, então isso significa que eu estive sozinha desde então. É difícil de acreditar, mas uma sensação de alívio se estabelece sobre mim. O fato de que estou aliviada por meu namorado não estar mais enrolado em mim, diz muito sobre a minha cabeça fodida. *E nosso relacionamento fodido.*

Estar sozinha, sem o olhar atento de Bo me permite passar os arquivos antigos dos casos. Andar ao redor da sala quando minha ansiedade não me deixa dormir.

Eu estou livre para pensar sobre Macy.

Eu posso ter paz na minha vida em casa, mas eu tenho uma obsessão de uma forma totalmente nova. Eu estive colada ao meu laptop fazendo buscas. Sempre buscando.

Com meus pés apoiados na mesa de café, eu olho mais uma loja local que fornece itens para a fabricação de bonecas artesanais. Benny era sempre tão exigente sobre os cílios e cabelos que ele comprava para as bonecas. Eu aprendi isso desde quando eu arruinei uma delas e ele gritou, entrando na minha cela no dia seguinte, falando sobre o quão difícil seria conseguir a cor correta para reparar os estragos que eu tinha feito.

Cabelo bonito para minhas bonecas bonitas.

Acredite ou não, existem sites inteiros dedicados à cabelos de bonecas. Eu passei a maior parte dos dias procurando por aqueles que se encontravam perto de onde eles me acharam.

Mais cedo, no chuveiro, eu me perguntei sobre Benny. Será que ele realmente saiu de casa e veio até mim? O pensamento de minha irmã sozinha é demais para suportar. Eu passei boas horas chorando no chuveiro.

Uma batida repentina na minha porta desvia a minha atenção. Eu olho para a minha camisa e shorts minúsculos, eu não preciso necessariamente atender a porta.

Talvez seja Bo.

A culpa me invade e me carrega até a minha porta da frente. Eu tenho um pedido de desculpas ensaiado em meus lábios quando eu abro. Uma sombra escura de um homem está na entrada, um homem mais alto e mais largo do que Bo. Sem pensar, bato a porta e vou para o meu quarto, onde eu mantenho uma Glock na minha mesa de cabeceira para emergências. O chefe me afastou do meu serviço, mas eu seria besta de não me proteger.

Enquanto eu corro pelo corredor, ouço as batidas na porta da frente e os passos pesados atrás de mim. Eu estou curvada, arrastando minha arma da gaveta, quando um braço forte me pega pela cintura. Me viro ferozmente para ele, quando a arma escorrega de minhas mãos. Ele me força em cima da cama, prendendo ambos os pulsos contra lençóis.

— Acalme-se, Jade.

Respire.

Eu paro de lutar e me perco nos olhos de chocolate que eu não via há alguns dias.

Dillon.

— Eu pensei que você fosse... — eu paro, minha voz rouca.

— Ele?

Balançando a cabeça, eu faço uma varredura da forma como ele está pressionado contra mim, seus quadris poderosos esmagando os meus. Seu domínio sobre meus pulsos é doloroso e eu sei que vou ter contusões durante dias.

Você está acostumada a isso. Benny feria você na cama o tempo todo, bonequinha suja.

Eu aperto meus olhos e tento controlar a loucura da minha cabeça. — Me desculpe se eu tentei matá-lo, — eu digo.

Dillon ri, mas não me solta. Isso faz com que seu corpo roce mais perto do meu, e meus mamilos reagem. Quando eu reabro os olhos, ele está olhando para mim com um olhar que eu nunca vi antes.

Desejo.

Eu acho que é o que rodopia em seus olhos, o aquecimento de suas bochechas e língua se lançando para umedecer seu lábio inferior.

— A delegacia tem estado solitária sem você.

Ainda assim, ele não se move.

Um calor escorre logo abaixo da minha pele e eu rolo meus olhos.
— Ninguém sente falta de mim lá. Todos eles odeiam a garota louca.

Ele franze a testa, enquanto seus olhos caem para meus lábios mais uma vez. Isso faz o meu coração pular alto no meu peito. — Senti sua falta.

Minha boca se abre em estado de choque. Antes que eu possa responder, ele me solta e se levanta. Estou esparramada em minhas costas, meu peito arfando e um desejo proibido girando em minhas veias. Ele desliza o seu olhar sobre os meus seios antes de dar um ligeiro aceno de cabeça, como se para limpá-la.

— Vista-se, — ele late enquanto sai do quarto. — Vou levá-la para colocar um pouco de carne em seus ossos.

Assim que ele sai, eu olho para a minha barriga esticada e mamilos duros contra o tecido. A camisa tinha subido, revelando a pele do meu estômago. Uma onda de excitação ondula através de mim.

Espere, ele disse comida?

Tento me lembrar da última vez que eu realmente comi alguma coisa durante esse tempo, eu não consigo me lembrar. Todos esses anos no sótão de Benny me ensinaram a sobreviver com o mínimo. Pobre Bo achou que era seu dever me manter alimentada.

Mas Bo me deixou.

E agora Dillon vai me alimentar.

Desta vez, eu não afasto os pensamentos vergonhosos.

Eu gosto de todos e cada um deles enquanto eu me visto.

* * *

Eu tenho uma obsessão com hambúrgueres. Eu aperto o pão, derramando gordura e queijo para fora, antes de esticar minha boca o quanto eu posso, devorando cada pedacinho a cada mordida.

— Com fome? — Dillon observa, empurrando a tigela de batatas fritas para mim. Eu me sirvo de uma, mergulhando em meu shake antes de enfiar pelos meus lábios.

— Isso não vai a lugar nenhum, — diz ele com uma calorosa risada, profunda. — Posso pedir mais.

— Benny nos alimentava com aveia e cereais, — eu digo, abertamente e despreocupada.

Por que eu estava dizendo a verdade? Eu não contei a ninguém essa coisa. Não para Bo. Nem para meus pais. Nem a ninguém.

— Era só isso? — ele inclina a cabeça para o lado, me estudando.

Era só isso? Eu tenho que segurar meu riso de nojo. Nós não estávamos na porra da Disney.

— Ele foi um anfitrião terrível, — murmuro, roubando mais de suas batatas fritas.

— Eu queria ter te ligado.

Eu pego o meu shake e sugo o canudo fazendo barulho, ignorando a batida estúpida que meu coração acabou de fazer.

— Sério? — eu sorrio por trás da taça.

Puxando algo da bolsa que ele trouxe ao restaurante com ele, ele desliza um documento para mim.

— As roupas da boneca.

Minha cabeça abaixa quando eu pego o pedaço de papel.

— Elas tinham o DNA de sua irmã.

Eu deixo a taça cair como se ela estivesse em chamas, derrubando o resto do meu shake no chão. Ele escoia para fora, frio e imparável.

Assim como Benny.

Macy.

A garçonete corre em nossa direção, mas Dillon levanta a mão para impedi-la de se aproximar.

— Sangue?

Estou morrendo por dentro. Eu a deixei. Ele a matou por minha causa.

— Não. — ele assegura, pegando a minha mão. — Eu prometo. Nada de sangue. Tudo vai ficar bem, Jade. Eu juro.

— Não vai. — eu sussurro.

Nada está bem. Nada vai ficar bem.

— Era saliva e cabelo.

Eu li os arquivos de nosso caso, já que fui forçada. Eles haviam pegado o nosso cabelo e escova de dentes doze anos atrás, quando a investigação estava em andamento.

— É uma mensagem, — eu engasgo, caindo de volta no assento para me impedir de cair.

— Ele tem ficado dormente, tanto quanto sabemos, nos últimos oito anos, — diz ele. — O que você acha que poderia ter causado a mudança?

Minha cabeça trava uma batalha com as minhas memórias. Todos esses anos nós estivemos lá e matou até que ele achou que eu estava pronta para...

— Ela fez vinte e um anos um mês atrás, — murmuro, as palavras parecendo pegajosas na boca.

Ele olha para mim, mas eu não posso olhar nos olhos dele. — O que isso significa? Por que isso é relevante?

* * *

O choro na calada da noite, na cela de Macy, não acorda Benny que foi para a cama depois de deixar a minha cela e tudo está quieto, então eu sei que não é por causa dele. Desde que ele fez as cicatrizes no rosto de Macy, ele fica furioso quando ele olha para ela, se culpando pelo seu novo visual e então a pune com o cinto. Seu punho. Seu ódio.

— Jade, — ela choraminga. — Jade, eu estou sangrando.

Correndo para a porta, eu estico minha mão, sonhando com o dia em que nossas palmas vão se tocar novamente.

— Shhh, Macy, — eu peço, aterrorizada que ela vá acordá-lo.

Ele ficou irritado com a gente falando uma vez e fez o impensável. Depois de nos mandar ficar quietas, ele costurou nossos lábios. Me lembro da forma como a agulha queimava quando ele rasgava a minha carne com tal precisão. Após os primeiros buracos, eu estava entorpecida com a dor. A dor era incapacitante, mas as cicatrizes era o que mais me preocupavam. Ele já tratara Macy mal por causa do que ele fez em seu rosto uma vez antes. Fiquei preocupada que iria deixar cicatrizes e ele não iria mais nos querer, que seríamos finalmente descartáveis para ele. Mas Benny era um especialista com uma agulha e linha e algumas semanas mais tarde, os pequenos buracos cicatrizaram com a pomada que ele colocou sobre eles. Esfregando o dedo sobre o lábio, eu tremo quando penso em todos os horrores que enfrentamos enquanto ficamos a sua mercê.

— Eu estou sangrando, — ela soluça, e todo o meu corpo treme de medo, medo que ele vai acordar e punir as pequenas bonecas desobedientes. De soslaio, eu a vejo impulsionar a mão através das barras da cela.

— Onde?

— Entre as minhas pernas, — ela sussurra. — Estou morrendo, Jade?

Meu coração se parte em dois. Mãe nunca teve ‘a conversa’ com ela sobre menstruação. Ela era muito jovem na época.

— Significa apenas que você está se tornando uma mulher agora, — eu asseguro a ela, tentando manter a oscilação da minha voz. — Tudo vai dar certo. Eu prometo. — outra promessa que não pude manter.

— Uma mulher?

— Sim. Isso acontece com todas as meninas, eventualmente.

— Isso aconteceu com você? — ela soluça e funga.

— Sim.

— Então, eu sou como você agora?

— Sim.

— Benjamin vai fazer essas coisas comigo agora... as coisas que deixa você feliz?

Feliz? Vergonha flutua em minha alma.

Vai?

— Eu não sou um perverso, — ele late, interrompendo a nossa conversa. Girando em sua cama e ficando de pé, seus olhos frios encontram os meus.

Ele pisa em nossa direção e ela choraminga a cada passo.

— Você nem sequer tem tetos, — observa ele, desgosto em seu tom cortante. — O que eu disse à vocês sobre conversar? — a raiva rola sob sua superfície. Eu quase posso ver o vapor saindo de sua pele. Como um demônio diretamente do inferno.

Olhando na cela dela, ele reclama, — Olhe para essa bagunça.

— Deixe ela em paz, seu idiota, — eu grito, sacudindo as barras como um chimpanzé preso.

A atenção dela se volta até a mim e seus pés o levam para a minha cela. — O quê?

— Não seja um perverso, Benny: — eu rosno, incitando-o. Seus olhos acendem e ele cava no bolso, retirando a chave da minha porta. A porta se abre e ele dá um passo ameaçador em minha direção.

— Ela é só uma menina. — eu balanço minha cabeça, repudiando sua aproximação enquanto eu bato nele.

— Eu não iria tocá-la assim, — ele estala, se defendendo. — Eu não sou um perverso.

Balançando a cabeça, eu fungo. — Você me tocou desse jeito.

— Você tem vinte e um anos. — ele late, argumentando, batendo em sua própria cabeça com a palma da sua mão.

— Não, eu não tenho, — eu ferve. Ele aperta fecha os olhos e depois os abre, as pupilas estão sombrias. — Você parece ter. — ele rosna, olhando para mim. — Eu não sou a porra de um perverso! — ele fala novamente. O monstro do meu mundo pisa em minha direção e balança seu punho, conectando com a minha mandíbula. O impacto preciso me joga de meus pés e eu bato no chão frio.

A dor brilha através de mim, mas eu não tenho tempo para registrar quando sua bota colide com as minhas costelas e um estalo forte rouba minha respiração. Ele me arrasta para os meus pés enquanto eu suspiro desesperadamente por ar.

— Não mais, — eu chio.

Estou jogada na cama, meu corpo se desintegrando como uma boneca de pano que caiu da mão de uma criança mimada.

— Eu não sou um perverso, — ele assobia contra a minha orelha. O peso de seu corpo me sufoca. Meus pulmões rugem por ar e eu suspiro. Seu pênis está dentro de mim um momento depois e seu corpo empurra contra mim, duro e feroz.

— Eu não sou um perverso, — ele canta enquanto me estupra. Eu estou morrendo debaixo dele. Escuridão enevoa meus olhos e minha cabeça gira. — Só você, bonequinha. Eu não preciso de outra.

Uma arfada... suspiro... nada.

Eu acordo na minha cama com ataduras em volta do meu abdômen e um bloco de gelo no meu rosto.

Ele não abusaria de mim de novo, até que meu rosto estivesse bem novamente.

* * *

— Eu tinha dezessete anos quando ele me estuprou, mas ele sempre disse que eu parecia mais velha e fazia questão que as garotas fossem novas. Eu acho que ele achava que vinte e um anos de idade era aceitável para o sexo. Eu tinha apenas dezessete anos, mas eu acho que ele não podia esperar mais. — eu pisco, afastando o torpor das minhas memórias horríveis e encontro os olhos de dor do meu parceiro. Suas sobrancelhas se juntam, enquanto ele tenta dar sentido a essa afirmação. — Algo deve ter acontecido em seu passado que o atormenta, embora eu nunca tenha conseguido descobrir o que foi.

A mandíbula de Dillon se aperta e ele fecha os punhos como uma tentativa de conter sua raiva. — Ele é um filho da puta doente, porra. Não há desculpa para o que ele fez.

Ele está com raiva por mim. Bo sempre ficou triste por mim. Eu nunca tive um defensor assim perante o tribunal. Não assim.

Arrastando meus olhos dos seus olhos furiosos, eu cavo minhas unhas na pele dos meus braços como se eu o abraçasse.

Respire.

— Você acha que ele vai seguir em frente com ela agora?

As cicatrizes dela piscam na minha mente.

— *Arruinada, boneca arruinada.*

— *Não a machuque, — eu imploro quando eu o vejo com um vestido pronto para Macy.*

— *Eu vou deixa-la bonita, mas ela nunca vai ser perfeita como você, boneca suja.*

— Não, — eu digo a Dillon com convicção. — Ele teria esperado ela se tornar mulher, mas ela ainda não será suficiente para ele por causa da cicatriz. — aperto minha cabeça. — Ele vai buscar uma nova boneca para ter satisfação sexual. Isso é o que as outras bonecas eram, aquelas que ele matou. Elas eram todas mais velhas do que nós, e nenhuma delas era perfeita o suficiente. — deixo escapar um longo suspiro.

Por que eu não tinha pensado nisso até agora?

Porque sua cabeça está fodida quando se trata dele.

— Então, nós estamos olhando para um possível futuro sequestro. — ele olha para mim. — E novos assassinatos, se ele não encontrar uma que ele goste. — ele bate um punho na mesa, fazendo com que os pratos a chacoalhem. — Porra!

— Ou, — eu sussurro, principalmente para mim mesma, — Ele está voltando para a sua bonequinha suja.

— Bonequinha suja? — Dillon recua quando ele repete as palavras.

— Eu.

* * *

Minha bexiga grita por socorro. Me levantando, eu empurro o lençol para longe do meu corpo e marcho para o banheiro. Vozes me alertam para mais do que apenas Dillon em minha casa. Ele me trouxe de volta aqui na noite passada depois que saímos da lanchonete depois da minha bebedeira. Nós não tínhamos outras pistas além do DNA de Macy e eu não poderia lidar com mais uma noite sozinha no meu apartamento, então eu bebi até que minhas pernas estivessem fracas e meu coração não parecesse tão oco.

Dillon insistiu em passar a noite no sofá e eu estava ruim demais para discutir.

Ainda grogue, eu tiro meu cabelo do meu rosto e abro a minha porta, fazendo o caminho em direção ao barulho. Quando eu chego ao local, os meus olhos saltam da minha cabeça.

Bo está preso contra a minha parede da cozinha por Dillon, com nada além de um par equipado de cuecas pretas.

Que diabos?

— Como você pôde fazer isso conosco? — Bo grita sobre o braço enorme esmagado contra seu peito.

Dillon solta um grunhido.

— Nada aconteceu, Bo, — eu grito, o afastando da agressão. — Este é meu parceiro.

Ele ri duramente, sem humor. — Jesus, — ele ferve. — Você espera que eu acredite nisso, quando ambos estão praticamente nus, porra?

Meus olhos descem sobre meu corpo quase sem roupa. Desde o meu tempo com Benny, eu nunca fui capaz de dormir com qualquer coisa. Um travesseiro. Um lençol simples. Nua. Assim como eu vivi durante quatro longos anos.

— Não é o que...

— Eu transei com alguém também, — ele deixa escapar, com um tom mordaz. Ele está tentando me machucar. Infelizmente, não tem o efeito que deveria.

Alívio.

— O quê?

— Cindy, do meu trabalho. Você sabe que ela está atrás de mim desde sempre. Bem, eu fodi com ela depois que eu te deixei aqui a outra noite.

Cindy, ugh. Ela é a única que tentou roubar um beijo dele à meia-noite na véspera da festa de Ano Novo do ano passado. Ela é uma piranha barata.

Quem é esse homem?

Este não é o meu devotado e apaixonado Bo.

— Você me forçou a isso. — diz ele defensivamente. — Você me levou a isso. Eu vim aqui para me explicar e esperava superar tudo, mas você está aqui com ele. Você já transou com ele na nossa cama?

— Minha cama, Bo, — eu estalo, mas, em seguida, suavizo a minha voz. Eu deixo lágrimas se formarem em meus olhos enquanto eu falo palavras que eu sei que vai afastá-lo. — E sim, eu transei com ele na minha cama.

Bonequinha suja.

— No meu sofá. No meu chuveiro. E nessa parede. — eu aponto para onde ele ainda está preso por Dillon. O grunhido e o movimento de seus olhos sobre o ombro Dillon para mim são confusos.

Vou sentir falta de Bo. Aprender a lidar sozinha com tudo será uma tarefa difícil, mas nós simplesmente não deveríamos estar juntos. Eu sou tóxica para ele e vou roubar o felizes para sempre dele, afogando-o no meu passado sombrio. Merda, Bo de todas as pessoas, me traiu, pelo amor de Deus. O fiel Bo, me traiu. Eu vou até ele. Eu sou uma bagunça.

— Eu quero o anel de volta. — ele rosna, empurrando o braço de Dillon.

Dillon o solta, mas seu corpo ainda está tenso, ansioso por causar danos em Bo se ele fizer um movimento errado. Quando Bo começa a vir em minha direção, Dillon o empurra para fora da cozinha para a porta da frente. — Se entenda com ela por telefone. Você já acabou por aqui hoje, amigo.

— Eu quero o maldito anel de volta!

Eu levanto minha mão para acalmá-lo. A tristeza que está em meu peito se dissolve em meu coração. — Você pode ficar com ele. Vou enviar para a sua mãe.

Nossos olhos se encontram mais uma vez e seus lábios se apertam em desgosto, desgosto com o que ele acha que eu fiz com ele. Eu quero que ele ache que eu o enganei. Isso vai ajudar seu coração a seguir em frente. Ele merece mais do que eu poderia dar a ele, mas meu coração ainda dói porque eu estou perdendo meu melhor amigo. Ele ajudou a me levar onde estou hoje.

A porta fecha com um estrondo e estou olhando para um Dillon seminu. Seus olhos passam descaradamente sobre a minha forma nua, seu pau, longo e generoso, se estende em sua cueca enquanto ele me olha.

Eu deveria me cobrir, mas eu não faço.

O calor cobre minhas bochechas e faz com que os meus mamilos endureçam em resposta.

— Nós não fodemos. — ele murmura, baixa e roucamente.

— Eu sei, — eu respiro, meu peito traindo minha luxúria.

O olhar de Dillon estreita, finalmente de volta no meu rosto. — Coloque alguma roupa, porra. Precisamos conversar e eu não posso fazer isso com você em pé parecendo tão tentadora.

Tentadora?

Eu fico olhando para ele, estupefata.

— Mova seu pequeno traseiro magro, Phillips, — Dillon late, — ou eu vou conversar com você com meu pau enterrado vinte e dois centímetros dentro do seu corpo quente.

Vinte e dois?

Eu movo minha bunda magra.

Capítulo oito

Lava

— Fale.

Eu olho para ele enquanto ele coloca mais uma colher de açúcar no café, isso é demais para o meu gosto. Quando eu não respondo, ele inclina seu quadril contra o balcão da cozinha e arqueia a sobrancelha, me encintando a desabafar para ele.

Graças a Deus ele está vestido.

E eu também, só para constar.

Minha mente ainda é uma bagunça confusa ao ver meu parceiro assim, tão... nu... sexy.

— Falar o quê? Sobre como eu vou começar a picar o dedo para verificar os seus níveis de insulina? — eu digo com uma risada, na esperança de aliviar o clima.

Ele coloca seu café no balcão e dá um passo para frente até que ele me invade com seu calor. Eu rasgo meu olhar intenso do seu, mas é ainda pior olhar para seu peito sólido através de sua camiseta branca, sabendo como ele é debaixo dela. Quando eu levanto meus olhos novamente, ele sorri.

— Bem, devemos, pelo menos, falar sobre isso.

Eu rio e me afasto. Seus braços são tão firmes. — Não existe isso. — o homem é como um pilar de tijolo e não se move. Em vez disso, ele me prende de encontro à parede, a mesma parede que eu disse a Bo que ele me fodeu. Com ambas as palmas pressionadas ao lado da minha cabeça, ele se inclina, roçando sua boca contra a minha orelha.

— Não é o que você disse ao seu namorado.

Engulo, tento empurrá-lo de mim, mas, novamente, ele não se move. — Eu precisava cortá-lo. — me sinto como uma cadela por dizer essas palavras. — Foi uma mentira.

Dillon escova os lábios contra minha orelha e um arrepio delicioso corre através de mim. — Não parecia uma mentira. Parecia como se nós tivéssemos feito.

Um choramingo me escapa, no qual ele ri. *Idiota*. — Ele merece coisa melhor, — eu admito com um acesso de raiva.

Com isso, Dillon fica irritado e afasta para olhar pra mim. Seu rosto está marcado em uma carranca quando ele para com uma respiração pesada. — Não, você merece o melhor. O filho da puta te traiu ao primeiro sinal de problema.

Lágrimas picam em meus olhos. — Eu o levei a isso. Por causa de como eu sou. — meus olhos caem no chão de vergonha. Eu nunca vou ser 100% certa da cabeça para qualquer homem. Eu nunca vou ser capaz de me dedicar totalmente a qualquer um enquanto minha irmã continue prisioneira da porra de um doente... e mesmo assim, estou muito quebrada?

Dedos fortes beliscam meu queixo e minha cabeça é levantada. Seus olhos castanhos escuros ardentes fixam em mim. — Eu tenho trabalhado ao seu lado por oito meses, Jade. Oito malditos meses. Você sabe o que eu vi?

— Uma cadela com a mente perturbada? — eu rio novamente, mas sentindo dor no peito.

Seus olhos caem para a minha boca brevemente antes de levantar novamente. — Eu vi uma boa policial. Alguém que, apesar do meu ego, eu admirava como inferno. Alguém que eu queria proteger, porque mesmo que ela fosse uma cabeça dura, seus olhos diziam o contrário. Nem uma vez você olhou para qualquer outro homem, mesmo que isso exigisse esforços. Você foi fiel a esse imbecil e trabalhou duro. Ele é o único que deixou algo perfeito escorrer por entre os dedos.

Eu fico de boca aberta, chocada com suas palavras. — Eu, uh... — eu gaguejo, — Eu não sou perfeita.

— Quem diabos é? Com certeza eu não sou. Definitivamente seu ex-namorado, Bo, não é. Perfeito está nos olhos de quem vê, Jade. Nos olhos da pessoa certa, você é perfeita.

E isso é bonito.

Jesus, quando foi que Dillon se tornou tão doce? Tão gostoso? Tão incrível?

— Por que você está sendo bom para mim? — eu pergunto, constrangida pelas lágrimas que ameaçam a cair.

Deslizando para frente, ele embala o meu rosto com a mão grande. Com um toque de seu dedo polegar, ele seca a lágrima. — Porque você merece. Porque talvez *eu* a vejo como perfeita, — ele murmura, a cabeça mergulhando em direção a minha. — E pela primeira vez em oito meses, você me deixou entrar. Eu vejo você, Jade.

Mas você pode lidar com o que você vê, Dillon?

— Eu não gosto de deixar as pessoas entrarem. — eu admito em um sussurro. — Elas geralmente não gostam do que veem.

Seu nariz escova contra o meu e meus olhos se fecham. — Você me deixou entrar. Eu realmente gosto do que vejo, e eu não planejo sair tão cedo.

Seus lábios quentes e macios pressionam contra os meus. Tão gentil. Um contraste gritante do parceiro duro e pensativo que eu lidei das nove as cinco todo dia. Quando uma mão forte aperta meu quadril, eu deixo escapar um suspiro. Sua boca persuade a minha a se abrir e sua língua busca pela minha. Ele tem um gosto doce, como o açúcar que ele tão fortemente consome.

Seu beijo é estonteante, e eu não quero que isso acabe. Após a briga com Bo, é bom se sentir querida - apesar das minhas imperfeições. Timidamente, eu corro minhas mãos do seu peito endurecido até os ombros. Ele toma isso como um convite para ele me beijar mais fundo, e um gemido baixo escapa dele. Com cada mergulho de sua língua na minha boca, eu fico mais tonta. Sua barba por fazer me pinica no rosto de uma maneira que Bo nunca fez. É uma sensação diferente, e eu gosto, muito. Seu beijo me intoxica mais do que Jack Daniels.

Ele finalmente se afasta, provocando um gemido de mim. Uma risada profunda vem de seu peito e ele pressiona a testa na minha, os olhos escuros bloqueados em mim.

— O que é isso? — pergunto pesadamente.

— Isso é real. Esta é a forma como devemos nos sentir, Jade. Isto é perfeito. — e com isso, ele se afasta e ordena, — Coloque um sapato. Vou levá-la em um lugar. Eu quero te mostrar algo.

Eu ainda estou tonta e fraca do nosso beijo. — Esta viagem envolve panquecas? — eu questiono com um sorriso.

Ele pisca para mim. — Prometi engordar sua bunda magra. Agora se mexa, Phillips. Se eu tiver que levá-la para o seu quarto, — diz ele com um sorriso de lobo, — definitivamente vamos perder o café da manhã.

* * *

Ele vira no caminho de cascalho de um cemitério em ruínas e o café da manhã gigante que consumi remexe na minha barriga. Quando eu arrisco um olhar para ele, seus dedos estão brancos no volante e sua mandíbula está apertada. Ele dirige para a parte traseira do pequeno cemitério e desliga o carro quando ele estaciona debaixo de um grande carvalho. Um trovão resmunga em algum lugar aqui perto, o que significa que a nossa pequena visita ao cemitério será curta.

— Porque estamos aqui?

Ele me dá um sorriso triste e sai do veículo. Suas costas musculosas se contraem enquanto ele dá passos largos em direção à uma lápide perto da árvore. É a mais nova de granito nessa área e as flores frescas espreitam para cima do vaso. Eu o sigo até lá e leio o nome.

Delaney Scott

14 de novembro de 1981 - 03 de maio de 2010

Amada filha e irmã

Franzindo a testa, eu coloco minha mão em seu ombro duro. — Esta é...

— Minha irmã mais nova, — ele confirma. — Ela teria feito trinta e cinco anos este ano.

Eu deslizo minha mão para baixo até que eu encontro a dele e aperto. Após o nosso beijo e nossa paquera no café da manhã, é bom poder confortá-lo desta forma.

— Eu sinto muito.

Ele se vira para olhar para mim, e a dor é intermitente em seus olhos castanhos de chocolate. — Eu também.

— O que aconteceu?

Raiva ondula através dele. Eu começo a puxar minha mão de seu aperto com a mudança repentina de seu humor, mas ele a aperta mais e vira seu olhar endurecido a mim. — Um idiota que ela namorou. Chip era o nome dele. Porra, eu odiava aquele cara. Sempre soube que minha irmã era melhor do que ele.

Eu franzo a testa ao ouvir suas palavras. — Ele a machucou?

Ele bufa. — Machucou? Ele fez mais do que machucá-la. Jade, ele a destruiu. O cara era um canalha. Drogas, álcool, pequenos crimes. Ele era um perdedor e ela foi consumida por ele. Ele fez promessas e ela acreditou em cada uma delas. Tudo isso até que nós nem sequer a reconhecíamos mais. Ele conseguiu que ela ficasse viciada em heroína e a deixou.

Um suspiro me deixa quando a primeira gota de chuva espirra sobre a minha bochecha.

— Ela conseguiu ficar limpa e eu adverti o filho da puta para ficar longe e ele fez, ou assim eu achava. — ele balança a cabeça, olhando para o chão. — Eu não tinha ideia de merda que ele gostava de bater em mulheres.

Tremendo, eu penso em todas as vezes que Benny me surpreendeu. Um trovão à distância me faz saltar de surpresa.

Dillon passa a mão livre por seu cabelo escuro e solta um silvo de ar como se lhe doesse me dizer isso. — No primeiro aniversário de Jasmine...

Eu levanto uma sobrancelha. *Jasmine?*

— A minha sobrinha.

Um sorriso genuíno chega em seus olhos, mas é passageiro.

— Ele apareceu e encheu Laney com uma conversinha sobre estar limpo e que ele tinha mudado o rumo de sua vida.

Cerrando os dentes, ele olha para mim. — Mentiras. O bastardo, ele bateu um pouco demais nela. E quando ele percebeu que tinha ido longe demais, ele assassinou a minha irmã, e fugiu. O filho da puta

nem sequer tentou conseguir ajuda ou notificar as autoridades. Ele deixou Jasmine em seu quarto e simplesmente desapareceu.

O ódio irradia dele e ele solta minha mão, ajoelhando e apoiando sua cabeça na lápide. Sua mão aperta forte o granito quando ele inclina a cabeça. Eu permito que ele tenha o seu momento de silêncio, enquanto uma tempestade de perguntas passa na minha cabeça tão rapidamente como a que está se aproximando de nós.

Eles encontraram Chip?

Ele está na prisão por assassinato?

Onde está Jasmine?

Um relâmpago seguido de um trovão empurra Dillon de seu momento. Gotas de chuva começam a apedrejar em nós e sua camiseta branca fica rapidamente encharcada, revelando seu torso esculpido. Nós não corremos para o carro. Em vez disso, nós ficamos na chuva, olhando um para o outro. Com dois passos rápidos, ele diminui a distância entre nós, entrelaçando os dedos pelo meu cabelo, e eu inclino a cabeça para cima para olhar em seus olhos irritados.

— Eu procurei por ele incansavelmente por quase três anos. Três longos anos eu passei todas as noites e fins de semana fazendo o que meu departamento não fez. — ele inclina sua testa contra a minha. — Eu estava obcecado por essa porra. Eu queria justiça para Delaney e ter certeza que ele nunca viria até Jasmine.

Meu peito dói por ele, mas eu sei exatamente como ele se sente. — Você o encontrou?

Um rosnado baixo lhe escapa. — Encontrei. O encontrei em algum motel de merda em outro estado. Rastreei sua bunda todo o caminho até Nebraska.

— Você conseguiu sua justiça? — nossos olhos se encontram e compreensão pisca através de nós como se a eletricidade da tempestade nos encharcasse até ao osso.

— Ele morreu de uma overdose de heroína. Seu corpo foi encontrado com um elástico amarrado em torno de seu braço e uma agulha pendurada em sua veia. Ninguém pediu ajuda. Ninguém se importava, porra. Dois dias depois, o acharam. — meus dedos vibram sobre o peito encharcado lotado com fúria.

— Você o fez pagar. Ele mereceu. — minhas palavras são apenas um sussurro, se perdendo nos ventos uivantes.

Seus lábios pairam sobre os meus, a único calor vinha da chuva fria. — Procurar Chip era o meu único pensamento. Minha única preocupação. Minha fodida razão para viver. E agora que ele se foi, um peso foi tirado. Ele teve o que mereceu. Observando seus olhos se arregalam com medo quando eu empurrei a agulha em seu braço foi o destaque de toda a minha maldita vida. E então observá-lo sumir deste mundo para as profundezas do inferno se tornou meu novo momento favorito.

Puxando sua camiseta, eu o trago para mim e nossos lábios se colidem em fúria. Suas mãos grandes encontram minha bunda e me apertam tão forte que eu sei que vou ficar com hematomas por dias. Um gemido de necessidade sai da minha boca na sua enquanto ele me devora.

Um estalo ensurdecador de um trovão nos faz pular para longe um do outro e ele rouba minha mão enquanto corre de volta para o carro. Uma vez lá dentro, a salvo da tempestade, ele volta seu olhar para mim.

— Eu sei como é, Jade. O que você vê como uma deficiência social é algo que eu posso entender com cada parte do meu pobre coração partido. Eu não sou um idiota que fica com a calcinha enfiada no rabo enquanto sua menina luta por justiça.

Meu coração vibra com as suas palavras. — Quem é você então?

Um sorriso floresce em seus lábios macios. — Eu sou seu parceiro — diz ele, e, em seguida, sua voz baixa. — E eu sou seu amigo. Inferno, eu posso até mesmo ser mais do que isso, se você continuar me beijando desse jeito, mulher. Mas uma coisa é certa...

Eu pisco para ele, os olhos correndo entre sua pergunta. — O que é?

— Eu vou ajudá-la a conseguir sua justiça. Nós vamos encontrar sua irmã e depois encontrar o filho da puta que levou vocês duas.

— E depois?

Uma carranca assassina passa sobre suas feições. — E então, vamos fazer muito pior do que enfiar uma agulha na veia dele. Nós vamos fazer ele pagar por cada maldita coisa que ele fez com você.

Uma esperança, pela primeira vez em muitos anos, floresce dentro de mim. Poderíamos realmente rastrear esse psicopata como ele rastreou o assassino de sua irmã? Será que tudo isso finalmente vai acabar em breve?

— Juntos, Jade, — diz Dillon, sua voz resmungando como o trovão acima de nós. — Faremos isso juntos, a cada passo do caminho.

* * *

— Acha que essas duas estão ligadas? — eu questiono, empurrando dois artigos de jornal na minha mesa da cozinha em direção a ele.

Dillon os pega e analisa. — Duas adolescentes. Desaparecidas, não acharam que fugiram. Os corpos mais tarde foram encontrados estrangulados. Hmmm, — diz ele, seus olhos se estreitando, — Não parece ser seu modus operandi.

Eu sei que estou chegando. Durante oito anos, tudo o que eu tenho feito é chegar lá. Daí a razão de eu ter cinco caixas gigantes cheias de artigos sobre meninas desaparecidas em todo os EUA, incluindo os que meus pais juntaram durante os quatro anos que fiquei desaparecida. — Você está certo. Benny não as estrangula. Ele as mutila.

Meu estômago resmunga e Dillon ri, quebrando a tensão. — Vou pedir uma pizza para o jantar. Essas malditas panquecas são muito pouco para meninos crescidos. Você me faz de escravo, Phillips. Eu nem sequer trabalho durante o almoço na delegacia.

Um sorriso enfeita meus lábios e olho para ele. Após a visita ao cemitério, fizemos uma parada na sua casa modesta na periferia da cidade para que ele pudesse tomar banho e trocar de roupa. Era seu dia de folga e ele estava gastando em me ajudar no caso. Nós tínhamos passado por um mercado e foi animador ver as pessoas. Mas a experiência me disse que mesmo que nós fomos levadas em um sábado de um buraco como aquele, foi um esforço infrutífero ir até lá. A maioria dos vendedores era regular e depois de anos interrogando todos lá, eu tinha praticamente sido proibida de voltar. Dillon tinha tentado, mas eu acenei para ele para irmos embora. Não havia respostas lá em um sábado.

Ele rouba o meu laptop para pesquisar. Depois de alguns momentos, suas sobrancelhas se juntam. — Veja isso. Quando eu pesquiso os eventos locais entre aqui e sua cidade natal, várias feiras de artesanato aparecem. Alguns até mesmo de anúncios de fornecedores de boneca. Você verificou qualquer um desses?

Eu pulo para fora do meu assento, corro até ele e me inclino, colocando minhas mãos em seus ombros para que eu possa ver a tela melhor. O aroma do seu corpo limpo me envolve e eu inalo. O cheiro é reconfortante e eu imediatamente começo a gostar disso.

— Há algum fornecedor chamado Bonecas Bonitas de Benny? — eu tremo apenas por dizer o nome de seu estande. — Benjamin é outro nome que poderia usar.

Ele rola a lista dos nomes de fornecedores. Quando ele chega na letra J, ambos apontamos para tela. Boneca com os olhos de Jade.

Um arrepio passa através de mim. — Você acha que...?

Se virando, ele olha por cima do ombro para mim e eu vejo esperança dançando em seus olhos também. — Muito bem, poderia ser. Quero dizer, você não tem olhos verdes, mas seu nome é Jade. Não podemos ignorar.

Eu sorrio amplamente para ele, lágrimas grossas brotam nos meus olhos. — Meu Deus. E se for ele? E se nós finalmente encontrarmos Macy?

Ele se levanta e me puxa para ele para um abraço. Bo sempre quis que eu corresse do meu passado, mas aqui está Dillon, tão forte e apaixonado, correndo comigo em direção a ela.

— Nós vamos encontrá-la, Jade. A feira de artesanato abre às dez na segunda-feira e está na cidade até sexta-feira. Vou fazer a minha pausa para o almoço às onze. Me encontre na estação e vamos andar até lá juntos. Nós dois podemos derrubar a bunda dele, se isso chegar a acontecer.

Balançando a cabeça, eu concordo e pressiono um beijo na sua boca. — Obrigada.

Eu começo a me afastar, mas seus dedos enfiam no meu cabelo e ele aprofunda nosso beijo. Este forte desejo carnal entre nós me faz sentir a necessidade de explorá-la. Felizmente, isso é o mais forte, e a nossa vontade dança entre as lágrimas do nosso beijo quente. Uma necessidade que coincide com a minha.

Benny sempre teve o que queria.

Bo foi sempre tão gentil e perguntou o que eu precisava.

E Dillon rouba beijos. Seu toque é áspero e deixa hematomas, mas ele nunca faria qualquer coisa que eu não estivesse de acordo.

Pela primeira vez, eu me encontro desejando um homem como nunca antes. O campo de atuação é o mesmo, dois parceiros que navegam um caminho confuso juntos.

— Vou sair e pegar um pouco de cerveja enquanto a pizza está a caminho, — diz ele com a voz rouca, se afastando de mim.

Meus olhos caem para seu jeans onde seu pau duro deixa o tecido esticado. — Você vai ficar a noite de novo?

Ele rosna e isso me faz tremer de prazer. — Eu vou ficar mais uma noite. No sofá. Sozinho.

Nossos olhos se encontram e sua necessidade por mim é desmascarada. Ele se enfurece como o sol ardente.

— Você não quer... — eu não posso terminar. Um beicinho se forma em meus lábios.

Sua risada é sexy e isso me deixa louca. — Mulher, eu quero você. Acredite em mim. Mas me conhecendo, — ele diz enquanto pega as chaves da porta na mesa, — uma vez que eu começo, eu não paro. No momento em que eu tiver você debaixo de mim, eu vou querer ficar cada segundo acordado, degustando sua carne cremosa. E agora, nós temos que focar em coisas além de nós. — ele pisca para mim antes de bater a porta atrás de si.

Uma chuva fria de realidade despenca sobre mim e eu caio em sua cadeira na mesa. Nós vamos investigar a nossa única pista depois de amanhã, o que significa que precisamos fazer mais pesquisas. Amanhã, eu vou ter de estudar as diferentes saídas da feira de artesanato e outros fornecedores. Nós certamente não precisamos ir para cama, não importa quão bom pareça agora.

Macy ainda está lá fora.

O sexo com este deus de homem pode definitivamente esperar.

Tem que esperar.

Só há um homem que eu posso me concentrar agora.

Benny.

* * *

Com os olhos inchados e desfocados, a minha cabeça pende para o lado e levanto de repente. A risada de Dillon atrai meus olhos. Ele está em sua segunda cerveja e eu já perdi a conta do número de fatias de pizza que ele comeu. Uma cerveja e duas fatias me deixaram prontas para ir para cama, mas eu me recuso a desistir.

— Você deveria pensar em dormir, — ele sugere, mas eu balanço minha cabeça e coloco o meu dedo sobre o ícone no meu laptop.

— Eu estou bem.

Eu procuro o Google Maps pela centésima vez ao redor da área que fui encontrada. Há apenas árvores por quilômetros e então um terreno privado sem nada sobre ele.

— Vou visitar minha mãe e Jasmine amanhã, — anuncia Dillon.

Meus olhos levantam da tela, e olho por cima para ele.

— É por isso que eu não trabalho nos fins de semana, — explica ele, um sorriso tímido no rosto bonito. A culpa me infecta por sempre reclamar por ele fazer sua hora certinha.

Ele coloca a garrafa na mesa e pega outra, segurando para mim. Eu balanço minha cabeça em negação e ele se inclina para trás, me segurando em seu olhar intenso. — Eu sou tudo o que elas têm. Meu pai faleceu há um ano e minha mãe não aceitou fácil. — sua testa se contrai e ele olha fixamente para a garrafa na mão e sem pensar ele tira o adesivo da garrafa. — Eu gosto de fazer as coisas com Jasmine, tento compensar por ela não ter os pais para fazer essas coisas. Minha mãe é incrível, mas ela está ficando mais velha agora e precisa de um descanso.

Eu ainda não posso acreditar que eu costumava pensar que ele era um idiota por não trabalhar nos fins de semana. Eu sou oficialmente uma grande puta. Ele é maravilhoso e eu sou uma idiota por não ver isso antes. Eu fiquei com os olhos vendados por muito tempo.

— Isso é algo grande, Dillon, — eu digo a ele com um sorriso. — Ela tem sorte de ter você. — é tudo o que posso fazer para me impedir de jogar o meu laptop para baixo e me lançar do outro lado da sala, para que eu possa montá-lo como se ele fosse um touro mecânico e eu precisasse manter sua preciosa vida.

— Se você não quiser ficar sozinha, você pode vir.

Os músculos do seu corpo apertam e as veias em seus braços saltam, me deixando com água na boca. O tique em sua mandíbula mostra quão tenso ele está, mas não sei se é porque ele quer que eu vá ou ele se convidou apenas por piedade.

— Na verdade, eu visito meus pais aos domingos, — digo a ele, e ele não questiona a mentira.

O último lugar que eu quero ir é para lá, especialmente com Bo escondido na casa ao lado.

Acenando com a cabeça uma vez firmemente, ele inclina a garrafa aos lábios e pega o arquivo que ele estava olhando. Eu abaixo os olhos de volta para a tela do laptop, odiando o silêncio que desceu sobre nós. Meus olhos ficam pesados enquanto a tela queima minhas retinas, e então eu apago.

* * *

Algo está errado. Benny continua olhando para nós, em nossas celas, enquanto anda. Meus nervos me consomem com cada olhada urgente que ele dá.

— Você bebeu sua água? — ele late para mim.

— Sim, — eu minto, e ele me estuda com aqueles olhos ocos.

— Você está mentindo para mim, — ele rosna, estreitando os olhos.

— Por que você se importa se eu bebi alguma coisa? — eu dou uma resposta atravessada, e depois engulo com uma respiração irregular.

— Sua pequena idiota.

Um suspiro explode do meu peito enquanto meus pés me levam ao canto da cela.

Um barulho.

Não...

— Você acha que pode me desafiar? — ele ruge, dando um passo para dentro do meu inferno comigo. — Onde está a garrafa?

Por que diabos ele está tão furioso? Eu só queria guardar a água. Meus olhos passam para o travesseiro que ele me permitiu ter e depois de volta para ele. Um flash em seus olhos e a ondulação de seus lábios me diz que ele viu o meu olhar não tão sutil.

Ele caminha e joga meu travesseiro da cama, agarrando a garrafa. — Venha aqui.

— Não.

Ele gira tão rápido que me deixa tonta. Marchando até onde eu estou encolhida no canto, ele me agarra ao redor da garganta. Por instinto, minhas mãos agarram seu pulso, tentando em vão afrouxar seu aperto.

— Bonequinha suja desafiante, — ele rosna, raspando as minhas costas do outro lado da parede, causando uma queimadura na minha pele.

— Vá se foder, — eu rosno, reunindo toda a saliva da minha boca e cuspidando nele. Não há nada que ele possa fazer para mim que ele não o tenha feito além de me matar. E, neste ponto, eu acho que isso seria bem-vindo.

Um surto de dor explode no meu tornozelo quando seu pé colide com o meu com tanta força que minhas pernas bambeiam. Se não fosse por ele me segurando, eu teria caído.

Antes que eu possa realmente registrar a dor, ele zomba de mim. — Não, vá se foder você.

Ele mexe a garrafa de água antes de fazer um show vulgar sugando a água e depois desenroscando a tampa. Então, com um empurrão brutal, ele começa a penetrar meu corpo com ela. É muito grande para a minha pequena abertura e não vai muito longe, mas isso não o impede de tentar. Uma e outra vez. Uma tentativa incessante de empurrar o plástico em meu corpo.

Uma dor que me queima e me rasga em todas as terminações nervosas, mas eu sou impotente para acabar com ela e meus gritos são silenciados pelo aperto de sua mão ao redor da minha garganta.

— Você tem algo a dizer agora? — ele zomba, finalmente, empurrando-a para fora de mim.

Um líquido quente corre pela minha perna e ele traz a garrafa sangrenta à boca. Eu quero morrer. Apenas me mate agora!

Ele desenrosca a tampa com os dentes e empurra a garrafa contra meus lábios, derramando o conteúdo na minha boca.

Uma cascata de água tingida inunda meus lábios e língua, mas seu aperto impede de descer na minha garganta. Eu engasgo e cuspo a água em todos os lugares.

Ding-dong.

Meus olhos se arregalam e ele imita.

Alguém está aqui? Isso foi uma campainha?

Minha boca escancara como bombas de adrenalina através de mim. Trazendo minha cabeça em direção a sua, ele mostra os dentes para mim, antes de disparar minha cabeça para trás e meu crânio bater com a parede, roubando a minha consciência.

Tudo está preto.

** * **

Meus olhos estão abertos e tudo está preto. Não há nada além de escuridão ao redor e um peso repousa em cima de mim.

Não! Não! Não!

— Não... não! — eu sinto uma asfixia, chutando e me contorcendo, e, em seguida, um flash de luz queima meus olhos quando a voz de Dillon penetra o meu medo.

— Está tudo bem, — diz ele em um tom suave. — Você está segura.

Empurro o peso no chão, salto para os meus pés, ofegante e olho para o inimigo.

É uma colcha. É apenas uma maldita colcha.

— Você adormeceu. Eu te levei para sua cama e encontrei algo para te cobrir, — diz ele com a voz calma, segurando as mãos para cima em sinal de rendição.

Porra, eu sou uma bagunça. Ele deve pensar que eu sou louca.

Minha frequência cardíaca diminui e eu limpo o suor da minha testa. — Sinto muito, — eu sufoco um soluço agarrado na minha garganta.

Todas as inseguranças, todo o abuso, toda a policial problemática que sempre fui, eu diariamente afastava como um vírus do meu corpo.

Todo o medo e agonia reprimidos escoam para fora e eu suspiro. A palma quente de Dillon engole a minha e eu sou puxada para o seu corpo enquanto seus braços serpenteiam em volta de mim, me prendendo a ele. Seu cheiro me envolve e eu o inalo, para me cobrir dele, por dentro e por fora, para apagar Benny e meu pesadelo.

Você sonhou com ele.

Algo passa entre nós neste momento. Não é um parceiro que consola um parceiro. Não é um amigo acalmando um amigo. É um outro ser humano partilhando a sua dor, a compreensão dos momentos de silêncio, bem como os momentos barulhentos. São duas almas que tocam a essência da outra. É um homem segurando uma mulher e mostrando a ela que está tudo bem em quebrar, porque ele vai segurá-la até que ela possa se recompor.

Eu fico sem jeito, neste momento, e ele me permite, tomando toda a minha raiva, medo e dor para si mesmo.

— Nós vamos pegá-lo e acabar com isso para você. Eu prometo, — ele diz repete com mais convicção do que eu já ouvi antes, de qualquer pessoa.

Me levantando da cama, ele me embala e adormecemos juntos. Pela primeira vez na minha vida, eu me sinto verdadeiramente segura.

Capítulo nove

Ferrugem

— Estou feliz que você voltou. — a mulher de terninho que tem como decoração do escritório um aquário de peixes me examina com olhos azuis estreitados. — Por favor, sente-se quando estiver pronta.

Corro os dedos sobre o encosto do sofá marrom e o couro macio parece frio na ponta dos meus dedos. — Quantos anos você tem?

Ela franze a testa e deixa seu olhar muito mais velho. — A idade importa para você? Quantos anos você tem?

Ignorando sua pergunta, eu faço o meu caminho até a água de pepino estranha. Isso me lembra de algo, uma menina com suas bonecas, fazendo um chá da tarde como os que estamos habituadas a ter com a nossa mãe. Eu despejo o líquido frio em um copo e tomo um pequeno gole.

— Você tem amigos? — ela questiona.

Eu dou uma olhada para ela. Seu dedo aperta a caneta que ela usa em seu dispositivo e sua sobranceira espessa levanta quase até a linha do cabelo.

Um suspiro triste me escapa. — Não muitos, — eu admito. — Mas eu não faço questão de ter nenhum.

Ela se senta e olha para mim, compaixão cintila em seus olhos azuis brilhantes. — Por que você não quer nenhum, não faz falta?

Minha risada ecoa na sala silenciosa. — Não.

Eu observo sua feição para ver se minhas palavras afetam a terapeuta. Elas afetam. Uma decepção a faz franzir a testa por um breve momento antes dela mostrar indiferença.

— Vamos conversar sobre você. A última vez que estive aqui, você mencionou uma irmã. Você tem outros irmãos?

Eu tremo com a menção da minha irmã. Nem um dia se passou sem que eu não tenha pensado sobre ela. Que eu não tenha fechado os olhos e tentado me lembrar o som de sua voz reconfortante.

— Não.

Ela solta um suspiro exasperado. É suave, mas eu ouço. Eu sempre avisto o mais ínfimo dos detalhes. É o que me faz tão boa no que faço.

— Eu não posso te ajudar se você não falar comigo, — diz ela finalmente, e seus olhos vagam para o relógio na parede.

Me sento no sofá e tomo meu tempo pensando. Na sua idade e sua profissão, onde ela fica o dia todo, nas rugas em seu rosto e o peso da sua figura já cheia de curvas. A imagem que ela tem em seu site revela uma vibrante mulher mais jovem e muito mais fina. Parece que não sou a única que deseja ser outra pessoa.

— Eu não preciso de ajuda, — eu digo a ela com uma leve mordida na minha voz. O que ela poderia fazer por alguém?

Ela franze a testa. — Você não estaria aqui se você não precisasse.

Dando de ombros, eu engulo a bebida fria. Quando eu acabo, eu coloco o meu copo no livro decorativo na mesa que não estava aqui da última vez. Movendo os olhos para encontrar os dela, ela se encolhe, mas não diz nada. Satisfeita, eu me inclino contra as almofadas.

— Eu vim aqui porque ele me pediu.

— Quem é ele? Seu namorado?

Meu namorado... *não*, mas o que éramos exatamente?

— Você seguramente sente afeição por este homem, — ela estabelece.

— Sim, sempre senti, — eu digo a ela honestamente.

Ela sorri, e é genuíno. Isso a faz parecer mais jovem. Mais bonita.

Bonequinha linda.

Capítulo dez

Jacarandá

Era um sábado quando fui levada, mas eu me sentia exatamente assim. Fazia o mesmo calor. Os mesmos corpos agitados, cheirando a odor corporal almiscarado.

Por que você veio para cá?

Achei que deveria me manter fiel ao que eu disse à Dillon sobre a visita de meus pais, mas em vez disso, meu carro está parado na estrada de terra que eu costumava caminhar todas as tardes de sábado.

O sol lambe meus braços nus e queima contra as calças pretas que eu coloquei. Eu estou de pé, olhando para o estande de livro que eu costumava visitar sempre. A mesma mulher de todos aqueles anos atrás ainda é dona do lugar. É como estar congelada no tempo.

Macy e eu nunca fomos autorizadas a vir aos domingos como hoje. Os domingos eram para ir à igreja. Muitas vezes eu desejava que o dia de ir à igreja fosse no sábado também. Talvez então nunca teríamos conhecido Benny.

— Você é uma leitora? — a mulher pergunta, apontando para um conjunto de livros de Harry Potter.

Balançando a cabeça, eu vou direto ao ponto. — Existem estandes de boneca aqui? Costumava ter uma aqui.

Ela fica quieta, olhando para uma pilha de livros antes dela começar colocá-los sobre a mesa.

— Você é repórter? Porque essa história já passou, — ela se queixa, mexendo a cabeça, irritada.

Essa história. Como se fosse um de seus romances de ficção.

Essa história eu suportei por quatro anos.

Essa história era tão real quanto era horrível.

— Na verdade, — eu minto com os dentes cerrados, — Eu estou apenas procurando um presente para alguém.

Sua cabeça levanta e ela aponta através da multidão de pessoas. — Há um estande de brinquedo a poucos metros daqui. Você vai encontrar algo lá, tenho certeza.

— Obrigada.

Ela não reconhece o meu apreço. Em vez disso, ela se vira para falar com outro cliente quando eles se aproximam.

Meus pés me levam ao referido estande e meu coração bate forte.

Eu deveria me sentir perto de Macy aqui, mas eu não me sinto. Tudo que eu sinto é o quanto eu falhei com ela.

— Oi docinho, — uma voz profunda e rouca se arrasta. Ele soa como se fumasse um maço por dia toda a sua vida.

Meus olhos se levantam e veem um homem enorme. Ele está coberto de tatuagens, sua espessa barba grisalha paira quase até a metade da sua barriga proeminente, e ele está inclinando a cabeça para verificar a minha bunda.

— O que você está procurando?

Correndo os dedos contra o pano que ele tem sobre uma das mesas repletas de brinquedos, eu o ignoro. Ele eventualmente se vira pra prestar atenção a uma menina com sua mãe.

— Uma boneca bonita para uma boneca bonita, — eu o ouço dizer e quase deixo cair o urso de pelúcia que eu peguei.

Olhando a criança, noto uma boneca de porcelana amontoada contra seu peito.

— Posso ver, mamãe, por favor?

Meus pés me levam até elas e antes que eu possa me parar, eu estou puxando a boneca de seus braços. A menina engasga em estado de choque.

— Com licença, — sua mãe se impõe.

— De onde veio isso? — exijo, acenando com a boneca ao vendedor de brinquedo.

Ele coça a mão sobre a cabeça careca e fica olhando para a boneca, encolhendo os ombros. — Não é uma das minhas. Ela deve ter comprado em outro lugar. — a mãe olha para a menina. — Onde ela encontrou isso?

— Bem ali. — sua mãe aponta para a mesa na nossa frente.

— Ela tem um adesivo? — pergunta ele, estendendo a mão para a boneca. Eu me afasto dele e verifico o pé, onde Benny costumava colocar os preços.

Vinte e oito dólares.

Baque.

Baque.

Baque.

— Isso não está certo. — ele resmunga. — Vale o dobro disso.

Benny.

— Deve ser do estoque que a minha esposa colocou em promoção, — ele está claramente querendo conseguir mais lucro.

Um brilho de cabelos alourados e olhos castanhos pega o meu olhar no meio da multidão e todo o ruído silencia. Meu batimento cardíaco ressoa em meus ouvidos.

Macy?

Um aperto firme rodeia meu bíceps. O homem veio ao redor da mesa e está me segurando, levantando meu braço. — A boneca, — ele exige. Minha mão solta a boneca e ele solta meu braço. Um estrondo ricocheteia atrás de mim enquanto eu voo através da multidão de pessoas em busca daqueles olhos cor de avelã.

— Você vai pagar por isso, — ele grita atrás de mim. — Ei! Volte aqui!

Meu corpo colide com outras pessoas enquanto eu empurro através delas.

Macy.

A terra debaixo dos meus pés chuta para cima enquanto eu luto para chegar até ela. Meus olhos queimam enquanto eu tento não piscar.

Macy.

Um sorriso que eu reconheço pisca através do fino véu de seu cabelo. Tão breve. Apenas um vislumbre.

— Saia!

— Com licença!

— Desculpe, eu preciso passar! — eu corro em direção a ela. Ela está ao alcance e seu cabelo oscila enquanto seu corpo se move.

— Macy! — eu grito, girando-a pelo ombro para me encarar.

Uma decepção inunda minha alma. Uma menina de olhos arregalados olha de volta para mim, confusa.

Ela não é Macy.

Abro a boca, mas não tenho palavras para falar, meu corpo treme quando uma mão me gira.

— Ei. — eu não tenho uma reação imediata de ser maltratada, eu estou muito devastada por ela não ser Macy.

— Você precisa pagar por quebrar essa boneca. — o homem do estande de brinquedo rosna.

Nem mesmo era a boneca dele. *Idiota.*

Com um acesso de raiva, eu enfio a mão no meu jeans, puxo um par de notas de vinte, e jogo em seu peito. Quando ele segura as notas, eu pego o seu polegar e o dobro para trás, até que ele estale.

— Merda! — ele fole. — Sua cadela louca!

— Não me toque de novo, — eu assobio por entre os dentes antes de deixar ele lá com o polegar deslocado.

* * *

Sentada no meu carro, eu observo cada pessoa que deixa o mercado, mas eu não a vejo. Era minha mente brincando comigo. Mais uma vez.

Aquela pobre mulher que eu agarrei deve ter achado que eu era louca.

Você é louca.

Essa boneca foi uma coincidência ou ele está brincando com a minha mente?

Ele não saberia que você viria aqui.

Quando os vendedores arrumam as malas e o lugar está vazio, eu dou partida no carro e dirijo até o local onde fui atingida pela caminhonete no dia em que fugi de Benny.

A mulher, Ellie Russell, que estava dirigindo, faleceu há alguns anos atrás. Um câncer a levou. Ela tinha ido me visitar em meu leito, todos os dias enquanto eu estava me recuperando. Mais tarde, eu soube que ela estava indo pegar sua neta, quando me atropelou. — Eu nunca estive tão contente em atropelar alguém, — ela sempre brincou comigo e com qualquer outra pessoa que quisesse ouvir.

Enquanto eu dirijo até o local, tomo nota do meu entorno. As árvores são tão altas e verdes. Há um tremor em minha mão apenas em olhar para o abismo. Esta floresta é infinita. Eu poderia facilmente ter ficado perdida nela e morrido sozinha. Uma vez que eu estou no ponto exato que eu fui atingida, eu encosto e olho na direção que Ellie tinha dito que eu vim.

Onde está você, Macy?

Toque! Toque! Toque!

Eu me assusto quando dedos batem na janela do meu carro.

Olhando pelo espelho, eu vejo uma caminhonete parada atrás de mim. Eu estava tão absorta na floresta que eu não prestei atenção a qualquer outra coisa.

Eu aperto o botão para a janela descer. Assim que a janela abaixa, uma grande mão envolve ao redor do meu pescoço, apertando, me sufocando.

— Sua vagabunda louca.

O homem de antes está com seu braço enfiado no meu carro e me está sufocando pela garganta.

Assim como Benny acostumava fazer.

Meus pulmões queimam e os músculos do estômago tencionam, lutando para conseguir um pouco de ar.

Esticando minha mão, eu alcanço o botão e subo a janela, prendendo seu braço e forçando-o a me soltar.

Queimando de raiva, disparo meus olhos para ele.

Como ele ousa me tocar.

Ninguém nunca vai me tocar assim novamente.

Abrindo a porta com um empurrão, eu o empurro de volta com o braço ainda preso. *Idiota*. Bem feito. Eu saio do carro com uma missão e ele chega até mim com o braço livre. O homem é alto, mas ele não tem uma arma.

Me abaixando, eu agarro a minha Glock do coldre amarrado ao meu tornozelo e aponto diretamente para ele. Sua postura hostil muda rapidamente para vítima.

— Não atire em mim, — ele implora. — Eu só queria te ensinar uma lição. — como se isso fosse deixar o que ele fez menos violento e um crime banal.

— Que lição seria essa? — eu pergunto, a minha mão firme, o sangue dentro das minhas veias crepitando e vibrando com a necessidade de punir.

Ele balança a cabeça, puxando para libertar o braço preso.

— *E aí?! — eu grito.*

Arrastando seu braço da janela, ele grita e esfrega a pele já irritada.

— Eu só vou voltar até a minha caminhonete, — ele me diz com o braço contra seu peito. Seus pés cambaleiam a poucos metros em torno de mim. Sigo ele, mantendo a arma apontada para sua cabeça.

Nós dois ouvimos o barulho de um motor, mas é tarde demais. Enquanto sua cabeça se vira para ver a caminhonete que se aproxima, ela bate nele, levantando-o no ar como se ele não pesasse nada. Sangue respinga em meu rosto, me fazendo ofegar de surpresa. Minha mão treme, ainda segurando a minha arma na minha frente.

Thump.

Seu corpo toca o asfalto como um saco de carne sendo jogado de uma ponte. A caminhonete não para. Ele vai embora e eu não consigo me mover. Estou solidificada no ponto que eu estou de pé. Então, meu corpo faz o impensável. Ele está se movendo para o banco do motorista e eu estou indo embora, deixando-o ali morrendo... ou morto.

Eu acendo as luzes e as vejo iluminar a estrada diante de mim.

Vermelho... azul... vermelho... azul... vermelho...

— Central, Phillips dois e trinta e um.

— Vá em frente, Phillips dois e trinta e um.

— Eu tenho um 4-80. Estou em busca do veículo, indo para o sul na Rota nove, solicitando 1141.

— Entendido, Phillips. Atropelamento e fuga. Você está em perseguição. Você tem uma vítima com ferimentos graves.

— Afirmativo.

— Entendido. Ambulância a caminho.

Colocando meus pés no chão para acelerar o meu veículo, eu limpo o spray de sangue do meu rosto o melhor que eu posso, e tento não pensar em ter deixado a vítima no meio da estrada.

Ele mereceu.

A caminhonete está muito à frente e desaparecendo de vista. Em seguida, ela se foi. Como se tivesse crescido asas e voado para longe. Eu diminuo quando eu chego ao ponto em que eu o perdi e vejo a área arborizada para uma estrada de terra, mas há apenas árvores, e uma quebrada e caída. Filho da puta.

— Central.

— Continue.

— Eu perdi o veículo, — eu resmungo. — Voltando para a vítima.

— Entendido.

Meu carro fica mais lento e minha cabeça gira. Não há ninguém aqui. Nenhuma caminhonete. Nenhum cara.

Oh meu Deus, estou perdendo a cabeça?

Sirenes explodem ao longe, cada vez mais próximo da minha insanidade.

Minha cabeça está confusa enquanto eu busco respostas no asfalto, o meu coração está bombeando duas vezes mais rápido do que deveria.

— Phillips, o que temos? — pergunta Jefferson enquanto ele e Michaels correm até parar ao meu lado, as mãos sobre as suas pistolas ainda no coldre na cintura. Eu não chamei reforço, mas não é incomum outros oficiais responderem. A ambulância chega alguns segundos mais tarde e eu ainda estou de pé lá, pasma. — Phillips?

— Eu não sou louca, — eu defendo.

Eles olham um para o outro e, em seguida, de volta para mim.

— Eu juro, a caminhonete o atingiu e ele... — meus pés pisam no asfalto enquanto eu gesticulo com os braços para onde ele bateu no chão. — Olha, — eu lato. *Há sangue. Eu não sou louca.*

— Talvez ele se levantou e foi embora.

— Não, não. Ele estava... — *morto*. Uma mão pousa no meu ombro e eu salto, girando e balançando o meu punho na minha frente.

— Se acalme, Phillips. É adrenalina. Eu vi um homem que atingiu um pilar sair do carro com um osso pendurado para fora da sua perna, e correu até a estrada. A batida faz coisas loucas com uma pessoa.

Eles estão caminhando de volta para o seu veículo.

— Nós podemos expedir um alerta, — diz Jefferson. — Você pode reconhecer o vítima ou suspeito?

— A vítima é um homem branco e sangrando até a morte, — eu digo inexpressiva.

Eu subo de volta no meu carro e me afasto. Ambos estão acenando com as mãos no ar e murmurando: — Que porra é essa?

Eles devem ter achado que ele se levantou e foi embora. Ele não irá muito longe. Não tem como ele não estar machucado depois dessa pancada. Inferno, metade de seu sangue espirrou em mim.

* * *

— Não, Detetive. Ninguém com essa descrição.

Eu desligo depois de ligar para o quinto hospital. Ninguém deu entrada ou foi levado com a descrição do imbecil. Talvez ele estivesse bem. Talvez ele tenha uma alta tolerância à dor.

Ele gritou com um pequeno arranhão no braço.

Não tem jeito. Ele está morto. Eu só tenho que encontrar o corpo.

Dando uma mordida na pizza fria que sobrou da noite passada, eu mastigo e engulo, antes de virar uma garrafa de água.

Bang! Bang! Bang!

Eu abaixo a água com um sussurro: — Porra, — e tiro minha arma do coldre.

— É Dillon, Jade. Não atire em mim, porra.

Eu mordo meu lábio para parar a risada que quer entrar em erupção no meu peito. Ele me conhece muito bem. Eu coloco a arma na mesa, e destranco a porta. Não faz nem mesmo uma noite inteira desde que eu o vi, mas parece como uma vida. Meus instintos são de me jogar em seus braços, mas eu me contenho, não está claro qual é a dinâmica dessa coisa entre nós.

Eu não tenho de esperar muito tempo, no entanto. Seus olhos preocupados examinam o meu rosto e, em seguida, suas botas pesadas diminuem o espaço entre nós, me puxando para seu abraço inebriante.

Eu nado em seu cheiro e me derreto como o gelo em um incêndio. — Eu senti sua falta, — sussurro, as palavras deslizando da minha língua antes que eu possa me conter.

— Eu estava fora durante todo o dia. Eu não estava com meu celular, então eu não sabia. — ele recua e agarra meu rosto nas palmas das mãos, as pontas de seus polegares acariciando as maçãs do meu rosto. — O que aconteceu? Você testemunhou um acidente? O que você estava fazendo lá?

— Algum idiota me seguiu do mercado.

Eu pego suas mãos, mas elas não se movem.

— Quem é?

— Ninguém. Apenas um idiota. — eu dou de ombros e inclino meus lábios em um sorriso derrotado. Estou exausta.

— Ele fez alguma coisa com você? — ele penetra em meus olhos com os seus, pesquisando e indo além da superfície. — Jade? — sua voz fica aflita quando suas mãos caem do meu rosto.

Eu tiro o meu cabelo dos meus ombros e lhe mostro o ferimento que eu descobri no meu pescoço.

— Filho da puta. Quem era ele? Eu não entendo, — diz ele com um grunhido, seus olhos viajando do meu pescoço aos meus olhos e vice-versa. — Ele machucou você em outro lugar?

— Não, — eu asseguro a ele enquanto eu me movo para fechar a porta. Aperto a mão dele e o arrasto até a sala. — Eu estava indo para meus pais e me encontrei no mercado. — meu olhar treme até o seu, esperando ver aborrecimento, assim como eu veria em Bo cada vez que eu me encontrava acidentalmente lá. Dillon não parecer irritado, apesar de tudo. Ele suspira enquanto ele se senta no meu sofá, me arrastando para baixo para me sentar em seu colo. Eu me enrolo nele, deixando sua respiração regular a minha.

— Vá em frente, — ele insiste.

— Eu quebrei uma boneca e o vendedor ficou chateado comigo. Ele colocou suas mãos sobre mim, então eu desloquei o seu polegar. — eu dou de ombros e me aninho em seu pescoço. Seu peito se move com uma sacudida e eu levanto a cabeça para olhar para ele. Uma visão perfeita de seus dentes brancos me cumprimenta. — Você está rindo de mim?

— Estou feliz que você pode cuidar de si mesma. — orgulho ondula através dele e faz o seu caminho em meu coração. — Vá em frente, Mulher Maravilha.

Revirando os olhos, eu continuo a minha história. — Bem, então ele me seguiu. Eu estava distraída demais para notá-lo. Ele conseguiu me agarrar, mas eu puxei a minha arma para ele. Foi então que uma caminhonete veio do nada e bateu nele. Eu ouvi o estalo de seus ossos. Seu sangue pulverizou no meu rosto. — um arrepio passa através de mim quando eu me lembro da última parte. — E então pronto. Ele desapareceu.

— Talvez o choque do acidente o jogou da estrada... — ele tenta e eu me viro de volta contra ele. *Talvez.*

— Como foi seu dia? — eu questiono, mudando de assunto.

— Foi ótimo. Jasmine é um fogo de artifício. Espere só até conhecê-la, Jade. Ela é uma líder e geniosa. Um pouco como você. — ele beija minha cabeça e a alegria em seu tom é genuína e bela.

Ele quer que eu conheça a sua sobrinha. Talvez ele não ache que eu sou louca. Melhor ainda, talvez ele não se importe que eu seja.

Capítulo onze

Escarlate

Blurb, blurb, blurb.

Ê que tudo o que fazem lá? Ê supostamente para ser terapêutico? Porque eles não são. Quero apertar um para ver se isso é apenas o ar em sua barriga inchada.

— Você gosta de peixe? — ela não está em um terninho hoje. Hoje ela está usando uma saia até a canela. Parece que ela está retendo a água em seus tornozelos, e ela sabe disso, já que está virando seus pés, porque o meu olhar para eles é uma indicação disso.

Eu não respondo. Ê inútil. Ela é claramente uma fraude, se ela não pode determinar se eu gosto do seu peixe estúpido ou não.

— Me diga mais sobre este homem, — ela insiste. — Você disse que estava sangrando na estrada.

— O mundo é um lugar louco. Às vezes me pergunto se eu alguma vez deixei a minha cela. Talvez isso seja tudo coisa da minha cabeça. Um sonho estranho, — eu penso e ela se apressa em escrever em seu dispositivo.

— Esta é a primeira vez que você mencionou uma cela. Você pode me dizer sobre como era para você lá dentro?

Eu corro o meu dedo ao longo de uma dobra na minha saia. — Quente no verão, onde eu pingava suor. E, então, nos meses de inverno, era congelante. A tubulação dava sinais de ruptura, e sempre estava ligada em alguma torneira em algum lugar da casa.

— Então, era em uma casa que você era mantida.

Ela está tentando me confundir? O que mais seria?

— Costumava soar como lobos uivando para a lua. Às vezes eu costumava inventar histórias de que ele era um lobisomem. — eu rio, perdida em pensamentos.

— Ele?

Oh Deus, ela realmente é terrível em seu trabalho.

— O tempo acabou, — eu anuncio.

E espero que seja em breve.

Capítulo doze

Ruki

Eu verifico o relógio novamente, batendo no vidro para me certificar de que está funcionando corretamente e, em seguida, olho para o meu celular.

11h37.

Maldito seja ele. Quando ele me deixou esta manhã, ele disse que iria me encontrar nesta feira de artesanato às onze em vez de me encontrar com ele na delegacia, então onde diabos ele está?

— Esperei por muito tempo, — murmuro para mim mesma antes de deslizar do meu carro e fazer meu caminho até a movimentada feira.

Estande após estande em uma enorme extensão de verde. Encontrar o estande que procuramos nessa noite de sábado vai ser uma tarefa difícil.

Paro no primeiro estande que vende todos os tipos de queijos diferentes, entrego a eles o impresso com o nome do estande e a logo que eles usam e ele balança a cabeça negativamente.

Repito o processo mais e mais até que um vendedor de tecidos se familiariza com a foto.

— Ele estava expondo a quatro estandes para a direita. Jonny ou algo assim, — o vendedor me diz, coçando a cabeça como um macaco.

— Obrigada, — eu digo a ele, pegando o folheto de volta.

— Benny! — ele grita, e eu paro de repente, me virando, petrificada.

— O que você disse? — minhas palavras são quase inaudíveis.

— Benny, — diz ele de novo, a única palavra que me faz tremer.
— Esse é o nome dele. Ele colocou esse nome depois que sua esposa se

foi. Eu não sei, talvez de câncer. Eu não perguntei. — ele dá de ombros e eu sinto que estou em queda livre sem paraquedas para me impedir de bater no chão e me tornar uma polpa humana.

— Ei, senhorita, você está bem?

O piso se inclina e oscila enquanto eu comando meus pés para se moverem. Inclinando, eu trago a minha arma na minha mão e a seguro longe da vista, dentro do meu blazer.

— Movam-se... movam-se para fora do caminho, — eu rosno para as pessoas em pé entre mim e ele.

É ele. É ele. É ele.

Macy.

O nome vem à vista enquanto as pessoas abrem como o mar.

Boneca com os olhos de Jade.

Baque... baque... baque...

Há uma mesa, mas ninguém está lá. Uma boneca despida e solitária está em cima dela e meu coração corre a uma velocidade vertiginosa. O cabelo é castanho escuro e está emaranhado e sujo. Manchas estão salpicadas em todo o rosto da boneca. Seu corpo de pano foi rasgado e está sem o enchimento.

Eu empurro minha cabeça ao redor, examinando os rostos e os cantos, na esperança de vê-lo escondido. Minha mão desliza sobre a mesa até que meus dedos encontram a boneca. Trazendo-a até meus olhos, eu dou uma olhada nela. Uma etiqueta cai em torno de seu pescoço.

BONEQUINHA SUJA.

O mundo se expande e, em seguida, fecha em torno de mim quando meus dedos liberam a boneca. Ela atinge a grama com um *baque* e meus olhos se fecham por um momento. Quando eu abro os olhos novamente, eu o vejo, através da multidão, olhando para mim. É ele. Benny.

Tem que ser ele.

Eu arranco meu braço da minha jaqueta, a arma na minha frente, meu dedo no gatilho, pronto para acabar com isso, para acabar com ele.

— Benny! — eu grito, me movendo em direção a ele. Ele não se move. Simplesmente me olha através da multidão de pessoas.

É ele.

Seus olhos seguram os meus como poços do inferno em chamas, e a partir deles que eu chego cada vez mais perto.

Ele quer morrer, porque ele não está se movendo. Ele está esperando que eu chegue mais perto, ele está esperando que eu o mate. Gritos ecoam por toda parte e corpos são um borrão na minha visão periférica enquanto eles se movem a uma velocidade anormal.

Estou tão perto.

Ele parece feroz e determinado. Há um sorriso nos lábios, como se ele tivesse um segredo e eu não sou uma parte dele. Ele lambe os lábios, lábios que costumavam conhecer cada parte do meu corpo, com aquele cabelo espesso, indomável, encaracolado que caía sobre o rosto, e então...

— Oomph.

Eu sou abordada do lado e minhas costelas inflamam com dor. Meu rosto bate no chão sujo e eu inalo por ar. Meu peito arfa e eu sufoco.

Um nariz ruge ao redor de mim, fazendo meus ouvidos estalarem. Um peso me mantém presa à terra.

— Suspeita detida, — uma voz profunda sussurra do peito de quem está me segurando para baixo.

Meus olhos digitalizam o espaço para onde Benny estava de pé. Agora está vazio. Como se ele nunca estivesse lá.

Um fantasma.

— Saia de mim. É ele, — eu tusso. — Eu sou policial. Se afaste. É ele, — eu grito, sentindo as veias nas têmporas.

— É ele. — por que ninguém está me ouvindo?

Eu sou algemada e arrastada para os meus pés. Um jovem rapaz de uniforme sorri para mim como se ele acabasse de ganhar o dia. *Idiota.* Eu examino as pessoas, os espaços vazios e nada.

— Sou a detetive Phillips e *estou* em busca de um homem muito perigoso, — eu assobio para fora, minhas costelas me impedem de falar

claramente quando a pressão aumenta em volta do meu abdome. Se ele quebrou uma costela, vou fazer este idiota pagar.

— Eu tinha ele, porra. Eu tinha ele.

— Phillips? Tire a algema agora, — uma voz familiar late.

Marcus. Graças a Deus.

— O homem que matou a mulher na loja de boneca, — eu cuspo.
— Ele esteve aqui. Feche este lugar. Não deixe ninguém sair. — o mundo em volta de mim se inclina enquanto seu rosto duplica. Sua voz distorce enquanto o céu gira...

* * *

— *Eu tenho um vestido novo para a minha boneca bonita, — diz ele. — Você quer ver?*

Não, eu quero usá-lo. Estou morrendo de frio.

— *Eu preciso de um cobertor, Benny, — murmuro, meus dentes batendo.*

Ele joga o vestido que estava com Macy na sua mesa e marcha para a minha cela.

— *Benjamin, — ele late. — Quantas vezes eu tenho que te dizer, porra?*

— *Eu estou congelando, Benjamin, — eu obedeço na esperança de que ele vá encontrar misericórdia em seu coração sombrio, morto.*

— *Eu gosto quando você está com frio. Sua pele fica um tom mais pálido, — reflete ele enquanto seus olhos passam sobre a minha pele nua, com aparência de vampiro. — Como porcelana.*

— *É a porta da morte, Benjamin. — eu tremo e me esfrego, tentando manter o calor.*

— *Eu posso aquecê-la. — sua oferta me faz querer morrer. Se uma lágrima fugir do meu olho, ela provavelmente iria congelar sobre minha pele. O pensamento de sua carne quente contra a minha não me repele. Em vez disso, tudo o que posso pensar é sentir calor. Talvez ele me deixaria com sua camisa depois.*

— Ok. — digo a ele e sua cabeça se levanta até encontrar meus olhos.

— O quê?

— Ok. — eu repito, me afastando da porta para que ele possa destrancá-la e entrar.

Ouçó o som das chaves, e então ele está dentro de minha cela, ansiosamente se despindo. Eu vejo quando suas roupas caem no chão, desejando que eu pudesse me enrolar nelas para roubar seu calor. Caminhando em direção a ele, eu já posso sentir o calor irradiando de seu corpo. Meus braços sobem ao redor de seu pescoço e ele endurece brevemente antes de relaxar. Agarrando minha cintura, ele me levanta e eu envolvo minhas pernas em volta dele. Tão quente. Sua temperatura contra o frio da minha carne queima, quase antes de se infiltrar em mim, me dando alívio para a dureza da sua mordida.

Ele nos gira e cai sentado na minha cama. Esmagando meu corpo ao seu, eu me contorço sobre ele para obter o máximo de seu calor possível. Seu pênis engrossa e cresce contra o ápice das minhas coxas e ele se torna frenético, me levantando e me puxando para baixo em seu comprimento. Nós dois gememos enquanto ele entra em mim, por prazer e frio, as duas sensações completamente diferentes. Eu começo a mexer contra ele e seus olhos me assistem maravilhados. Neste momento, eu não me importo que eu esteja me prostituindo para não congelar até a morte. Meu sangue já está bombeando em minhas veias, me mantendo viva. Eu movo meus quadris mais rápido, levantando minha bunda para cima e para baixo sobre ele. Ele me puxa pelo ombro, e com os dentes tira sangue. Suas mãos ásperas espremem os meus seios duro demais para dar prazer, mas eu não me importo. Ele é quente.

— Eu vou gozar, — ele geme. — Vou gozar, porra.

Ele rosna em voz alta e, em seguida, me agarra apertado. Seus braços me prendem enquanto seus quadris se projetam da cama para mim, uma vez, duas vezes... e então seu esperma quente inunda meu corpo e eu sei que vou ficar pegajosa a noite toda. As tubulações são muito barulhentas e ele odeia usar as torneiras à noite.

— Isso foi incrível, — ele sopra contra a minha pele, e a náusea que sempre acompanha o fim de uma visita de Benny mexe no meu intestino.

Eu me levanto dele e rastejo sobre a cama, me enrolando em uma bola sob o lençol frágil. Seus pés pisam em direção a porta da cela e ele

para. Eu olho para cima enquanto ele pega suas roupas e algo pesado atinge a cama.

— Você pode usar isso, mas apenas para dormir. Se você estiver com ele quando você não estiver na cama, eu vou rasgá-lo e você vai ficar com a porra da sua bunda congelada.

Assentindo enfaticamente, eu graciosamente aceito a sua oferta. Um suéter. — Ok, obrigada, — digo a ele, nauseando, mas demonstro a minha gratidão por um direito humano básico. — Eu prometo.

Cheira a ele. Agora eu não posso nem escapar dele em meu sono sem sonhos.

Mas agora, eu não me importo.

Eu estou quente.

* * *

— Benny!

Eu empurro, me sentando e silvo de dor quando as minhas costelas protestam. Dillon está rapidamente ao meu lado, me guiando de volta em uma posição deitada.

— Não tente se sentar, — ele instrui, um pouco tarde demais. — Você tem uma costela quebrada. Algum fodido novato acabou com você.

— Por que você não chegou às onze? — eu chio. A luz do quarto está me cegando. Estou em uma cama de hospital. O cobertor coça sobre as minhas pernas e traz de volta memórias da minha reabilitação após eu escapar de Benny. — Onde você estava?

Os sulcos da sua testa aparecem, culpa invade suas feições. Sentado na cama, ele pega a minha mão na sua.

— Recebemos um telefonema. Um homem tinha sido trazido pro hospital, mal estava respirando. Uma mulher disse que estava no lado da estrada resmungando sobre uma mulher que o atacou com um pé de cabra.

— O quê?

Ele acena com a cabeça e coloca a outra mão sobre as nossas já unidas. — Ele chamou você pelo nome, Jade. Disse a eles que você o obrigou a encostar, mostrou a ele o seu crachá, e o fez sair do seu veículo, e então começou a atacá-lo com um pé de cabra.

Minha mente está confusa enquanto eu tento dar sentido às suas palavras. — Ele está mentindo, obviamente, — eu protesto, bufando e tentando me sentar novamente. Certamente Dillon acredita em mim.

— Não se mova, — ele resmunga. — Você só vai se machucar mais. — Dillon empurra suavemente contra os meus ombros até que eu relaxo no colchão. — Então, nós tivemos outro um chamado sobre uma louca agitando uma arma no ar, gritando por um tal de Benny.

Um tremor ondula através de mim com a menção dele. — Ele estava lá, Dillon, — murmuro. — Ele estava bem ali. — eu imploro para ele com meus olhos.

— Eu acredito em você, — diz ele em voz baixa. — Eu acredito...

— Mas? — eu assobio, estudando a preocupação seus olhos de chocolate.

— Eles encontraram o pé de cabra ensanguentado em seu porta malas.

Meus olhos se arregalam. — O quê? Não, isso é impossível. Ele está mentindo. Eu quero vê-lo. — eu puxo uma agulha na minha mão e ignoro o sangue saindo do pequeno buraco.

— Jade, pelo amor de Deus, pare, — ele ordena com um rosnado. Ele tenta segurar minhas mãos, mas eu luto contra ele, meu sangue faz uma bagunça do lençol branco cobrindo meu colo. — Precisamos de uma enfermeira aqui, porra!

— Deixe-me ir, Dillon, — eu grito. — Eu preciso saber por que ele está mentindo sobre o que aconteceu. Talvez quem bateu nele esteja chantageando.

— Você não pode falar com ele, — ele argumenta. — Ele está na sala de cirurgia. Condição crítica.

Lágrimas quentes descem nos meus olhos. — Eu quero ser deixada sozinha. — eu puxo meu braço de seu aperto.

— Não faça isso, — diz ele, em tom suplicante. — Não se afaste de mim. Eu estou tentando te ajudar.

— Enfermeira, — exijo quando eu localizo o botão de chamada, e ele se encolhe em resposta.

Uma mulher magra aparece na porta e olha dentro na confusão sangrenta da minha mão. Ela geme e, em seguida, grita para outra enfermeira ajudá-la.

— Eu quero ser deixada sozinha, — repito. Ambas se viram para olhar para Dillon e quando ele se move da cama, eu imediatamente lamento a perda de seu conforto.

Ele balança a cabeça e esfrega o sangue da minha mão sobre a dele. — Não me afaste, Jade. Vamos achar esse monstro e eu vou fazer você perceber que você não está sozinha, nunca mais. Nada que alguém possa dizer ou reclamar, pode me desligar de você ou me fazer acreditar que isso é tudo coisa da sua cabeça. E eu certamente não acredito que você bateu em um homem duas vezes o seu tamanho até a morte com a porra de um pé de cabra. O DNA não mente, é por isso que esta acusação estúpida vai ser descartada antes do amanhecer. — ele acena com a cabeça uma vez e então eu estou olhando para ele recuando. A porta se fecha atrás dele, e depois que ele sai, um soluço rasga do meu peito. A dor é insuportável nas minhas costelas, mas eu luto com ela, me deixando chorar.

Capítulo treze

Carmesin

— Dói?

Minha mão é elevada até o hematoma no meu rosto e eu levanto um ombro indiferente.

— É o que acontece quando um homem te aborda.

— Quem era o homem?

— O que isso importa?

Ela se vira em seu assento e eu olho para a água. Hoje, ela acrescentou um talo de aipo. Eu quero gritar para ela, perguntar por que, mas não. Em vez disso, eu olho para ela, bolhas minúsculas se recolhem na parte inferior.

— Você parece triste hoje, — diz ela. — Por quê?

Sacudindo os meus olhos para os dela, eu acho que ela vai explodir em chamas, mas não.

Você parece triste.

Eu não acredito que nós temos que pagar por esta porcaria.

— Talvez eu esteja triste, — eu ofereço, prendendo-a com o meu olhar impassível.

— Você pode me dizer por que isso acontece? O que aconteceu para que se sentisse dessa maneira?

Ela cruza as pernas e coloca a caneta no braço da cadeira. Ela está de volta em uma dessas calças.

— Posso te fazer uma pergunta? — eu falo, inclinado para frente e esfregando meu sapato.

— Claro. — ela sorri, pegando a caneta.

— Você alguma vez quis tanto algo, que você não sabe se o que você está vendo é a realidade ou apenas a sua própria necessidade de que seja real?

Ela olha em seu apartamento escasso, contemplando a minha pergunta. — Quando uma pessoa passa por algo traumático, não é incomum procurarem uma resolução em sua mente. É um mecanismo de enfrentamento, a maneira que eles finalmente são capazes de seguir em frente. Você não é louca. — ela sorri novamente.

— Eu não disse que eu era louca, — eu respondo, ficando de pé abruptamente.

Baixando seu caderno de anotação, ela se inclina para frente, juntando as mãos. — Eu não tive a intenção de ofendê-la.

— Você é péssima no seu trabalho.

Eu a deixo de boca aberta.

Já tive o bastante dela por um dia.

Capítulo catorze

Vermelho oxblood

Meu celular continua a piscar com o nome de Dillon, mas eu não posso atender. Eu tive alta do hospital e tenho ficado enrolada no meu sofá ignorando seus apelos. Nada faz sentido. Eu sinto como se eu estivesse sonâmbula, vagando através de um pesadelo e não consigo encontrar uma maneira de acordar desse inferno.

Ding.

Eu ergo minha cabeça para ver uma mensagem de Dillon, mas eu não o leio.

— Então, você *está* viva e você *está* recebendo minhas chamadas. — o um som de sua voz atravessa o meu apartamento, me assustando. — Você só está preferindo me ignorar.

— Uh, — eu gemo. — *ái.* — minha costela palpita de dor.

Ele se aproxima de mim e cai de joelhos ao lado do sofá. — Merda, eu sinto muito. — suas sobrancelhas marrons escuras se juntam enquanto ele avalia os danos. Quando ele chega perto, ele afaga meu cabelo, e eu me afasto.

— O que diabos você está fazendo aqui, Dillon. Como você entrou?

Enfiando a mão no bolso, ele puxa uma chave. A minha chave. — Você deu para mim quando eu fui buscar cerveja na outra noite.

Merda, eu fiz isso.

— Bem, hoje não é aquela noite e foi só uma vez, — eu estalo, arrancando-a da sua mão. O movimento me faz estremecer quando minha costela pulsa novamente.

— Eu não vou deixar você me calar e me afastar, Jade. Eu não vou fazer isso.

— Me deixe sozinha, Dillon.

— Certo. Bem, se você preferir ser infantil, então podemos fazer isso da maneira mais difícil. — ele agarra minhas roupas penduradas em uma cadeira. — Vista-se. Você não pode sair de casa assim.

Eu passo o olho sobre a minha calcinha preta, a bandagem em torno das minhas costelas, e uma camiseta do Pink Floyd cortada.

— Você se parece com um instrutor dos anos oitenta. — ele sorri, e é irritantemente bonito.

— Por que eu preciso me vestir? — eu lamento, já me sentindo derrotada. — Eu não vou a lugar nenhum.

Ele suspira e coloca as mãos nos quadris. — Phillips, vista a merda das suas roupas e depois desça para o meu carro. Eu tenho que levá-la para ver o chefe.

Isso chama a minha atenção e eu me sento um pouco rápido demais, causando uma dor que me rasga na lateral. Oh Deus, ele vai me demitir, ou me prender ou me internar. Eles não podem acreditar no que o idiota disse, que eu quase o espanquei até a morte.

— O cara morreu?

Balançando a cabeça, ele passa a mão pelo cabelo e olheiras que não estavam lá antes estão começando a se formar sob seus olhos. Ele parece cansado. Isto é o que eu faço. Eu sou como um veneno, poluindo as pessoas de quem gosto.

— Ele ainda está em estado crítico, mas ele vai sobreviver. Vista-se e me encontre lá embaixo em cinco minutos.

* * *

Eu não posso parar de balançar o meu joelho. Estou nervosa e não quero estar aqui. Todos me perseguem com os olhos do outro lado do recinto depois que eu cheguei. Segurando minhas mãos para cima e me perguntando se eles queriam tirar uma foto para que isso fosse durar mais tempo, não me desceu bem também. Agora Dillon está olhando para mim de um assento a poucos metros do meu.

— Pare de chacoalhar sua perna, Jade. — ele aperta a ponta do nariz com o polegar e o indicador e eu luto contra o sorriso querendo levantar meus lábios. Eu gosto quando ele me chama de Jade. Seu amor é resistente e o tratamento do silêncio que eu mantive durante toda a viagem até aqui, não durou muito.

A porta do escritório é fechada e Chefe Stanton passa por nós. Uma vez atrás de sua mesa, ele deixa cair sua bunda na cadeira e bate uma pasta sobre a mesa antes de empurrar para mim.

— O que é isso?

— Relatório médico de Adam Maine.

Eu pego o arquivo e vejo a imagem do cretino do mercado.

Adam Maine.

— Os ferimentos dele eram bem consideráveis para ter sido feitos por alguém do seu tamanho, — diz ele rispidamente. — Ele ser atingido com uma caminhonete é muito mais provável.

— Assim como eu disse, — murmuro sob a minha respiração, ganhando uma cotovelada de advertência de Dillon. Eu folheio o relatório médico. Há um monte de expressões no meio que eu não entendo, entre as palavras que se destacam: pulmão colapsado, fêmur quebrado, costelas quebradas, osso do peito quebrado, clavícula, osso do quadril, sangramento interno, um rim perfurado... a lista é longa.

— Como ele está vivo é uma incógnita, — diz Stanton. — Os médicos estão perplexos, mas isso é bom para você. Quando ele se recuperar, podemos interrogá-lo.

— Então, eu estou limpa? — pergunto. — Eu posso voltar a trabalhar?

— Eu não vou mentir, Phillips, — Stanton resmunga: — Você deu uma de Mad Max num local cheio de civis – em sua maioria avós e essas merdas e todo esta coisa com o pé de cabra, onde um cara meio morto acaba no hospital, não é a melhor notícia. Não será a última. No entanto, vou precisar que você tire uma longa licença até que este caso seja resolvido. Você é muito próxima a ele. Também extremamente envolvida. Então, não, você não está autorizada a voltar. Ainda não.

Minha boca se abre, mas ele segura a mão para me impedir.

— Não discuta comigo sobre isso, — ele adverte. — Isto não é um pedido.

— E eu? — Dillon pergunta a ele.

Stanton se inclina para frente em sua mesa, apertando as mãos. — Você vai trabalhar neste maldito caso e descobrir se aquele maníaco do passado de Phillips voltou para brincar com ela. Se ele voltou, aproveitaremos para pegar esse filho da puta.

* * *

Minha mente está a mil.

Eu não posso pensar ou ficar parada.

Tudo o que posso fazer é andar e andar e andar ao redor da minha sala de estar.

Estou deixando Dillon maluco.

— Eu não posso simplesmente não fazer nada, — eu reclamo para um Dillon cansado.

Ele esfrega o queixo agora desalinhado com a palma da mão e me lança um olhar firme. — Você não tem escolha no assunto agora, Jade. Este filho da puta está lá fora, tentando se organizar. Quem sabe qual é o jogo dele. É muito arriscado, — ele rosna. — Eu não vou deixar *você* correr o risco.

Eu sei o que Benny quer.

Bonequinha suja.

— Eu quero que você me prometa que você vai ficar aqui, descansando, e me deixando fazer o meu trabalho.

— Tudo bem, — eu bufo, acenando com a mão no ar, derrotada.

— Jade, — ele adverte.

— Eu prometo.

Ele coloca um beijo no meu nariz e me deixa. Tanto quanto eu quero ir atrás de Benny, eu não tenho nenhuma pista. Os

acontecimentos do dia me pegaram de surpresa e eu mal me deito na minha cama antes de eu desmaiar.

* * *

Eu acordo com um susto e, pela primeira vez, eu não estou gritando quando um homem me toca no escuro. As pontas dos dedos ásperos que estão no meu cabelo é familiar. Pimenta com um toque de café me envolve e eu reconheço o aroma de Dillon.

— Que horas são? — murmuro, tentando reconhecer a sua forma na escuridão.

Seus lábios se abrem contra os meus e eu lhe dou acesso. Ele me beija duro até que eu esteja com falta de ar.

— Tarde, — sua resposta sussurrada não me diz nada. Ele gentilmente espalma a mão sobre a minha camiseta, cobrindo meu peito. Deixo escapar um gemido necessitado ao qual ele ri. Profundo e quente. Convidativo. Esfregando minhas coxas, eu tento aliviar a necessidade pulsando por ele no meu núcleo.

— Qualquer coisa nova que eu deveria saber?

Dillon bate o ponto às cinco, sempre que possível. O fato de que ele está aqui horas depois, me diz que alguma coisa aconteceu.

— Eu não quero falar sobre isso, — ele rosna.

Sua voz, apesar da resposta, parece abalada. Algo perturba o impassível Dillon Scott. Empurrando seus ombros, eu me sento, vendo a sua sombra ajoelhada ao lado do sofá.

— Me diga, — eu exijo.

Sua sombra se levanta e sai da minha sala de estar. Com um grunhido, eu pulo para cima e corro atrás dele em direção ao meu quarto. Minha lateral dói, no local da costela quebrada, mas isso não me impede. A luz derrama do meu quarto e quando eu olho para dentro, ele está abrindo os botões de sua camisa com uma carranca no rosto.

— Eu tenho que tomar banho, — ele avisa antes de tirar a camisa.

Meus olhos vagam sobre sua carne bronzeada. Ele tira a camisa branca e mais uma vez me deslumbra com a sua forma esculpida. Para alguém que come rosquinhas como ele, certamente parece malditamente bem. Ele provavelmente tem que se exercitar mais por causa da sua obsessão por açúcar. Eu ainda estou pasma em seu corpo quando ele abaixa as calças junto com a cueca. Sua bunda é bonita e dura. Eu quero mordê-la.

Quando ele se vira para olhar para mim, toda a luxúria escoar. Seus olhos castanhos são pesados com tristeza. Sua testa é marcada com linhas de preocupação. Ele parece quebrado. Devastado. Sem pensar, eu me lanço em seus braços, ignorando o seu pau espesso entre nós.

— O que aconteceu? — eu imploro, minha voz pedindo respostas.

Ele acaricia meu cabelo bagunçado e beija o topo da minha cabeça. — Muita coisa, baby. Muita coisa fodida. — enquanto meu coração tamborila e aquece com seu carinho, minha pele fica mais fria.

— É relacionado com Benny?

Todo o seu corpo fica tenso. Eu não preciso dele para responder verbalmente porque ele já fez. Algo aconteceu.

— Me conte.

Ele se desvencilha de mim, e entra no meu banheiro como se ele fosse dono do lugar, os músculos das suas costas ondulam a cada passo que dá. Eu gosto bastante de como sua estrutura maciça enche meu banheiro minúsculo.

— Dillon...

Um tremor serpenteia através dele enquanto ele gira em torno da água. Ele nem mesmo espera a água aquecer antes dele entrar no spray gelado, e um silvo deixa os seus lábios.

Irritada por ter sido ignorada, eu tiro a minha camiseta e sutiã. Uma vez que eu empurro minha calcinha e meu jeans no chão, eu escorrego para o chuveiro ainda fresco ao lado dele e mastigo meu lábio inferior, esperando que ele fale. A água aquece rapidamente e logo ondas de vapor estão entre de nós. Ele está de costas de mim, então eu descanso minha testa contra a sua carne dura e o abraço por trás.

— Ela parecia com você...

Eu congelo com suas palavras. — Quem? — *por favor, não me diga que minha irmã está morta.*

— Jane Doe.

— É a Macy? — eu respiro em meio à névoa, desejando me evaporar com ela.

— Não. Eu pedi para Jesse verificar o sangue no laboratório imediatamente. Ele me devia um favor. Não era ela, eu prometo.

Espalho minhas mãos em seu torso e eu faço uma oração silenciosa de agradecimento a Deus, mas sinto vergonha quando penso. Ela era irmã, filha, amiga de alguém.

— O que aconteceu com a vítima?

Uma respiração profunda e irregular lhe escapa. — Ela estava tão suja.

Bonequinha suja.

Eu engulo a bile na minha garganta. — Ela está morta?

— Sim, um homicídio, baby.

Baby.

Eu deixo a palavra me confortar, embora eu esteja a ponto de vomitar. — Onde?

— A 25 quilômetros da cidade. Nua. Lacerações sobre ela.

— Parece Benny. — minha voz é um sussurro.

Benny.

Dillon se vira em meu abraço e passa os dedos sobre os fios do meu cabelo meio molhado. — O rosto dela era tão bonito. Não tinha um corte ou machucado, nada. Ela tinha cílios postiços longos pra caralho. O blush manchava pesadamente suas bochechas. E seus lábios estavam pintados de vermelho sangue.

Eu tremo só de pensar de como Benny vestia Macy. Ele nunca me deixava vê-la, mas eu o vi arrastando o carrinho em sua cela. Um carrinho cheio de maquiagem e perucas. E todos os vestidos com babados estúpidos que ele passava horas costurando para ela vestir.

Os olhos de Dillon estreitam quando o medo cintila em suas esferas escuras. — Jade, — ele murmura, seus polegares esfregando círculos na minha testa, — Eu sinto muito.

— Sente por quê?

— Que o filho da puta fez essa merda com você! — ele ruga, cada músculo de seu corpo se dobra com raiva. — Ela tinha sido sexualmente agredida, Jade. Estava no final da adolescência e esta menina foi estuprada, mutilada e deixada na beira da estrada como se ela não importasse porra nenhuma. Ela importava! *Você importa!*

A boca dele cai na minha e ele me beija com o desespero. Um gemido baixo me escapa quando a palma da sua mão desliza debaixo da minha coxa. Sem esforço, ele me levanta e minhas pernas automaticamente envolvem em torno de sua cintura sólida. Nossas línguas provocam e atormentam um ao outro enquanto seu pau endurecido está entre nós. Minhas costelas doem, mas ele não está me machucando, tudo o que ele está fazendo com o meu corpo é realmente muito bom.

— Me foda, Dillon, — murmuro contra sua boca. — Leve tudo para fora, só por um momento.

Ele resmunga o seu acordo e então eu posso sentir a ponta do seu pau suave pressionando no meu centro. Dillon é maior do que qualquer homem que eu estive, mas com a água deslizando entre nós, ele entra facilmente em meu corpo molhado, necessitado.

Deus, ele é tão grande.

Cada parte de mim se estende, enchendo com ele.

— Jesus fodido Cristo, — ele sibila quando ele me pressiona contra o azulejo. As palmas das suas mãos apertam minha bunda, me mantendo suspensa no ar enquanto ele brutalmente impulsiona para dentro de mim. Eu agarro o seu pescoço como se fosse minha salvação enquanto ele bate em mim.

Tudo com Benny era tão errado, mas, às vezes, parecia certo.

Tudo com Bo era tão certo, mas na maioria das vezes, parecia errado.

Mas com Dillon?

É incrivelmente bom. Nada de errado com o que ele está fazendo ao meu corpo.

A conexão entre nós enquanto ele me penetra é elétrica. Queima e ferve na atmosfera que nos cerca, nos fazendo ficar num casulo nesta bolha sexualmente carregada que ninguém pode tocar. Nós estamos seguros aqui e o mundo não é um lugar horrível porque, neste momento, nada e ninguém além de nós dois existe.

— Toque em sua buceta, Jade. Eu tenho me masturbado pensando em você por meses. Agora que eu finalmente tenho você, eu não vou durar muito. Eu quero que você goze no meu pau quando eu gozar também. Me ouviu, baby? — ele exige, seus dedos cavando na minha bunda.

— S-sim, — eu digo a ele enquanto eu deslizo minha mão entre nós. Com ele me alargando, e meus dedos vibrando no meu clitóris, eu vou à loucura com prazer. Meu corpo inteiro tamborila com a necessidade de gozar.

— Essa é minha garota, — ele resmunga enquanto ele me enche. — Esfregue forte.

Eu apresso o ritmo até que meus nervos acendem como fogo.

— Oh Deus, — eu suspiro, as unhas da minha mão livre cavam em seu pescoço.

Tão perto.

Tão, tão perto.

— Eu vou gozar, droga! — ele amaldiçoa, e depois morde meu lábio inferior. Não forte o suficiente para tirar sangue, apenas o suficiente para deixar a sua deliciosa marca.

Uma explosão de calor surge dentro de mim. Isso, juntamente com a maneira como ele está chegando ao orgasmo e como eu estou me massageando, me envia em um ataque de tremores pelo meu corpo. Estrelas brilham na minha visão e por alguns breves momentos, estou perdida para as sensações sublimes.

— Dillon, — eu suspiro, todo o meu corpo ainda ondulando com prazer. — Dillon.

Ele enterra seu nariz no meu cabelo molhado em busca da minha orelha. Quando sinto seu hálito quente, eu solto uma risadinha. Me fazendo apertar em torno de seu pau.

— Isso foi...

Ele morde meu pescoço, logo abaixo da minha orelha. — Fantástico?

Rindo, eu assinto. — Quem sabia que você tinha isso em você, detetive?

Seu pau começa a endurecer novamente, mas muito para minha decepção, ele desliza para fora de mim e me coloca em segurança nos meus pés trêmulos. — Eu machuquei sua costela? — seus olhos sombrios acariciam minha carne enquanto ele me avalia.

— Eu estou bem, — eu digo a ele com um sorriso.

Ele me pisca um sorriso torto. — Merda, — ele geme e correndo os dedos pelo cabelo molhado, ele arregala os olhos. — Sinto muito, eu deveria ter verificado primeiro. Me diga, você está tomando pílula?

Uma tristeza satura cada parte do meu corpo, músculos, ossos, e, finalmente, a minha alma. — Não se preocupe, eu não posso engravidar. Não depois de todo o trauma que eu sofri de Benny.

Seu rosto se torna assassino. Vermelho. Contorcido de raiva. *Destruidor.*

Um sentimento de possessividade passa sobre mim. Dillon é diferente. Ele entende o meu passado e meu desejo de vingança. Ninguém jamais ficou dentro de mim como ele. Pobre Bo, tentou, mas ele só chegava até onde eu erguia minha parede. Com Dillon, nunca ergui minhas paredes.

Eu deslizo minhas mãos ao seu rosto desalinhado. — Nós vamos pegá-lo e fazê-lo pagar. Você prometeu, lembra?

Sua boca cai na minha.

Mais uma vez, eu não preciso de uma resposta verbal.

Esse beijo me diz tudo o que eu já sei.

Nós vamos fazer Benny pagar.

— Coma, — ele ordena quando coloca um prato de pizza na minha cabeceira.

Eu levanto meu olhar do meu laptop e vejo o seu corpo quase nu. Após o nosso banho mais cedo, ele me fodeu novamente na minha cama. Desta vez, mais suave e mais doce. Não doce como Bo. Diferente. Melhor. *Viciante. Fizemos amor.*

— Vinte e cinco quilômetros do seu dormitório. Como você acha que ela chegou lá? — eu questiono enquanto eu pego um pedaço de pizza fumegante e sopro. Dillon recebeu uma mensagem de texto pouco tempo atrás de Stanton, indicando que a vítima não era mais Jane Doe, e sim Silvia Collins, vinte anos de idade, estava na faculdade.

Ele tira sua cueca boxer e sobe na cama ao meu lado. Uma vez que ele puxa o lençol sobre o seu impressionante pau flácido, ele olha para o mapa que eu tinha na tela. Eu marco a localização do dormitório e também o local onde ela foi encontrada.

O mesmo lugar que Adam Maine foi atropelado por uma caminhonete bem na minha frente.

O mesmo lugar que eu fui atropelada por uma caminhonete há oito anos.

Não há como negar que este é um trabalho de Benny. Eu sei isso. Dillon sabe disso. Até mesmo o Chefe Stanton sabe disso.

— Talvez ele a atraiu para a van como ele fez com você e Macy? — ele sugere.

Eu entrego a ele o meu pedaço de pizza e diminuo o zoom na tela. — Você disse que os pés dela estavam rasgados, certo?

Ele balança a cabeça. — Provavelmente por correr.

— Eu corri muito naquela noite. Aterrorizada pela minha vida. Tudo era um borrão. Eu pisei em pedras e espinhos e arbustos espinhosos. Nada disso importava ou me desanimou. A adrenalina me fez seguir adiante, — eu digo, principalmente para mim mesma.

Ele se senta e se vira para olhar para mim. — Até que ponto eles estimam que você correu?

— Com base em meu estado de desidratação e abuso, eles disseram que foi era cerca de seis quilômetros. Eles acabaram expandindo a área de pesquisa mais de três quilômetros, — eu digo a ele, distraída.

Dillon rouba meu laptop e acessa o Google. Ele procura o nome da vítima e encontra um monte de artigos de corrida em sua faculdade.

— Qual foi o seu melhor tempo na academia para um quilômetro?

Franzindo a testa, eu encolho os ombros. — O dia em que fui testada eu tinha pouco menos de sete anos, mas meu tempo era meia hora para seis quilômetros. Eu estava menstruada naquele dia. Foi uma luta para fazer o mesmo tempo.

Ele puxa uma calculadora e começa a introduzir algumas figuras. — O melhor tempo de Silvia era pouco menos de seis minutos. Mas com os pés descalços... — ele aperta a ponta de seu nariz enquanto ele pensa, — Eu estou pensando que ela poderia ter feito algo perto de oito. No entanto, adicionando a adrenalina, e ela fez por volta de sete, mais ou menos.

— E daí?

Ele deixa escapar um suspiro irregular. — Ela foi vista pela última vez no seu dormitório, assim que escureceu. Oito e quarenta e cinco. Sua colega de quarto disse que ela estava vestida para correr, mas, então, — ele faz uma pausa, apertando minha mão, — eles encontraram seus sapatos no estacionamento.

— Você acha que Benny a perseguiu? De jeito nenhum ele a deixaria ganhar. Ele a matou em sua fodida van, — eu discuto.

Dillon se inclina sobre mim, o calor do seu corpo queimando minha carne, roubando mais pedaços de pizza, e as coloca na palma da minha mão.

— E se ele queria que ela corresse? Para te enviar uma mensagem?

Meu sangue corre frio em minhas veias. — Você acha que ele a perseguiu de propósito? Certamente alguém na faculdade teria visto.

— Não se ele a sequestrou, a tirou do campus, e então a deixou ir. Não se ele a levou para algum lugar e fez todas essas coisas com ela antes. Entre o campus e o local em que seu corpo foi encontrado, há

um motel de merda. E se ele a levou para lá primeiro? — ele pondera em voz alta.

— Precisamos verificar o motel.

— Eu vou mandar uma mensagem para Jefferson e pedir para ele investigar, — ele me assegura.

— Qual é a distância entre o motel e onde a encontraram? — meu cérebro dói, mas estou firmemente decidida a descobrir isso.

Ele corre os dedos pelos cabelos castanhos escuros e os puxa. — Olhe. Pelo menos dezoito quilômetros.

Eu pego o laptop e verifico a distância.

— Vinte quilômetros, — dizemos ao mesmo tempo.

— Então, você está com medo, correndo para sua vida, — diz ele rapidamente, — mas você está com os pés descalços, nus e feridos. Assim como você estava. Um corredor normal poderia fazer esse tempo de forma rápida, mas o cenário não era normal. A adrenalina, porém, aumenta a velocidade um pouco. Então, você poderia, basicamente, estar perto do seu melhor tempo, de qualquer maneira.

— Ela correu cerca de 90 minutos ao longo desse trecho escuro da estrada com ele atrás dela? — eu questiono, um arrepio me percorrendo só de pensar no terror que a menina enfrentou.

— É pegar ou largar. Esse é o tempo aproximado da morte, que teria ocorrido na hora que ela alcançou esse ponto, — ele me diz. — Ele queria que ela tivesse distância dele. Provavelmente a perseguiu com o seu veículo. Quando ela chegou onde queria, ele a despachou.

Seus olhos encontram os meus, perguntas dançam neles.

— O que você está pensando? — pergunto.

— Quanto tempo você disse que você correu? — ele pergunta antes de empurrar um pedaço de pizza em sua boca. Eu ainda estou segurando o que ele me deu na minha mão.

— Eu não sabia. Disse a eles que pareceram horas. No momento em que me recuperei, três semanas mais tarde, eles já tinham sondado um raio de dez quilômetros em busca da minha irmã. Eles não encontraram nada. E quando eu disse a eles para procurar mais longe, eles gentilmente me explicaram que não era possível na minha condição. Dez quilômetros seria o máximo.

Puxando um dos pedaços de pizza da minha mão, ele me faz comê-lo, e depois o outro antes de falar novamente.

— E se você correu mais longe do que aqueles dez quilômetros? E se ele está deixando uma pista para que você possa encontrá-lo? — suas sobrancelhas se juntam como se a própria noção disso o irritasse.

— Ele deixou claro a pista no site da feira de artesanato. Apenas um pequeno detalhe para me fazer sair de lá sozinha. Quando cheguei ao estande, havia uma única boneca destruída com uma mensagem sobre ela. Eu acho que ele provavelmente teria tentado me atrair para longe da multidão e me levado novamente se eu não soubesse controlar minha cabeça.

As feições de Dillon endurecem. — Qual foi a mensagem na boneca que você disse que ele deixou? Não estava mais lá quando eles voltaram para verificar a cena.

BONEQUINHA SUJA.

Minha garganta se contrai e eu sufoco as palavras. — É como ele costumava me chamar...

— Bonequinha suja, — diz ele com um rosnado baixo. Mesmo que seja falado por Dillon e não por Benny, isso ainda envia uma onda de terror em mim. Seu braço me envolve e ele me puxa contra o seu lado. — Estava cravado na vítima de homicídio, ao longo do peito. — ele deixa escapar um silvo furioso. — Eu vou cortar esse filho da puta da sua garganta até seu pau e arrancar suas malditas bolas.

Capítulo quinze

Vinho

— Você vai ficar aqui, sempre com suas portas fechadas. Dispare em qualquer filho da puta que ousar entrar, a menos que seja eu, é claro, — Dillon diz com um sorriso, o vapor de seu café ondulando ao redor de seu rosto.

Ele parece sexy como o inferno hoje, em um par de calças pretas e uma camisa de botão azul. Porque está mais quente do que no inferno, ele já rolou as mangas até os cotovelos. Os músculos em seus antebraços ondulam com cada movimento. As veias são abundantes e proeminentes, exatamente como seu membro. E eu deveria saber, eu tive um encontro íntimo acima dos meus joelhos no meio da noite.

Apesar dos horrores em torno de mim, eu estou estranhamente satisfeita com Dillon e eu termos nos aproximado. Ele consegue me dar segurança e me deixa mais leve. Eu realmente me diverti muito tempo com ele. Mesmo que temos trabalhado em conjunto para encontrar Benny e Macy, ele também está me distraindo. Somos capazes de esquecer tudo o que está fora no momento em que seu corpo se junta com o meu. Eu nunca tive um refúgio seguro antes... Benny sempre esteve preso dentro da minha cabeça vinte e quatro horas, sete dias por semana.

Dillon o leva embora.

Dillon preenche esse espaço com sua intensa presença intoxicante.

Dillon é a distração final e eu o agradeço com todo o coração.

Benny, por uma vez, não pode vencer. Dillon é o macho alfa que bate no peito e domina minha cabeça.

— Você sabe que eu não hesitaria em matá-lo se ele entrasse em minha casa, — asseguro a ele.

Seus olhos arrastam no meu corpo. Desde que eu não tenho que trabalhar, eu só estou vestindo um top branco solto e um par de calcinhas cor de rosa. Eu gosto que ele fique tão afetado por mim. Em todos os meses que temos trabalhado juntos, ele nunca deixou transparecer interesse.

— Quando eles finalmente deixarem você voltar ao trabalho, vai ser difícil pra caralho não dobrá-la sobre sua mesa e levá-la por trás, — diz ele com um rosnado ao colocar sua caneca no balcão.

Eu rio quando ele anda até mim. Meu corpo está dolorido de ontem, mas ele não me machuca em seu abraço. Seu nariz fuça no meu cabelo e ele me inspira.

— Deus, — ele resmunga, — seu cheiro vai ser a minha morte. Como diabos eu vou me concentrar hoje com você agarrada à minha pele?

A boca dele encontra a minha e ele a beija com força, ansioso com uma fome que parece consumi-lo. Minhas mãos vagueiam em seu peito até chegar na sua ereção através de suas calças. O homem é insaciável. Ele me fodeu quase toda a noite passada e ainda estou dolorida, mas de alguma forma, eu estou ficando molhada só de pensar no seu pau dentro de mim.

— Eu tenho que ir, — ele reclama antes da sua boca devorar a minha. Ele não parece ter qualquer pressa. Minha camisa é arrancada do meu corpo e eu solto um grito quando ele desliza para baixo para sugar minha clavícula. Então sua boca está no meu mamilo, chupando e mordendo e puxando com os dentes. Meus mamilos estão queimando do seu abuso constante, mas eles estão eretos, ansiosos por mais. Seu cabelo está recém-arrumado com gel e eu estou morrendo de vontade de mexer neles. Meus dedos enfiam em seu cabelo e eu puxo o suficiente para fazê-lo gemer.

— Porra, — ele murmura, suas mãos encontrando minha calcinha. Apressadamente, ele as empurra para baixo das minhas coxas e me vira para longe dele. — Se curve, baby.

Baby.

Uma onda de excitação desce sobre mim.

Afastando, eu me inclino sobre a ilha e sua grande palma bate em cheio na minha bunda, me fazendo gritar.

— Ugh! — eu grito. — Idiota.

Em seguida, ouço seu cinto, os dedos estão separando minhas pernas, e seu pau duro logo está dentro de mim em um impulso forte.

— Oh Deus! — eu grito, meus dedos agarrando a bancada.

O som de sua carne batendo contra a minha ecoa na cozinha. Ele me leva brutalmente por trás, mas seus dedos percorrem minhas costas, acariciando. Dillon me fode como um leão faria com sua cadela no cio enquanto seu protecionismo me invade.

Esta dor misturada com prazer... Dillon me dá o que Bo nunca poderia.

Seu polegar e o seu dedo beliscam o meu clitóris, me sacudindo de volta para o momento. Alguns segundos mais tarde depois da sua deliciosa emboscada torturante, e eu estou gozando duro em seu pau. Ele enrola seus dedos no meu cabelo desarrumado e puxa enquanto ele me enche de sua libertação. O gemido que lhe escapa é gostoso e quase me faz implorar para que ele me leve de volta para o meu quarto para a segunda rodada nesta manhã.

— Você vai fazer com que eles chutem minha bunda de lá, vou ser demitido, — ele reclama enquanto puxa para fora de mim. Seu esperma quente corre pela minha coxa e para o meu joelho. Outro tapa na minha bunda me faz empurrar minha cabeça sobre o meu ombro para olhar para ele. Mas assim que eu vejo seu cabelo desgrenhado, começo a rir, eu estou feita. Ele me deixa fraca. Pela primeira vez em toda a minha vida terrível, eu realmente gosto de me sentir fraca.

— Diga que está doente, — eu brinco enquanto eu deslizo minha calcinha até minhas coxas molhadas. — Eu poderia cuidar de você.

Ele enfia o pau pingando em sua cueca e puxa suas calças para cima. Enquanto ele abotoa sua calça, ele balança a cabeça para mim. — Quem sabia que você era uma raposa, Jade? Se eu soubesse que seríamos tão bons juntos, eu teria comido você na parte de trás do carro no primeiro dia que fomos colocados juntos. Eu não conhecia sua arrogância em seu flerte.

Rindo, dou um tapa nele. — Você é um idiota.

Seus dedos apertam meus quadris enquanto ele me puxa para ele. Aqueles lábios cheios e perfeitos imprensam contra os meus e ele me beija com força. Toda vez com Dillon é áspero e com necessidade. Eu nunca tinha experimentado nada parecido.

Quando ele finalmente rompe com o nosso beijo de tirar o fôlego, ele me olha com um olhar sério. — Não saia hoje, — ele instrui. — Me prometa que estará aqui nua e esperando na hora que eu voltar para casa.

O formigamento na minha espinha e o hematoma que sinto pulsando em meus lábios de sua paixão, me deixa num estado de intoxicação, que é três vezes maior quando ele chama minha casa de sua casa. Eu ainda estou cambaleando antes de registrar o rápido beijo nos lábios e, em seguida, a batida da porta da frente vários momentos depois.

Casa.

Dillon é a coisa mais próxima disso.

* * *

Estive pesquisando em uma área maior do que o raio de 10 quilômetros. Eu fiquei obcecada por horas. O almoço chegou e se foi sem nenhuma palavra do meu parceiro. Pelos cálculos de Dillon, eu poderia ter vindo de mais longe, então eu dobrei a área de pesquisa e comecei a verificar as propriedades dentro de um raio de vinte quilômetros. Estou enterrada em detalhes quando meu telefone começa a tocar.

— Olá? — eu respondo, minha mente ausente enquanto eu passo a tela.

— Olá para você também, — uma voz profunda e familiar rosna, — bonequinha suja.

Meu sangue se transforma em gelo, porra é Benny, que agora tem toda a minha atenção, no telefone. — Onde está minha irmã? — exijo, colocando meu telefone no viva voz para que eu possa olhar o número. Graças a Deus que existe isso. — Onde diabos ela está, idiota?

Ele ri, um tom sombrio e sinistro, como eu me lembro. Meu corpo inteiro treme de medo. Faz anos desde a última vez que ouvi a voz dele, mas parece que foi ontem.

— Depois que você nos abandonou, a abandonou, você resolveu se importar? Não é com ela que você precisa se preocupar de qualquer

maneira, — ele cospe. — Você precisa se preocupar com esse filho da puta.

Dillon.

Uma dor me invade com o pensamento de Benny machucá-lo também. — Não!

— Sim...

Bingo. Posto de gasolina a doze quilômetros daqui. Ele está tão perto. Merda!

— Se você o machucar, eu juro por Deus, eu vou te matar, Benny!
— eu ameaço.

— Benjamin, — ele ferve. — me chame de Benjamin.

Ignorando-o, eu acesso a minha caixa de entrada e eu começo a digitar um e-mail para o departamento inteiro.

Assassinato e sequestro, suspeito conhecido como Benjamin, vulgo Benny. Ligou para meu celular. Rastreando-o, diz que o telefonema é proveniente de um telefone público de uma loja de conveniência na Delaware com Hollister. Estou em perseguição agora. Envie reforços imediatamente!

Eu clico em enviar e enfio os pés em meus sapatos. — Eu não vou jogar seus jogos, Benny. Você vai me dar a minha irmã e se entregar às autoridades.

Ele não é estúpido. Eu só quero mantê-lo falando. Quanto mais tempo ele permanecer no telefone, melhor chance vou ter de prendê-lo. Com a minha Glock no meu coldre, eu tranco a porta da frente e corro em direção ao meu carro.

— Nós dois sabemos que eu não vou me entregar, — diz ele presunçosamente. — Você sente minha falta, bonequinha? Você sente falta do jeito que eu comia sua buceta apertada enquanto você gritava e pedia para alguém te salvar? Lembra da maneira que você costumava gozar forte quando a minha boca estava na sua buceta? Tão suja, bonequinha suja. Por que você fugiu de mim, de nós? Eu a mantive só para você e foi assim que você me mostrou o seu apreço?

Bile sobe na minha garganta, mas eu engulo. — Você é um monstro. É melhor você rezar para minha irmã ainda estar viva e bem.

Se você fez alguma coisa para ela, eu vou arrancar o seu coração e fazer você o comer.

— Você é tão dramática. Sempre foi mal-humorada. Não há nenhuma outra que se compara a você, — ele me diz, a voz baixa. — Sempre querendo ser a estrela do show. Sempre querendo que eu fodesse você em vez dela. Uma boneca ciumenta, não era?

— Vá se foder! — eu rosno enquanto eu acelero na estrada, minhas luzes acesas, mas a sirene desligada.

Meu telefone toca, mas eu não tento atender. Eu tenho que manter o imbecil na linha.

— Você já fez, boneca suja, você até mesmo pedia por isso às vezes. Eu te comi muitas vezes e Deus, foi uma sensação maravilhosa. Eu não senti nada assim desde o dia em que você correu de mim. A verdade é que você é a minha boneca favorita, — diz ele, um sorriso doente em sua voz. — E eu quero você de volta, porra! — seu rugido me faz gritar e quase deixo cair o telefone. Um soluço aterrorizado fica na minha garganta, mas eu engulo.

— Eu não vou voltar, — eu assobio, tentando desesperadamente esconder a oscilação da minha voz.

— Você não sente falta dela?

Lágrimas caem dos meus olhos e eu limpo rapidamente para que eu possa ver a estrada. — Muito. — um sussurro é tudo o que posso dizer.

— E quanto a ele? Você sente falta dele? — há uma mordida com ciúmes em seu tom. Como ele sabe sobre Dillon, me surpreende. E se ele estiver na minha casa?

— Eu não sei o que você está falando, — eu falo.

Ele late uma risada. — Você não está curiosa como eu tenho o seu número do seu telefone? Seu pequeno namorado. Eu continuo esperando você ligar para ele. Parece que ele é tão descartável para você como éramos, eu acho. Acho que eu o machuquei sem motivo, então.

— O que é que você fez?

A linha fica em silêncio por um momento e eu temo que ele tenha desligado. Finalmente, ele respira pesadamente. — Eu precisava de um boneco para acrescentar à minha coleção.

Uma lágrima desce no meu rosto.

Eu sou um veneno.

Essa nuvem escura chamada Benny me segue aonde quer que eu vá, causando estragos nas vidas em meu mundo.

— Deixe ele ir...

— Ele não deveria ter se aproveitado de você quando você era uma menina. Me lembro da imagem dele com o braço esquelético pendurado em seu ombro como se fosse seu dono. Doente do caralho, — ele ferve.

Todos os pensamentos de Dillon se dissipam.

Bo.

Não!

— Aposto que ele mal podia esperar para atacar e te prender em sua solidão, — ele rosna. — Você está com saudades de mim? Senti sua falta.

— Não lhe faça mal. Benny, por favor.

— *Benjamin! Benjamin! Benjamin!*

— Sinto muito, — eu engasgo com a derrota, mais uma vez ele me leva de volta para a bonequinha quebrada.

— Ainda não, mas você vai.

— Por favor, Benjamin.

— Adeus, bonequinha suja, — ele rosna. — Eu vou te encontrar em breve.

* * *

Quando eu encosto no estacionamento da loja de conveniência, nem mesmo cinco minutos mais tarde, eu sei que é tarde demais. Ele se foi. Eu saio do meu veículo com a minha arma levantada e corro para o telefone público. Lágrimas quentes rolam dos meus olhos quando eu deixo escapar um soluço de derrota. Há um gravador apoiado no telefone público com o viva voz ligado.

Ele não estava aqui o tempo todo que falamos. Eu nunca teria a chance de chegar aqui a tempo de pegá-lo.

Desgraçado.

Bo.

Eu ainda estou montando guarda, protegendo minha cena do crime, quando três carros da polícia e mais o carro de Dillon entram no estacionamento.

— Não. — eu aponto para o telefone público, e todo o meu corpo treme. — Verifique se há impressões e então encontrem o bastardo no sistema.

Dois braços fortes me puxam contra um peito sólido e eu entro em colapso quando ele me segura apertado.

— Shhh, — ele murmura no meu cabelo. — Eu tenho você. Você está segura agora.

Nossos colegas processam a cena enquanto Dillon tira informações de mim. Eu repasso toda a conversa, detalhe por detalhe. Quando eu termino e encontro o seu olhar, ele está franzindo a testa.

— Baby... — ele diz.

Mesmo agora, tão estressada, sua palavra me acalma. — O quê?

Ele fecha os olhos por um momento antes de encontrar o meu com um olhar triste. — A mulher, a testemunhas no hospital da vítima do atropelamento... ela descreveu uma caminhonete preta. Até mesmo lembrou parte da placa de licença e deu para a equipe do hospital. Não demorou muito tempo para ver a quem a caminhonete pertencia. — ele engole em seco.

— E?

— Será que você o reconheceria? — sua testa está sulcada e ele está segurando em mim como se eu estivesse prestes a desmoronar.

Sim.

— Uh, aconteceu muito rápido, — eu digo, a minha voz rouca. — Eu estava em choque. A caminhonete estava muito à frente na hora da perseguição. Por quê?

— Bo. Jade, a caminhonete está registrada no nome do seu ex-noivo, Bo. — ele faz um gemido de frustração. — A menos que ele o

tenha atingido e não se apresentou, provavelmente Benny realmente está com ele. Eu sinto muito.

Capítulo dezesseis

Cereja

Cruzo a linha da estrada de terra que leva até Bo e a casa de meus pais. Uma Maureen frenética está segurando o seu cão mordedor de tornozelos e sacudindo a cabeça. Quando ela me vê chegando, ela corre para mim, deixando o cachorro cair na grama.

Ela me puxa para um abraço, embora eu não ache que ela realmente aprovasse meu relacionamento com Bo. Eu era muito danificada para ser sua nora se ela pudesse escolher.

— O que está acontecendo, Jade? — ela questiona, rugas de preocupação franzem sua testa. — Onde está Bo?

Seu novo cachorro lambe a bota de Dillon e ele franze a testa para ele.

— Quando foi a última vez que viu Bo, Maureen? — eu questiono.

Ela balança a cabeça e encolhe os ombros. — Eu não o vejo durante semanas, mas isso não é incomum. Ele gasta todo o tempo com você ou no trabalho.

Ela não sabe que terminamos.

Merda.

Então, ele nunca veio aqui?

— O colega de trabalho, — Dillon murmura no meu ouvido.

— E mandou aquele homem gentil até aqui com o meu presente.

Ambos, Dillon e eu congelamos. — Que presente?

Ela aponta para o cachorro, agora apoiado em uma perna para começar a fazer xixi em Dillon. Ele o enxota antes, mas não se afasta. Me inclinando, eu agarro a bola de pelo e o levanto. Sua língua serpenteia para fora e lambe o meu rosto.

— Ei, rapaz.

— Quem era o homem? Você pode me dizer o que aconteceu? — Dillon pergunta a ela, se aproximando e parando na frente dela, parcialmente me bloqueando. Ela segura o seu rosto, mostrando ansiedade em suas feições.

— Ele era bonito, com cabelos rebeldes e olhos hipnotizantes — ela revela. — Ele disse que o cachorro foi um presente do meu Bo.

Na coleira do cachorro tem um crachá pendurado que me chama a atenção.

— Dillon, — eu suspiro.

Ele me olha por cima do ombro e eu seguro o crachá para ele ver.

BONECA.

— Bo sabe o quão difícil para nós foi quando o nosso velho cão, Toby, faleceu, — ela nos diz, infeliz, mas, em seguida, franze as sobrancelhas para mim. — Jade, o que é? O que está acontecendo? Onde está o meu Bo?

— Você que colocou esse nome no cachorro? — eu gesticulo para o cachorro.

Seus olhos estreitam enquanto observa alguém atrás de mim. — Por que há pessoas em torno de minha propriedade? Eu não entendo.

— Maureen, por favor, me ouça, — eu tento de novo. — Pode me dizer se você colocou esse nome no cachorro?

— Não, é uma menina. Ela veio com o crachá. Eu pensei que era um pouco insensível de Bo com tudo o que aconteceu com você e sua pobre irmã, mas... — ela lamenta.

Minha cabeça gira quando vômito ameaça sair.

— Ele disse que enviou um presente para seus pais também. Eu não os tenho visto, embora...

O mundo em torno de mim mergulha e depois se expande.

Não.

— Jade, — Dillon adverte, mas é tarde demais. Meu corpo está trabalhando por sua própria vontade. Soltando o cachorro para seus pés, eu saio correndo.

— Jade! — Dillon grita. Tudo parece se arrastar devagar em torno de mim enquanto eu corro em direção à pequena casa à esquerda.

— Jade! Pare! Alguém a agarre!

Eu desvio das mãos estendidas para mim e ignoro o zumbido da bagunça atrás de mim.

Baque.

Baque.

Baque.

Alcançando a porta, eu derrapo, e fico ali, com falta de ar. As minhas costelas protestam contra a corrida, mas a dor é irrelevante. Eu pego a maçaneta da porta e giro.

Não.

Empurrando-a, ouço passos atrás de mim.

— Todos recuem, recuem, — Dillon avisa quando sinto a explosão de calor atrás de mim.

— Por favor, me deixe entrar, Jade.

— Eu preciso saber se eles estão bem. Eles têm que estar, — eu digo a ele, mas eu não reconheço minha própria voz. É distorcida, profunda e quebrada.

— Eu posso fazer isso, — diz ele com uma rachadura em sua voz. — Me deixe fazer isso por você. — suas mãos desceram sobre os meus ombros, mas eu o ultrapasso e entro. O cheiro de lírios, que sempre bate na sua cara quando você caminha para dentro da casa dos meus pais, não enche meus sentidos. Em vez disso, um cheiro ruim bate no meu estômago e me faz vomitar.

— Jade, — murmura Dillon novamente, sua voz doía.

Os filmes dizem que um corpo morto fede como as piores fossas que você pode imaginar, mas a verdade é que é peculiar, um cheiro estranho, como produtos químicos e frutas em decomposição. Não é agradável; é forte e potente e o próprio pensamento de que você está inalando, é doentio.

Meus pés dão pequenos passos para a sala.

Baque.

Baque.

Baque.

A cadeira do meu pai vem a vista. Está posicionada na frente da TV, do jeito que sempre esteve. A televisão pisca com o canal de notícias, mas não há som e algo está escrito em vermelho sangue na tela.

MONSTROS ESTÃO AQUI!

— Papai, — eu choro, as lágrimas se construindo e caindo dos meus olhos enquanto eu me aproximo.

Meu coração troveja sobre o som de Dillon tentando me fazer parar de ir mais longe, mas é como se minha mente tivesse que ver, saber se isso é real.

Minha mão treme quando eu toco o tecido da cadeira. Eu giro e me atrapalho com o peso.

— Jade, baby, por favor.

Pisando em volta da cadeira, todo o meu mundo cai em torno de mim. Eu colapso no chão com um gemido fragmentado. — Não! Oh Deus, não!

Ele está tão azul. Eu procuro sua mão, mas largo de volta quando sinto o gelo frio da morte contra meus dedos. — Ele tirou os olhos, — eu engasgo. Há dois buracos sangrentos onde seus olhos castanhos deveriam estar e uma cascata carmesim caía da ferida no pescoço.

— Onde está a mamãe? — eu assobio para o ar pútrido. Me apoio em meus pés e eu começo a procurar freneticamente.

— M-mãe... mãe... mamãe?

Eu empurro porta após porta até que eu paro em seu quarto.

Depois de passar pela porta, meus olhos fecham se automaticamente em um esforço para remover a imagem da minha vista para sempre. Em vez disso, eu acho que vai queimar minha alma pela eternidade. Eu forço meus olhos a abrirem e examino o que esse monstro fez com ela.

Vestida como uma das bonecas de Benny, mamãe está sentada na posição vertical sobre a cama, os braços abertos, os pulsos flácidos cortados, e as veias presas como cordas na cama.

— Filho da puta! — Dillon assobia por trás de mim.

— Ele a fez a sua própria boneca marionete, — eu respiro.

— Vamos lá, — ele rosna, — Vou tirar você daqui.

Nada parece real, como se eu estivesse tocando o chão, mas não há nenhuma gravidade que me mantém ligada a ele. Eu estou flutuando, dormente, e em um estado de descrença.

— Detetive Scott! — uma voz profunda late de algum lugar da casa para o meu parceiro, mas é incoerente e distante.

Dillon me arrasta através da casa. Maureen está gritando meu nome e, em seguida, esse filhote de cachorro corre para dentro da casa, abanando o rabo.

— Alguém tire esse cachorro! — Dillon ruge. — Todo mundo fique fora e chamem a perícia. Esta é uma cena de crime. — ele tenta me manter em seus braços fortes e no momento em que ele me soltar, eu sei que vou desmoronar completamente.

Meus olhos passam sobre o cachorro estúpido. *Pare... pare...* — Pare com isso... Pare! — eu grito enquanto ela lambe o sangue aos pés do meu pai.

Dillon apanha o cachorro e eu corro da casa, empurrando a multidão, os agentes e vizinhos. Eu esvazio o conteúdo do meu estômago com ânsias violentas no gramado verde que papai tinha tanto orgulho.

— Ele está evoluindo em uma escala rápida, — Detective Jefferson afirma, coçando a barba. — Ele não tinha feito nenhuma vítima com idade superior a vinte e três anos e a última vítima foi estuprada. Isso é novo.

— O quê? — eu coaxo, me levantando e limpando meus lábios com as costas da minha mão.

Jefferson olha para mim com a testa franzida. — Sinto muito pela sua perda, Phillips.

— Não, — eu assobio, — volte ao que você acabou de dizer. Estupro é novo para ele?

— Não havia sinais de violência sexual sobre as outras vítimas. — ele coloca as mãos nos quadris e inclina a cabeça.

— *Eu* era uma vítima, e ele me *estuprou*... várias vezes, porra.

— Jade, — Dillon diz meu nome de novo e eu estou cansada de ouvi-lo. Seu braço chega até a mim, mas eu me afasto para longe dele.

— Estupro não é algo novo para ele, — eu estalo. — Assassinato e carnificina não é algo novo para ele. Estas vítimas são mais velhas, porque essa é uma mensagem para mim. Isto é tudo para mim.

— Eu só queria dizer que ele não estuprou as outras mulheres...

— Bem, ele *me* estuprou! — eu grito, provocando um coro de suspiros.

Eu aceno para todos eles. — Não ajam como se vocês já não soubessem da porra da minha história. Não ajam como se vocês não conversassem sobre isso pelas minhas costas.

Um grito cheio de raiva escapa de mim antes de eu ser pega por Dillon e estar pendurada no seu ombro. Eu não luto com ele, eu só soluço em suas costas.

Minha bunda é colocada no banco do passageiro de seu carro e a porta é totalmente fechada, me prendendo com minhas emoções caóticas. Estou sufocada sob o peso da minha realidade. Meu coração está sangrando e eu não posso consertar a ferida.

Eu suspiro para o ar quando meu peito se aperta. Eu não posso respirar.

— Está tudo bem, — ele murmura. — Está tudo bem. — a porta bate enquanto Dillon senta no do lado do motorista. Ela me paga pelo braço e eu estou sendo arrastada em seu colo. Em cima dele, eu me apego a ele. — Respire, sinta meu coração bater contra o seu. — ele começa a bater, *du-dum... du-dum... du-dum...*

O ar me invade e eu me apego de volta a ele.

— Eu preciso de você dentro de mim, — digo a ele.

— Você está em estado de choque, baby.

— Por favor, eu preciso sentir você, — eu digo a ele, puxando a fivela do seu cinto. Ele agarra meus pulsos e depois repousa a cabeça contra a minha testa, respirando profundamente.

— Há pessoas em todos os lugares, baby, e você está em estado de choque. Eu não vou levar você assim.

Soltando a fivela, eu me desvencilho dele e volto pro meu assento.

— Jade...

— Pare, — eu sufoco. — Só... não diga nada. — minha garganta dói de tristeza, minha cabeça ruge e comprime.

— Scott, dois-dezenove. — o chiado do rádio e o bip dá a nós dois um alívio.

— Na escuta, aqui é Scott, dois-dezenove, — ele late. — Continue.

— Temos uma caminhonete preta, placa 764 KNY.

— Vá em frente, — Dillon diz a ela, olhando para mim.

— A caminhonete foi classificada como suspeita pela equipe do Six Mile Motel.

— Entendido.

Ele olha para mim e eu posso sentir que ele não quer que eu vá, antes mesmo dele me dizer. Ele está louco se ele acha que eu vou ficar aqui.

Dedos batem na minha janela e eu me assusto. Abaixando-a, vejo Maureen ali com a porra da Boneca comedora de sangue, o cachorro, um presente da porra de um psicopata.

— Jade, — pergunta ela, com enormes lágrimas nos olhos. — Onde está Bo?

Merda.

— Maureen, Bo vai ficar bem. Eu prometo.

Grande mentirosa.

— Dê outro nome para o seu cão. — eu rolo a janela para baixo e mando Dillon dirigir.

* * *

Nós dirigimos em silêncio e eu tento afastar a visão dos meus pais da minha mente. O cascalho é esmagado pelos pneus quando nós saímos da estrada para o caminho que conduz ao motel barato.

— Lá. — Dillon aponta para a caminhonete preta.

É de Bo.

Soltando meu cinto, eu abro a porta e dou um passo tímido pra fora.

— Você não precisa estar aqui, Jade, — Dillon me diz através do teto do carro.

— Sim, eu preciso.

Nós fazemos o nosso caminho para a caminhonete e sem tocá-lo, olhamos pela janela no banco da frente. Garrafas de água vazias estão jogadas no chão do lado do passageiro, o que é comum para Bo. Ele é mais bagunceiro do que as crianças que ele dá aula.

— Há sangue, — Dillon anuncia, olhando para a traseira da caminhonete. Um homem se aproxima e levanta sua camisa com um crachá.

— Ei, eu sou Tim, o gerente daqui. — ele acena com a cabeça e, em seguida, cruza os braços, esfregando a barbicha no queixo.

— Você pode nos dizer quanto tempo esta caminhonete está estacionada aqui? — Dillon pergunta a ele.

— Alguns dias. Nós achávamos que pertencia a um dos nossos clientes, mas depois vimos que ela continuava parada aí e percebemos o sangue.

Meus olhos digitalizam a área e eu faço um gesto para a câmera com a minha cabeça. — Elas funcionam?

— Sim, elas são novas, mas ninguém mexe nelas. Eles fazem o upload na nuvem. — ele dá de ombros.

Então, ele não pensou em olhar para ver quem estacionou a caminhonete aqui? Eu afasto a minha irritação e vou em direção à entrada do motel. — Nós precisamos vê-las.

Deixo Dillon lá e sigo o cara esbelto para dentro. Ele cheira a suor e porra e se os tecidos transbordando de sua lata de lixo são a indicação disso, eu diria que ele usa este escritório como se fosse seu quarto.

— Você é bonita para uma policial.

Bonequinha linda.

— Eu sou uma detetive.

— Quantos anos você tem?

Ele está falando sério? Eu pareço uma merda de tanto chorar e eu estou aqui investigando uma caminhonete ensanguentada com a vida de uma mulher espalhada por toda parte.

— Só me mostre o que interessa, Tim, — eu o corto.

Ele dá um tapinha na cadeira ao lado dele.

— Eu estou bem aqui.

A hora pisca no canto da tela e, em seguida, a caminhonete aparece, estacionando.

Baque.

Baque.

Baque.

A caminhonete para e uma figura sai e anda pela direta das câmeras. Ele sorri, como se ele soubesse que eu vou estar assistindo e tem algo em sua mão.

— É um cartão de acesso, — anuncia Tim.

Eu posso ver, Tim. Como se eu precisasse dele para narrar.
Babaca.

Ele se move através do estacionamento e utiliza a chave em uma das portas.

— Descubra no nome de quem o quarto está. — eu lato para Tim, que corre para a recepção.

Eu uso o mouse do computador para avançar até ele sair do quarto, duas horas e doze minutos mais tarde.

— Cindy Harris, — profere Tim.

Colega de trabalho do Bo.

Eu assisto a poderosa caminhada do homem que me manteve trancada durante todos esses anos, o homem que massacrou meus pais. Ele segura uma chave e a desliza em cima da roda da caminhonete. Correndo do escritório e através da recepção para fora

das portas, eu vou para a caminhonete e vasculho o pneu. Assim como no vídeo, o objeto escova contra os meus dedos onde ele deixou.

— O que é isso? — Dillon pergunta com um gesto firme. Eu pego a chave, levanto e aponto para o quarto cinco com um braço estendido.

Ele estende a mão para mim, pedindo a chave, e eu hesito antes de deixá-la cair na palma da sua mão. Eu não sei se eu posso lidar com o que está por trás daquela porta. O corpo da minha mãe pendurado como se ela fosse a porra de uma boneca pisca na minha mente e eu tenho que segurar o soluço que ameaça rasgar o meu peito.

As pesadas botas de Dillon batem contra o chão enquanto os meus passos tímidos seguem atrás. A arma dele está no coldre, ele me avisa para ficar para trás e bate os nós dos dedos na porta com batidas pesadas. — É a polícia. Se alguém estiver aí dentro, eu preciso que você venha saia lentamente com as mãos levantadas no ar onde podemos vê-las.

Silêncio.

Empurrando o cartão chave na fechadura, ele destranca e gentilmente a empurra com sua arma apontada e pronta, — Jesus! — ele dá um passo pra fora, abaixando a arma e balançando a cabeça. Venho por trás dele e olho para dentro. Escrito na parede com sangue acima da cama, onde uma mulher morta está deitada nua, estão as palavras que me assombram.

Srta. Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Então, ela telefonou para o médico para vir rápido, rápido, rápido.

O médico veio com sua bolsa e seu chapéu,

E ele bateu à porta com um tat-tat tat.

Ele olhou para a boneca e balançou a cabeça,

E ele disse: — Srta. Polly, coloque-a direto na cama!

Ele escreveu em um papel uma pílula, pílula, pílula,

— Eu vou estar de volta na parte da manhã, sim eu vou, vou, vou.

Meu celular vibra no meu bolso e eu o puxo enquanto aceno para as pessoas se afastarem. — Phillips, — eu agarro o meu celular.

— Você gostou do seu presente?

Meu sistema congela, me solidifica e me enraíza no chão. — Seu filho da puta, — eu assobio.

— Oh, por favor. Eu fiz um favor, — Benny diz, estalando sua língua. — Você sabia que o seu precioso Bo estava transando com aquela prostituta?

— Ela era inocente, — eu grito.

— Sem essa! — ele rosna. — Ela era uma puta suja. Como ele poderia querer ficar com ela, quando ele tinha você?

— Você é um animal, — eu engasgo. — Você... meus pais...

— Ainda estariam aqui se você não tivesse fugido, porra.

Eles morreram por minha causa.

Eu fugi, fugi, fugi.

— Só agora, Benny? — eu grito. — Por que esperar todo esse tempo?

Dillon está em meu rosto, tentando roubar o meu telefone, mas eu me afasto dele.

— Benjamin, — ele rosna. — E cada vez que você me chamar de Benny, eu vou cortar um pedaço de Bo.

Não.

— Por que agora, Benjamin? — meu braço envolve em torno de minha cintura e eu tento me impedir de cair no abismo da loucura de Benny, enquanto me concentro em Dillon latindo ordens em seu celular.

— Eu estava curioso sobre o que você faria, eu acho, e chegar em você não teria sido fácil. Então, eu tentei viver sem você. — ele respira pesadamente na linha. — Mas eu não consegui. Elas não eram você.

Baque.

Baque.

Baque.

— Quem? Não houve outros corpos, — eu digo em voz alta.

Dillon está me circulando como um tubarão agora, as mãos nos quadris e um olhar firme no rosto.

— Hmmm. Você está pronta para voltar para casa agora, bonequinha suja?

Eu engulo a bile subindo na minha garganta. — Me diga onde você está.

— Isso é o que tenho tentado fazer este tempo todo. Mas se você levar alguém com você, eu vou cortar a garganta da sua irmã antes de você ter a chance de recuperá-la.

— Espere, — eu digo, esfregando a palma da mão, apertando o meu rosto para limpar a minha cabeça. — Onde? Eu não entendo.

— Se você não vier para mim, então eu vou até você.

A ligação morre e eu largo o meu braço, batendo o telefone contra a minha coxa.

— Era ele? O que ele disse? — Dillon exige, as palmas das mãos sobre os meus ombros, me centrando. Eu me afasto.

— Nada faz sentido, — eu suspiro, e depois grito para o céu escurecendo.

— Nós vamos rastrear a chamada. — ele anda de um lado para outro. — Você conhecia ela? — ele pergunta, apontando para a menina no quarto.

— Ela é a colega de trabalho de Bo. Com quem ele me traiu. — eu passo a mão pelo meu cabelo.

— Você sabe qual é a referência desse fodido poema assustador?

Eu suspiro e tento não pensar sobre o meu tempo trancada com ele, mas é impossível e eu estou lá antes da minha próxima respiração.

* * *

Benny quase nunca bebe, mas quando o faz, é sempre acompanhado com o mesmo humor solene.

— *Fique de pé no canto, — ele late para mim.*

Faço o que me disse e espero ele entrar. Se ele está sob o efeito do álcool, talvez eu possa roubar a chave da minha cela, esperar que ele saia, e em seguida, livrar Macy e eu. O tilintar familiar da porta não me faz recuar tanto quanto antes. Você sabe que está fodida quando você se acostuma com o abuso.

— *Se vire.*

Eu me movo para encará-lo, sem me preocupar em cobrir a minha modéstia. Ele estuprou isso de mim há muito tempo. A modéstia é uma piada.

— *Tudo o que eu digo a você, eu quero que você repita, ‘Eu sei, Benjamin’.*

— *Por quê?*

Sua mandíbula fica tensa. — Apenas um vez, porra, você pode simplesmente fazer o que eu peço?

— *Eu não sou uma criança, Benjamin, — eu bufo.*

Sempre desafiante, eu acho que é o que me mantém viva.

— *Se você não fizer o que eu pedir, eu vou buscar minha linda bonequinha e fazer com ela em vez disso, — ele rosna, apontando um dedo trêmulo por mim.*

Macy.

Não.

— *Ok, eu vou dizer isso.*

— *Quais são as palavras, bonequinha suja.*

— *Eu sei, Benjamin, — eu gaguejo.*

Suas sobrelanceiras se juntam e seu peito sobe e desce pesadamente. — Vá para a cama de barriga para baixo e espalhe as pernas para meu pau.

Faço o que me diz, engolindo a secura na garganta. Ele vai ser bruto e isso vai doer. A dor não é uma coisa nova para mim, mas eu aprendi seus humores e rotinas e posso geralmente antecipar suas visitas, me preparando para aceitar.

— Abra suas pernas, porra, — ele ruge, e um tremor me sacode enquanto eu abro as pernas.

— Levante sua bunda e abre mais.

A cama não é grande e meu joelho desloca sobre a armação de metal enquanto eu empurro minha bunda em uma posição de bruços. Sua mão quente desliza sobre minhas nádegas.

— Eu amo esta buceta, você sabe disso? É tão bonita. Rosa é a cor perfeita, — reflete ele, se inclinando para frente. Seu rosto se esfrega contra mim enquanto ele inala e depois se afasta.

— Eu não cheguei a prová-la.

Ela?

— Mas eu aposto que ela teria cheiro e gosto tão delicioso como você, bonequinha suja.

Eu espero por sua língua me tocar lá, mas apenas ar frio me assalta quando seu peso deixa a cama. — Não se mova.

O tilintar da minha cela me alerta para ele saindo e a porta está entreaberta. Minha cabeça nada com pensamentos de fuga, mas ele se foi apenas por um momento e eu não me mexo. Eu nunca teria chegado até a porta, e muito menos passado por ela. Estou muito ocupada pensando na minha fuga para reagir quando ele coloca uma algema em volta do meu pulso e ao pé da cama. Eu mexo a minha mão, mas está firme e estou presa. Outro clique e o metal frio está no meu outro pulso, me prendendo do outro lado.

— Ben... — eu me impeço de terminar quando o seu corpo enrijece ao meu lado.

Ele envolve meu tornozelo na cama, me mantendo presa nesta posição.

O que está acontecendo?

Ele repete o processo e minha respiração aumenta de medo. O assobio do chicote no ar quando ele estende um objeto de aparência de um bastão na mão me faz recuar. Seus pés se deslocam para a parte inferior da cama onde estou espalhada, vulnerável.

Srta. Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Whack!

A dor como nada e explode contra a minha carne exposta.

Então, ela telefonou para o médico para vir rápido, rápido, rápido.

Whack!

— P-por favor, p-p-are, — eu suspiro, engasgando com a saliva da minha boca, enquanto as lágrimas que eu jurei que nunca mais derramariam por ele, cai de meus olhos.

O médico veio com sua bolsa e seu chapéu,

Whack!

— Por quê? Por favor!

E ele bateu à porta com um tat-tat tat.

Whack!

Vou desmaiar.

Ele olhou para a boneca e ele sacudiu a cabeça,

Whack!

As paredes da minha cela desaparecem quando o som de seu instrumento de tortura bate no meu lugar mais privado, ressoando no pequeno espaço.

E ele disse: — Srta. Polly, coloque-a direto na cama!

Whack! — *Você é suja.*

Ele escreveu em um papel para uma pílula, pílula, pílula,

Whack! — Você é suja! — ele grita, e quando eu estou em um estado de inconsciência, eu acho que eu o ouço chorar.

— Eu vou estar de volta na parte da manhã, sim eu vou, vou, vou.

Eu acordo com ele em cima de mim. Meus membros estão livres e eu estou nas minhas costas, dormente da cintura até os joelhos. Seu peso restringe meus pulmões de ganhar ar. Um líquido cai no meu rosto e sua língua o lambe.

— *Sinto muito, — ele murmura. — Ela fez isso conosco. Nós não somos doente... você não é doente. Me diga, — ele insiste, balançando a cabeça com as palmas das mãos gigantes, agarrando cada lado do meu rosto.*

— *Eu sei, Benjamin, — repito, assim como ele me instruiu a fazer.*

— *Eu sinto muito. Eu te amo.*

— *Eu sei, Benjamin.*

Eu suspiro, pegando a tristeza tentando escapar da minha alma. Ele me machucou tanto. Será que eu vou me recuperar disso? A escuridão me rouba novamente e eu apago durante dias.

* * *

Levei uma eternidade para ser capaz de me mover da cama. Eu fico irritada cada vez que eu penso que eu ia morrer da agonia, Benny iria entrar na minha cela e olhar para o seu trabalho, me dizendo que o ferimento tinha um sinal de cura. Em seguida, ele iria me alimentar com água e ele iria me mandar de volta para o sono sem sonhos. Dou crédito a Benny em uma coisa, ele era tão bom em me machucar, me fazendo sangrar e dar contusões, fazer com que eu desejasse a morte, mas eu não tinha cicatriz do lado de fora, não era algo que ele fazia. Ele gostava de me ver impecável para a sua perversão doentia.

— Jade, você me assustou pra caralho.

— Hã?

— Aonde você vai, baby? — pergunta Dillon, me puxando em seus braços. — Você saiu e não conseguia me ouvir chamar por você.

Engulo em seco e engulo o meu medo. — Ele nunca vai parar. Ele me quer de volta. — eu quebro, minhas pernas bambeando. Os braços de Dillon apertam em torno de mim e ele me segura com ele. Então ele me levanta dos meus pés e me carrega como um marido carregaria sua nova noiva.

Mas não há nada feliz com este momento.

Nada, porra.

Estou morrendo por dentro.

Capítulo dezessete

Ruívo

A volta para minha casa foi em silêncio. Desde que chegamos, ele me despiu, tentando lavar os horrores do dia do meu corpo no chuveiro, e, finalmente, me ajudou a subir na cama. Nem uma lágrima tinha caído, não, eu acho que já chorei todas elas. A picada das gotas salgadas ainda são proeminentes no meu rosto, meus olhos estão vermelhos, caídos e inchados de tristeza. A única coisa que eu posso sentir agora é raiva.

Branca e ofuscante.

E ela está aumentando.

Com cada respiração irregular, me deixa mais exausta, uma fúria cresce mais forte dentro de mim.

Dillon deve ser capaz de sentir o calor. Seus dedos vibram sobre a minha carne quente e nua como se ele estivesse tentando acalmar a guerra travando dentro de mim. Fico imaginando meus pais deitados em macas de metal frio, sendo cortados pelo legista. Minha mente é invadida pela imagem e os pensamentos que devem ter passado através de suas cabeças quando Benny chegou até eles... por minha causa.

Bonequinha suja.

Por que eu fugi? Se eu tivesse ficado lá, Bo estaria vivendo sua vida feliz com alguém que poderia dar a ele mais do que eu jamais poderia. Meus pais não saberiam o que aconteceu com Macy e comigo, mas eles ainda estariam vivos. Eles não teriam que morrer sabendo que tipo de monstro ainda tem o seu bebê.

— Não, — Dillon sopra sobre mim. — Não se culpe por nada disso.

Ele me beija nos lábios, meu rosto, minha clavícula, e abafa o arrependimento. Seu toque só acrescenta fogo nas chamas já

queimando dentro de mim. Eu quero vingança. Quero Macy de volta. O desejo ardente de foder a dor se torna tão intenso, que eu sinto como se eu pudesse entrar em combustão.

— Baby... — ele murmura, sua boca se conectando com a minha.
— Me ouça. — ele está praticamente deitado em cima de mim, me esmagando com seu peso.

Eu quero que ele me quebre em pedacinhos, me entorpeça, roube essa energia explosiva crescendo dentro de mim. Eu estou prestes a me auto destruir se ele não se apegar a mim e me aterrar a ele. Talvez se ele me reduza a pó e consuma as cinzas...

Talvez então eu não sinta doer tanto por dentro.

Talvez, então, eu me sinta vazia.

Sua testa pressiona contra a minha e seus olhos parecem como se eles fossem chocolate derretidos com o sol da tarde entrando pela janela. — Baby... — diz ele novamente.

Ele provavelmente quer me assegurar que tudo vai ficar bem. *Nada vai ficar bem.* Ele provavelmente quer me dizer para dormir para que eu possa aliviar a dor. *A dor será sempre uma lembrança nítida do monstro na minha vida.* Ele provavelmente vai me pedir para procurar aconselhamento para encontrar uma maneira de lidar com o que Benny tem feito comigo. *Eu nunca vou encontrar uma maneira de lidar, até que ele tenha sumido para sempre.*

— Baby, — ele diz, sua voz baixa, — vamos encontrá-lo e vamos matar ele, porra. Você e eu, Jade. Ele não vai conseguir sair dessa. Eu estarei com você a cada passo do caminho e vamos acabar com ele. Não o colocaremos na cadeia. Ele não vai sair dessa vivo.

É preciso um momento para processar suas palavras. Claro, Dillon diria o que eu esperava. Ele é Dillon Scott. Policial arrogante com um passado triste. Um cartão selvagem no meu previsível mundo infernal. Meu amante insaciável com uma paixão por vingança. Eu deveria saber.

— Obrigada. — meu coração começa a pulsar de volta à vida. Dillon me faz ter sentimentos, apesar do meu desejo de nunca sentir nada novamente.

Ele parece saber o que eu preciso, porque seus lábios esmagam contra os meus, dolorosamente. Seu beijo é profundo e exigente, minucioso e tudo consome. Eu entrelaço minhas pernas em volta de

sua cintura e o aproximo de mim. Seu pau espesso e endurecido esfrega contra o meu clitóris. Eu o quero dentro de mim, eu quase sufoco um soluço, pedindo a ele.

— Eu sei, — ele garante contra a minha boca. — Eu sei o que você precisa.

Um longo e prolongado gemido rasga do meu peito quando ele desliza seu pau em mim. Eu ainda estou me acostumando com o seu tamanho. A maneira como ele tem a capacidade de me esticar, é estonteante.

— Me foda com força, Dillon. Por favor, leve tudo embora, — eu imploro, as lágrimas já escorrendo no meu rosto.

Seu pomo de Adão sacode em sua garganta enquanto ele engole e balança a cabeça. — Eu sei o que você precisa, e não é isso, baby.

Eu começo a protestar, mas ele começa a resistir a mim. Um lento, impulso estável. Seus lábios salpicam uma chuva de beijos no meu rosto, me adorando a cada beijo. Eu me agarro em seus ombros, esperando que ele vá perder o controle a qualquer momento, me fodendo desesperadamente. Ele não faz. Aqueles olhos castanhos escuros permanecem firmes nos meus enquanto ele faz amor comigo.

Claro, Bo fez amor comigo muitas vezes.

Inferno, até mesmo Benny pensou que ele fazia, fodido doente.

Mas eles nunca me fizeram me sentir tão totalmente consumida. A alma de Dillon parece chegar até a minha e me cobre com sua proteção e amor. Me sinto segura, apesar das tragédias que já enfrentei hoje e no meu passado. Dillon encontra uma maneira de me mostrar com seu corpo que eu não estou sozinha. Assim, eu nunca vou ter de ficar sozinha novamente.

— Minha linda menina, quebrada, — ele murmura contra a minha boca enquanto ele desliza para dentro e para fora de mim de uma forma tortuosa. — Todas as suas peças são minhas para segurar. Cada fragmento seu, pode me cortar, que eu aguento de bom grado. Você vale a dor. Na verdade, eu quero abraçar essa dor, mesmo que só por um segundo eu possa tirar um pouco da dor que consome você.

Um soluço me escapa e ele me beija suavemente. Ele esfrega contra mim de tal forma que o meu corpo começa a formigar e tremer com a necessidade de gozar. Isso não é um orgasmo normal, parece mais profundo e em um nível totalmente diferente.

— Eu não posso suportar a dor, — eu admito entre lágrimas, engasgando com um soluço. — É muito, Dillon.

Sua testa pressiona a minha de novo, o seu ritmo constante. — Eu sei, baby. Dê isso para mim. Basta dar para mim.

Ele beija as lágrimas e sobre as minhas pálpebras fechadas, me salpicando com delicados e ainda intensos beijos.

O tremor que ondula dentro de mim é quase doloroso. Um intenso prazer me cauteriza. Eu deixo passar. A dor que aperta ao redor do meu coração desaparece por um momento, enquanto ele geme a sua própria libertação. Seu calor me absorve por dentro e por um pequeno segundo, eu me sinto paz.

Dillon é a paz.

Eu estou perdida neste novo mundo que nós criamos, um mundo onde ninguém além de nós existe. Não são assassinos psicóticos ou familiares mortos. Apenas Dillon e eu. Em paz. Ele não escorrega para fora de mim enquanto seu pau amolece. Em vez disso, ele desliza seus braços embaixo de mim e me abraça com ele, me esmagando com todo o seu peso, me levantando, e então estou montando seu colo. É como se ele estivesse tentando moldar nossos corpos em um. Nossa pele suada brilha sob o luar que escoia através das cortinas abertas e ele me segura enquanto eu tremo.

Ele fuça meu nariz com o dele e, em seguida, lambe minhas lágrimas salgadas em minhas bochechas quentes e inchadas. Isso só me faz chorar ainda mais enquanto ele cuida de mim em um nível tão básico. Dillon sempre parece saber o que eu preciso. Agora, ele me protege e me acalma com seu corpo. Eu enfio os dedos em seus cabelos, agarrando-o para que ele não me deixe.

— Não me deixe, — murmuro. — Você é a única coisa que me resta.

Seu pau endurece de novo e ele começa a se mover dentro de mim, guiando meus quadris com uma mão forte na minha cintura. — Nunca, Jade.

— E se ele encontrar uma maneira de conseguir o que quer? Ele nos escapou por tanto tempo. — o pensamento é aquele que nunca vai embora.

Ele desliza a mão para o meu queixo e o segura a ponto de doer. Um incêndio reflete em seus olhos e meu coração bate em resposta. Seu

amparo é evidente, me queimando. — Eu. Nunca. Deixarei. Ele. Ferir. Você. Novamente.

Eu fungo e balanço a cabeça. — Ele sempre consegue o que quer.

Dillon rosna e empurra forte em mim. Eu grito enquanto ele me fode como um louco, trazendo meu corpo para baixo e para cima dele, enquanto seus quadris não param. Seus dentes se chocam com os meus enquanto ele me consome com um beijo, que eu sinto na minha medula. Minhas mãos se agarram na carne em suas costas, e seus dedos apertam meus quadris, me esfregando nele. Sua boca devora meu mamilo duro com seus impulsos, porque meus peitos não param de saltar. Lambendo, sugando, degustando, consumindo. Nossas calças criam uma trilha sonora para nossa fuga carnal. Seu pau empurra mais profundo do que nunca e minhas paredes se agarram a ele, se contraindo para a liberação.

Nós dois somos consumidos por esse vórtice de êxtase sexual e conexão, até que eu estou gritando seu nome uma e outra vez como um canto fodido. Ele não para até que ele descarrega mais de sua semente dentro de mim, e desta vez quando ele para, não estou mais soluçando.

— Eu não quero que ele ganhe, — eu assobio, ofegante no ar aquecido.

Seu queixo aperta e seus olhos piscam com ódio, ódio mútuo pelo monstro que arruinou a minha vida. — Contra nós, baby, — ele me diz ferozmente, — aquele filho da puta não tem chance.

* * *

— Como você está levando, Phillips? — pergunta Chefe Stanton, enquanto rugas de preocupação marcam seu rosto já envelhecido.

Depois que Dillon me fodeu até que eu estivesse mentalmente entorpecida, ele nos deixou dormir e assim que o sol beijou o lençol da cama com seu brilho da manhã, ele me arrastou de volta para a delegacia porque o Chefe queria nos ver.

Encolho os ombros e saboreio o café que ele pegou no Starbucks no caminho até aqui. — Tudo bem, Chefe, — eu digo inexpressiva.

Dillon corajosamente se estica e pega a minha mão livre. — Ela está lidando tão bem quanto se pode esperar de alguém que viu os corpos brutalmente assassinados de seus pais. Ela está se segurando e isso é tudo que qualquer um pode esperar. Como você acha que ela está?

Stanton olha para o nosso gesto de carinho com as mãos, mas acena com a cabeça. — Eu sinto muito. Eu só me preocupo com você. Quando algum psicopata tem como alvo um dos nossos, todo mundo por aqui fica agitado. Este filho da puta já escapou da gente tempo suficiente. Todos nós queremos justiça. Cada um de nós quer ser o único a acabar com esse imbecil e jogá-lo atrás das grades. Isso vai acontecer, Phillips. Estamos trabalhando contra o relógio e verificando todas as pistas. Ele não vai te machucar. Essa é uma promessa.

Eu engulo a minha amargura. — Benny é bom. Sempre dois passos à frente. Ele vai conseguir o que quer. — *eu*.

O chefe balança a cabeça em negação. — Não. Não dessa vez. Eu mandei um policial ficar de guarda no seu apartamento, sempre de plantão. E aparentemente, — diz ele com um levantar de sua sobrancelha, — Dillon tem cuidado bem de você. Esse psicopata não vai ter qualquer chance de chegar perto.

Eu nem sequer tento forçar um sorriso falso. O Chefe não tem ideia do quão determinado Benny é. Ele não para por nada. O filho da puta deixou isso perfeitamente claro.

— Algum detalhe sobre o telefone? — pergunta Dillon.

O chefe resmunga. — Nós não conseguimos rastrear sua chamada, mas tiramos a impressão digital parcial do telefone pré-pago. O laboratório está fazendo a perícia. Esperamos conseguir uma pista. Vamos todos fazer uma oração para o cara lá de cima que nos ajude a achar uma pista do cretino no sistema.

Dillon aperta minha mão e uma vibração de esperança me atravessa. Durante oito anos eu estive perseguindo um fantasma. Agora, o fantasma está muito vivo e me assombrando aqui fora. Mas, pela primeira vez, somos capazes de chegar nele.

Aguenta mais um pouco, Macy.

Mamãe e papai podem ter ido embora, mas eu ainda estou aqui.

— Scott, — o chefe bufa. — Leve Phillips, e pelo amor de Deus, faça-a comer alguma coisa. Amanhã vou informá-lo sobre quaisquer

novos detalhes ou se tivermos sucesso na perícia. Cuide da nossa menina.

— Eu quero trabalhar, — eu digo a eles, e eles olham para mim como se o que eu disse fosse que eu queria comer bebês ou alguma merda assim.

— Sim, isso não vai acontecer, Phillips. Você precisa tirar uma folga e cuidar de si mesma. Você tem que enterrar seus pais e lamentar sua perda.

Enterrá-los.

Oh Deus.

Ele me dá um breve aceno de cabeça antes de nos acompanhar para fora do escritório. Dillon me puxa para os meus pés e envolve o braço por cima do ombro enquanto nós saímos. Todos os olhos estão sobre nós quando passamos pela delegacia, mostrando a todos eles que eu estou sob sua proteção. Recebemos algumas sobranceiras levantadas e observações grosseiras ao longo do caminho, mas eu estou bem com isso. Eu nunca me senti tão aceita. Do tempo que eu trabalho aqui, eu fui considerada frágil e quebrada.

Dillon não se preocupa com nada disso e se agarra a mim de qualquer maneira.

Somos nós contra eles.

Somos nós contra *ele*.

* * *

— Você vai ficar aqui até eu comer? Você não deveria estar lá fora procurando bandidos? — eu estalo. — Procurando o *nosso* cara mau?

Dillon levanta uma sobranceira. — Por uma questão de fato, eu não vou sair esta manhã até que você coma o waffle que eu te fiz. Semana passada você quase não tocou em nada. Se nós vamos encontrá-lo, eu preciso de você com força total.

Dillon trouxe todos os arquivos do caso com ele e me deixou passar por cada um enquanto ele trabalha. Os arquivos dos meus pais, ele conseguiu manter longe de mim, e eu estava grata por isso. Vê-los

ao vivo na cena do crime era ruim o suficiente. Eu não poderia lidar com as suas fotos. Não tínhamos nada. Benny é impecável, é como se ele fosse um gênio quando se trata desta merda doentia. Ele não está no sistema e não deixou DNA na vítima de estupro. Ele usou o veículo de Bo, então não sei se ele virá até mim sozinho. Temos uma imagem, mas não é a melhor resolução e poderia ser qualquer um. Eu sei que Benny deve ser solitário. Ele quase nunca nos deixava sozinhas, então ele não deve ter amigos ou família. Cartazes e apelos saíram esta semana com a imagem dele, mas nada que nos tenha levado a uma pista consistente.

— Jade? — Dillon pergunta com o meu silêncio.

Com um lábio enrolado de desgosto, eu dou uma facada no meu waffle e faço uma grande cena enquanto coloco um pedaço em minha boca, até mesmo mastigando com a boca aberta. Ele ri, e pela primeira vez em uma semana, eu me encontro lutando contra um sorriso genuíno.

— Você é uma moleca, — diz ele, tomando seu café.

— Eu odeio me sentir como uma prisioneira.

Ele estremece com as minhas palavras e eu imediatamente me odeio por compará-lo, mesmo que remotamente com Benny. Benny me manteve lá contra a minha vontade. Faminta e me torturando. Me estuprou. Seu abuso estava longe de ser físico, apesar de tudo. Ele psicologicamente se forçou contra mim. Me marcou da pior forma dentro do meu cérebro, e causou estragos. Eles não são nada parecidos.

— Sinto muito, — eu sussurro, deixando cair o garfo no meu prato. Eu me levanto da cadeira e caminho até ele. — Eu não quis dizer isso.

Quando eu o abraço na cintura, ele abaixa seu café e me abraça de volta. — Eu sei. Você já passou por muita coisa. Não peça desculpas para mim.

Esta manhã, após um longo banho, ele se vestiu para o trabalho, mas ele cheira muito bem. Se eu continuar inalando seu peito, eu poderia pedir a ele para me distrair um pouco mais na cama. Ele é muito bom nisso.

— E se ele chegar até mim? Eu não posso evitar achar que ele está esperando que nós escoreguemos para que ele possa se antecipar,

e me levar de volta para aquela casa. Ele está muito calmo, Dillon. Uma semana sem nenhuma palavra, — eu digo com um suspiro preocupado.

Por um lado, estou feliz que seu fantasma esteja escondido. Os corpos não estão aparecendo em todo o lugar. Eu fui capaz de chorar pelos meus pais com alguma fodida sensação de paz...

Eu nunca vou estar totalmente em paz, apesar de tudo. Não até que ele suma de vez.

Mas, por outro lado, eu estou preocupada com Bo. Que seu corpo deve estar se decompondo em algum lugar, porque Benny nunca iria deixá-lo viver. E o que dizer de Macy? Que tipo de coisas horríveis que ele está fazendo com ela? Fazendo...

Não.

As ligações cessaram e estão me deixando tão louca como quando Benny estava aterrorizando meu mundo apenas uma curta semana atrás. A impressão parcial foi inconclusiva, as digitas do telefone não levaram a nada, e não havia qualquer evidência forense que pudesse nos ajudar. Todo dia Dillon fazia o que podia na delegacia e eu vasculhava os registros de terra do município para quaisquer pistas de onde aquele filho da puta se esconde com a minha irmã e meu ex-namorado.

— Ele não vai te pegar. Littleton está de guarda lá fora todo maldito dia e estou aqui à noite. Ninguém vai entrar aqui, a menos que eles se passem por um de nós. Você acha que alguém vai passar por Littleton? Ele era um linebacker na faculdade. O cara é uma muralha. Você está segura, baby, — Dillon diz, beijando o topo da minha cabeça.

Eu inclino minha cabeça para olhar para ele. Ele é tão bonito com seu sorriso torto e rosto desalinhado. Se meu mundo não fosse tão fodido, poderíamos realmente ser felizes, eu acho. Dillon me distrai e me faz sentir tão viva, digna e com vontade de ser sua.

Minhas mãos deslizam para cima de seu peito duro até que eu comece puxando o nó da gravata. Ele geme, mas não discute quando eu a tiro e, em seguida, desfaço seus botões. Quando eu chego ao último, ele arranca de seu corpo e a coloca na parte de trás da cadeira. Eu mordo meu lábio inferior. Ele parece totalmente fodível em sua camiseta branca praticamente pintada em seu corpo esculpido.

— Eu não tenho que sair por mais de vinte minutos, — diz ele com um grunhido antes de arrancar sua camiseta. Cada músculo em

seu peito flexiona com seu movimento. — Eu posso dar conta do trabalho em vinte minutos, baby.

Eu sorrio e é tão grande que atinge meus olhos. Deus, ele me faz feliz, apesar desta merda terrível acontecendo ao meu redor. — Posso manter você aqui por mais do que vinte?

Ele não responde. Em vez disso, ele se aproxima de mim. Como o homem das cavernas que ele é, ele me joga por cima do ombro, me fazendo gritar com prazer. Sua mão apalpa minha bunda através da minha calcinha e eu bato no seu traseiro uma vez que ele está bem na minha cara. Quando chegamos ao meu quarto, ele me joga na cama e luta com suas calças e boxers enquanto eu tiro minha camisa e calcinha em velocidade recorde.

— Você é como uma droga, Jade. Eu não consigo tirar você do meu sistema, — ele admite enquanto anda na cama para mim. — E eu quero. Eu só quero mais.

Ele empurra meus joelhos e então ele está dentro de mim. Dillon dificilmente vai devagar. Essa é uma das coisas que eu amo sobre ele. A maioria dos homens me tratariam com delicadeza por causa do meu passado. Dillon apenas me devora.

E eu quero ser devorada por ele.

— Deus! — eu grito quando ele bate em mim. Nós não estamos juntos há muito tempo, mas a nossa ligação é intensa e mais forte do que Bo e eu tínhamos.

— Tão linda e tão quebrada e minha, — ele murmura em meu pescoço, seus dentes beliscando a carne. Ele sabe que meu pescoço é o meu ponto fraco e sempre me deixa louca com sua boca.

— Sim, — eu assobio, — sua.

Minhas unhas arranham seu peito, o fazendo assobiar. Quando fodemos, nenhum de nós deixa a cama sem arranhões, marcas de dentes, contusões, e às vezes um sangue ocasional.

Como eu disse.

Ele me devora.

E eu o devoro.

— Jade, — ele geme contra a minha garganta quando nos separamos, uma quebra mútua dos mundos. — Eu, eu, eu, — ele resmunga, — porra, Jade.

— O quê?

— Eu amo estar com você... esta coisa que temos entre todo o caos, é real, certo? Você sente isso crescendo entre nós? — ele se levanta e olha para mim como se eu fosse algum tipo de magia, um feitiço.

— Eu sinto, — asseguro a ele. Eu amo isto. Seja o que for que estamos fazendo, eu adoro isso.

— Estou tão infectado com este desejo enlouquecedor.

— Shhh. Eu sinto isso também. Eu sou sua, — asseguro a ele.

A ponta do seu polegar vaga sob os olhos e, em seguida, ele o arrasta ao longo do meu nariz, enquanto ele me olha com admiração. Eu aperto o pulso e faço uma careta. — Macy... — murmuro.

Suas sobrancelhas escuras se juntam. — O que tem ela?

— Ela tem uma cicatriz aí. Ao longo do nariz. Benny fez um corte profundo o suficiente para deixar uma cicatriz horrível. Se qualquer um dos corpos... se... — lágrimas se juntam nos meus olhos e eu as afasto. — Eu não posso ver o corpo dela também.

— Ei, — ele murmura e embala meu rosto, pressionando beijos em cima de mim. — Você não vai ter que ver. Baby, vamos encontrá-la. Ela é a moeda de troca dele, sua garantia. Nós apenas temos que encontrar essa casa. Se encontrarmos a casa, nós a encontramos. Então vamos trazê-la para nós.

Para nós.

Quero acreditar nele.

Quero acreditar muito.

* * *

Eu acordo com um brilho do banheiro lançando meu quarto em uma luz fraca. Empurrando o lençol do meu corpo, eu piso no chão frio,

o cheiro do meu shampoo vaga em cima de mim enquanto o meu cabelo oscila ao redor dos meus ombros.

Vou pisando com os pés descalços até a sala de estar, e acho Dillon ainda totalmente vestido e seu cabelo em pé, como se tivesse sido há puxando. Meu estômago se revira e eu lentamente me aproximo dele por trás.

Eu espio por cima do ombro e vejo o arquivo que ele está lendo. É o arquivo de oito anos atrás, quando eu escapei de Benny.

— Dillon.

Ele não se incomoda em olhar para mim. Suas mãos esfregam seu rosto e ele respira profundamente. — Eu conhecia mais ou menos o conteúdo. Eu não trabalhei no caso, mas ouvi sobre a garota que foi sequestrada. Como ela foi encontrada viva é ainda mais surpreendentemente, e ela ter escapado do seu sequestrador. Eu sabia... mas eu não a *conhecia*, sabe. — ele puxa seu cabelo e eu chego para baixo e pego suas mãos, deslizando meu corpo para o seu colo.

Ele envolve seus braços em volta de minhas costas e enterra a cabeça no recanto entre o meu ombro e pescoço. Seu aperto é quase doloroso, mas eu não o afasto. Uma névoa quente sopra sobre mim. — Eu não tinha lido. Eu não podia. Não temos mais nada para continuar, então eu preciso procurar pistas, mas eu... é foda, Jade, o que ele fez com você... — ele engasga, e eu o seguro.

Eu o deixo quebrar.

Por mim.

Por ele.

Por nós.

* * *

— *Ela não é bonita? — pergunta Benny. — Uma bonequinha linda, como você.*

Posso ouvi-lo, mas eu estive com os olhos vendados. Ele tem me mantido presa por meus pulsos acima da minha cabeça, mas minhas

pernas estão livres. Infelizmente, ele também me amordaçou com um pano, então não posso falar.

Eu tinha saído com ele antes, quando ele entrou na minha cela. Estava morrendo de fome e ele nos deixou sem comida ou água durante o que pareceu anos. Quando ele voltou e entrou na minha cela, era como as discussões que mamãe tinha com meu pai as vezes, acusando e machucando com palavras.

Eu gritei que ele não poderia fazer isso, que ele era um pervertido doente e eu o odiava, e ele congelou, todo o seu corpo ficou rígido. Eu o afetei e eu sei que ele vai explodir.

— Você é um pervertido nojento. Ninguém poderia amar um animal como você, Benny. Então, você ficou fora por todo esse tempo, você é louco ou fodidamente letal. Vamos encarar, Benny, você é doente. Você tem uma doença, — eu grito, esmurrando seu peito.

Ele me solta. Eu o instiguei e instiguei mais, até que ele finalmente me acerta no rosto, e quando eu bato no chão com o impacto, eu perco a consciência. Quando acordei, eu estava assim. A lembrança da última vez que ele me algemou tinha me engolindo tão fortemente, me aterrorizado, e minha bexiga não aguentou e agora eu estava sentada na minha própria urina.

— O que é isso? — ele esbraveja. E, em seguida, um pequeno sussurro. — Perguntei se ela parece bem.

Macy.

— S-sim.

— Mais bonita do que você, hein?

Uma fungada. — Sim.

— Mas ela é tão suja também, — ele afirma, me fazendo estremecer.

— Muito suja, — Macy concorda, sua voz apenas um sussurro.

— Quer que eu a limpe?

Macy geme. — Eu quero voltar para o meu quarto.

Quarto?

— Por que, bonequinha? — ele pergunta, um humor sombrio em sua voz pesada.

— O quarto dela está sujo e é assustador.

— Você ouviu, bonequinha suja? — ele questiona, sua mão quente serpenteando pela minha coxa nua. — Ela não gosta do seu quarto.

Esses não são quartos!

— Por favor, Benjamin, — Macy implora.

Ele ri. — Ainda não, bonequinha. Diga a sua irmã por que o seu quarto é melhor.

Macy, com uma pitada de orgulho em sua voz, explica: — As paredes são cor de rosa, a minha cor favorita. E há belas bonecas. Eu tenho uma boa colcha também.

O polegar de Benny acaricia o interior da minha coxa. — Essa colcha pertencia a minha irmã, Bethany, mas a nossa mãe nunca a deixava usá-la. Bethany era muito bonita. Como Jade.

Eu congelo com suas palavras.

— Sou tão bonita como elas? — pergunta Macy, sua voz soando triste.

— Não, bonequinha. Essa cicatriz é feia. Sinto muito, mas você não é como elas. E isso é culpa sua, mas você aprendeu pelo seu erro. Sua irmã se recusa tristemente, então ela recebe muitas lições e punições. — sua resposta é fria e vazia.

Ela funga. — Eu acho que ela é feia agora. E suja. Ela fede. — o desprezo em sua voz dói meu coração. Macy.

— Engula isso de volta, — ele repreende, bem como um pai faria com seu filho.

— Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso, Jade, — ela choraminga, e meu coração se parte.

— Esse não é o nome dela! — ele ruge. — Sente-se ali no canto, bonequinha. Vocês duas foram impertinente e devem ser punidas.

Eu posso ouvir os passos dela e, em seguida, arrastando os pés enquanto se senta. Ela está choramingando, mas ele a ignora.

— Não. — eu imploro com material que enche minha boca, mas ele ignora meus pedidos.

— Bonequinha, — diz ele, os dedos rastejando mais para cima da minha coxa. — É o nome dela. Ela é suja. Não é?

— Não! — eu grito na mordada, balançando a cabeça.

— Sério? Então, se eu te tocar aqui, onde você está coberta do seu próprio fodido mijo, você não vai apreciar? — seus polegares roçam contra o meu clítoris e eu tremo em estado de choque. Então, como muitas vezes ele é cruel, e outras ele é gentil, eu não sei como lidar com ele.

— Ouça, bonequinha, — ele se aproveita enquanto me massageia de uma forma que me faz contorcer. Meu corpo não pode se defender contra seus ataques, quando é uma reação a uma ação. Não sou sua amante sentindo prazer; é alguém que sabe como fazer o seu próprio corpo, a sua própria alma, te trair até que você não pode nem mesmo ser você mais. Você prefere ser outra pessoa, e, lentamente, o que você que viveu, desaparece e você se torna oco.

— Ouça a sua irmã, bonequinha. Ela afirma que me odeia, mas ela está mentindo. Seu corpo me mostra o quanto ela me ama.

Eu odeio você... eu odeio você... eu odeio você.

— Olha como ela é linda agora. — ele empurra minhas pernas, as abrindo e quando eu tento fechá-las, ele as abre mais e escava os cotovelos na carne macia das minhas coxas. — Ela me ama. Olhe para os espasmos da sua buceta, me implorando para amá-la.

A bile sobe na minha garganta e eu quase forço o vômito vir para cima para que eu possa sufocar até a morte com a mordada.

— Você me ama? — eu ouço Macy perguntar. Meu coração se desfaz. É assim que ele planejou nosso reencontro? Eu não posso vê-la, mas ela tem que testemunhar isso?

— Você quer que eu a ame, não é? — ele diz simplesmente.

Não!

Meu grito através do pano é abafado. Lágrimas molhadas são absorvidas pela minha venda.

— Eu quero, — Macy diz suavemente.

Não! Não! Não!

— Um dia, talvez, se minha boneca suja me empurrar pra longe o suficiente, — Benny diz, cavando seus dedos em meus quadris e

causando uma picada lá. — Mas eu não sou um perverso, bonequinha linda, apesar das mentiras que a sua irmã disse mais cedo.

Ele me aperta mais forte e eu me encolho, respirando fundo para lidar com a dor.

— Eu gosto de limpá-la com a minha boca. É quando eu consigo as melhores reações dela.

E, em seguida, sua língua substitui o polegar. Seu dedo empurra dentro de mim e eu bloqueio uma reação por tanto tempo quanto possível, até as terminações nervosas soltarem faíscas e meu corpo me trair. Eu estou tão perdida, vagando em confusão e tentando navegar para fora da felicidade, meu corpo oscila sobre o limite da sanidade, com vista para as profundezas do abismo da loucura escura que está sempre à espreita.

Ele suga o meu clitóris e eu tremo. Eu não posso adiar as sensações inundando o meu corpo e sem permissão, eu voou para o orgasmo. Meus gritos se tornam gemidos sem consentimento. Benny se torna o homem que me dá prazer e não o meu torturador... mesmo que apenas por um momento. E eu o odeio mais do que nunca.

Vou sair daqui ou eu vou morrer tentando.

Capítulo dezoito

Vermelho rosso corsa

— Acorde, — o hálito quente de Dillon faz cócegas meu ouvido. — Eu tenho o seu vestido pronto.

Eu estou acordada por um tempo, mas não saí da cama. Dillon me trouxe de volta aqui ontem à noite, e nós dois apenas nos abraçamos e fizemos companhia um para o outro com um abraço inquebrável.

Caindo na rotina, eu empurro os lençóis e faço o meu caminho para o chuveiro, ignorando o reflexo gritando para eu dormir mais.

A chuva de água quente pulveriza sobre mim, e eu lavo meu corpo e, em seguida, saio para pegar a toalha que Dillon está segurando para mim. Ele dá um tapinha na minha pele enquanto me seco, e depois joga a toalha para a cama. Entrando na calcinha limpa que ele pegou pra mim, ele bate em uma perna e depois na outra, me vestindo como se eu fosse uma criança. E eu me sinto dormiente demais para impedi-lo. Eu ergo minhas pernas para que ele possa rolar a meia-calça preta até minhas panturrilhas e depois pelas coxas. Levantando meus braços, ele desliza meu vestido longo que cai em torno de mim, parando logo abaixo do joelho.

Eu forço meus pés em um par de sapatilhas pretas e puxo meu cabelo para trás em um coque.

— Você está pronta?

Eu concordo.

Mas eu nunca vou estar pronta para enterrar meus pais.

Eles morreram por minha causa.

* * *

Observando seus caixões sendo abaixados no chão, vendo as lápides que eles tinham escolhido para Macy e eu quando eles assumiram que estávamos mortas. Vendo eles serem colocados lá, parece um momento surreal.

Vou ter que enterrar Macy ao lado deles?

Não.

Reconhecia as pessoas que agora rodeavam seu jazido, mas na verdade, eu não conhecia ninguém, só sentia uma dor profunda em meus ossos. Me recusei a ir ao velório na noite passada por causa dessas pessoas que estão agora estão me olhando fixamente, questionando, me acusando. Eu mal me aguentava perto deles.

— Você pode me levar para o bar para tomarmos alguma coisa antes de voltarmos para casa? — pergunto, enrolando ao lado de Dillon. Seu braço me envolve apertado, me mantendo de pé.

— Você não quer ir na recepção, baby?

— Não. — balançando a cabeça, eu deixo o calor de sua segurança e me movo em direção ao seu carro.

Ele não fala nada durante o caminho até o bar, que fica perto da delegacia, e é um dos favoritos entre os meus colegas, mas sua mão segura a minha firmemente contra sua coxa. — Tem certeza que pode lidar com isso? — ele sorri, inclinando a cabeça na direção de Josie Bar.

— Sim, será uma boa distração.

As vozes aumentam e vibram das paredes conforme o jukebox solta um som calmante. O álcool e o cheiro de couro agride meus sentidos, e eu sorrio. Eu preciso disso.

— Whisky, — eu peço, segurando meus dedos para cima para sinalizar que eu quero dois.

— Ei, Phillips. Bom te ver, — alguém me dá um tapinha nas costas, mas eu não vejo quem. E assim que o copo é colocado na minha frente, tomo o whisky e toco nele para uma recarga.

— Alguém morreu? — uma voz zombando me atinge.

— Os malditos pais dela, idiota, — diz outro.

— Oh sim, eu esqueci. Eles não pegaram o cara ainda? — ele está bêbado. Eu posso dizer, reconhecendo o insulto em seu tom.

— Cale a boca, — Dillon late sobre a minha cabeça e se move para caminhar em torno de mim, mas eu coloco minha mão em seu estômago tonificado, desejando que ele tome um assento.

— Simmons, é o suficiente, — ouço o grunhido de alguém.

Simmons era o meu antigo parceiro. Ele tentou bancar o engraçadinho comigo uma vez, e eu dei uma direita no seu nariz, quase quebrando. Aparentemente, ele ainda está com raiva.

— Alguém questionou ela? Vamos encarar. Nós todos sabemos que ela é louca. — Simmons diz com uma risada desagradável. — Eu digo que ela chegou no limite, e surtou. — ele diz, e minhas entranhas se agitam enquanto uma raiva queima dentro de mim. Eu estico o braço para parar Dillon quando ele se lança do seu banco. Voltando, eu fecho a minha mão e disparo contra o nariz de Simmons. É rápido, forte e eficaz. E espirra sangue por todos os lados, enquanto ele torpeça nos seus pés. Agarrando o copo de cerveja no bar, eu inclino sobre sua cabeça, e o jogo no chão, quebrando.

— Fique sóbrio, imbecil. Você está envergonhando a si mesmo.

— Sua estúpida filha da puta, — ele ruge. — Você realmente quebrou meu nariz desta vez! — a mão cerrada de Dillon bate nele, e todo mundo corre para levá-lo para fora do bar.

— Ninguém acredita nisso, Phillips, — sinaliza Marcus.

Não importa o que qualquer um pensa. Eu sei a verdade.

Bonequinha suja.

O ar fresco explode em cima de mim quando eu saio do bar e me viro para sorrir para Dillon. — Meu herói,— eu digo com um sorriso, puxando o meu vestido até minhas coxas e pulando em seus braços.

— Ele tinha uma queda por você de anos. Eu não sei de onde veio isso, — ele rosna, andando comigo enroscada a ele.

— Foi bom quebrar o nariz dele de verdade. — eu sorrio contra seus lábios, me sentindo um pouco mais leve. Talvez a violência é o que eu precisava pra liberar um pouco dessa raiva reprimida dentro de mim.

Eu esfrego minha buceta contra seu pau e ele sibila.

— Foda-me em seu carro, Dillon, — eu gemo, mordendo o lábio.

— As pessoas vão ver, — ele geme contra o meu ataque.

— Deixe-os ver, — eu digo a ele e depois rio.

Explicar as emoções que rodam e torcem dentro da minha cabeça agora seria impossível. Há essa incalculável quantidade de agonia me consumindo, mas também essa paixão intensa me ancorando, como um buraco negro tentando engolir uma estrela, mas esbarrando contra a imensa gravidade impedindo-a de ir para baixo. Dillon é a gravidade e ele está me impedindo de ser devorada.

Abrindo a porta do carro, ele me coloca de pé e entra, desfazendo seu zíper e liberando seu pau de tamanho considerável. Ele acena suas mãos em mim, gesticulando para eu subir e eu tenho que morder o lábio para impedir de rir de seu entusiasmo. Alcançando a barra do meu vestido, eu a levanto e tiro minha meia-calça. Lançando para frente, ele me agarra na direção dele e eu tenho que colocar minhas mãos sobre o teto para não cair no carro. Seu aperto forte me leva entre suas pernas. O som rasgando me excita e minha calcinha fica molhada.

— Agora, entre aqui, — ele ordena, brincando.

Eu deslizo sobre seu colo, de costas para a sua frente, e ele engasga na minha posição.

Pairando sobre ele, eu me seguro enquanto ele puxa meu vestido para cima e coloco minha calcinha para o lado. Seus dedos testam minha abertura, empurrando para dentro e bombeando duro.

— Você está toda molhada, baby. E olhe para essa bunda na minha cara, porra. Eu quero te comer.

Ele alinha seu pau na minha abertura, e me abaixa nele. Minhas coxas são pressionadas juntas, fazendo com que a minha entrada fique mais apertada enquanto eu abaixo em cima dele. Seu pau grosso entra, e nós dois ofegamos quando a minha buceta estrangula totalmente seu comprimento. Eu uso o painel para me apoiar e empurrar o meu peso de volta sobre ele, seu quadril se mexe e ele se contorce debaixo de mim enquanto suas mãos fortes giram e direcionam meus quadris para baixo. — Você é tão apertada.

Movendo as mãos para cima, ele coloca as mãos nos meus seios e me puxa de volta contra ele para que ele possa me beijar em minha orelha e no meu pescoço. Uma mão serpenteia para baixo e encontra o

meu clitóris, inchado e latejante. Ele o esfrega e, em seguida, aperta até que eu me desfaça, gritando seu nome para todos ouvirem.

Meu coração bate forte e minha buceta se contrai, ordenhando-o no seu clímax. Nós tombamos juntos em um estado de êxtase que eu nunca atingi antes.

Paz.

Capítulo dezenove

Carmesim elétrico

— Estou tão feliz que você decidiu voltar.

Eu a examino mais uma vez e seguro o meu arrepio. Os sapatos que ela tem não combinam com o carmesim de sua saia.

Eu amo essa cor.

— Meus pais morreram. — eu falo na sala e ela visivelmente se assusta. Eu conto os peixes enquanto eu faço o meu caminho até eles. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.

— Pais. Ambos?

Eu estou falando outro idioma? Como é que esta mulher ainda se diz médica?

— Sim, ambos, — eu estalo com impaciência no meu tom. — Eles foram assassinados.

— Oh meu Deus, — ela engasga. — Eu sinto muito. Você quer se sentar?

Eu balanço minha cabeça negativamente e olho mais uma vez para seus peixes. Todos os nove. Esta será a última visita que faço aqui.

— Eles sabem quem os assassinou? — ela questiona, com choque ainda evidente em seu tom. Um tom mais superior e ofegante que o habitual.

— Eu acho que sim. Talvez. — eu dou de ombros. Tocando o dedo sobre o aquário, eu olho por cima do ombro para ela. — Você sabia que os peixes comem um corpo humano? — pergunto, me voltando para as criaturas inúteis. Sinto ela se virar em seu assento, sem ter que olhar para ela. — Eles veem isso como qualquer outro alimento, tiram seus nutrientes, e depois vão cagar o que não interessar, — eu rio sem humor.

— Isso é fora do assunto, — diz ela com um suspiro cansado. — Por que você não vem e se senta?

Eu olho para ela mais uma vez e ela está arranhando uma pequena cicatriz em sua mão.

— É uma coceira fantasma.

Sua testa se enrugou, e sua cabeça se inclina como um cachorro, não compreendendo a minha falta de foco.

— As terminações nervosas estão mortas nas cicatrizes, — digo a mulher estúpida. — A necessidade de coçar é uma coceira fantasma.

— Oh. — ela rapidamente cobre sua cicatriz e balança a cabeça. — Eu não tenho certeza se isso é correto.

Marchando até onde ela está sentada, eu me inclino para ela, fazendo-a encostar, e aponto o dedo pra ela. — Olha, — eu respondo, — eu sei sobre cicatrizes, senhora.

A cicatriz que Benjamin deixou em mim, às vezes coça, mas é na minha mente. Ele me diz isso.

O medo rodopia em seus olhos, mas estou tão entediada dela. Que triste vida ela leva aqui neste caixão aberto.

— Eu quero que você tenha algum conforto, — digo a ela. É uma mentira. Eu só gosto de insultá-la. É a melhor parte.

— Eu não entendo. Macy, por favor, você pode se sentar? — sua voz treme.

— Esse é o problema, — eu ferve. — Você realmente não entende, o que faz de você uma verdadeira médica de merda. Meu nome não é Macy. É bonequinha suja.

— Isso não é um nome. — lágrimas ameaçam cair de seus olhos.

Como ela ousa dizer que o nome dado pelo meu mestre não é meu nome verdadeiro?

— Só sei... — eu assobio quando eu puxo a lâmina do bolso do meu vestido bonito. — Sua cabeça vai alimentar seus peixes por um tempo.

Seus olhos se arregalam e as minhas palavras fazem seu corpo começar a reagir, mas é muito lento. Minha lâmina vem através de sua garganta como uma colher quente através de sorvete. Eu mordo meu

lábio e me inclino mais para ela, para que ela possa estar neste momento comigo. Eu observo confusão, medo, tristeza e, por último, um flash de aceitação em seus olhos.

Seu corpo se eleva e com suspiros ele cai contra o meu, e eu a abraço no momento em que seu corpo para apoiado em mim. A cabeça dela cai para trás, fazendo com que o jato do líquido vermelho bombeie mais rápido, me cobrindo com uma chuva de sangue dela.

Benjamin vai me punir por arruinar meu vestido.

O tempo passa rapidamente enquanto eu me ocupo com a minha tarefa.

Eventualmente, a porta se abre e se fecha atrás de mim com um clique. Foi mais de uma hora e ele prometeu que estaria de volta em uma. Eu me afasto dela para que eu possa vê-lo. O olhar dele desliza sobre a bagunça que eu fiz. Acabei de terminar de separar a cabeça da médica de seus ombros segurando sua cabeça pelos cabelos.

É muito difícil cortar osso. Felizmente, ela tem uma cozinha totalmente equipada com facas afiadas.

Com um sorriso eu sei que ele vai gostar, eu me apoio no tanque e solto a cabeça. O fluxo carmesim pinta a água em segundos.

— Olhe para o seu estado. — o tom frio de Benjamin me encharca com vergonha.

— Sinto muito, — murmuro, me curvando e passando meus dedos através do sangue. Com uma reação precipitada, eu passo no meu lábio inferior.

— Cereja, seu favorito, — eu ofereço, desejando que ele venha a mim.

Ele não vem.

Ele nunca vem.

— Está na hora, bonequinha linda, — ele me diz, a voz mais suave desta vez. — Vá se lavar.

Capítulo vinte

Sangue

Meu sono é perturbado, e tenho um pesadelo atrás do outro. Eu não consigo me sentir confortável, entrando e saindo, confusa com o que é real e o que não é. Stanton ligou e disse que Adam Maine, a vítima do atropelamento, acordou no hospital e seu depoimento é crucial para a investigação. Dillon não me deixou ir com ele, apesar de tudo. Aparentemente, isso pode assustar a vítima. Ele não merecia o que ele teve, mas ainda é irritante chamá-lo de vítima.

A cama afunda ao meu lado e um calor me inunda.

Dillon.

Minhas pálpebras abrem e seus belos olhos castanhos olham de volta para mim. Então, muitas vezes, quando eu acordo com memórias de pesadelos, ela persiste. Minha irmã doce, perdurada por um momento e eu segurando desesperadamente ela.

Seu cabelo escuro está em tranças bonitas como eu lembro de ter feito nela quando éramos pequenas, para aliviar o calor. A cicatriz é prateada, mas ainda é muito proeminente. Aqueles lábios carnudos que correspondem ao meu, estão pintados de rosa brilhante. Meus olhos caem para o seu vestido bonito que combina com a cor dos seus lábios.

Ela sempre parece tão real.

Macy.

Esticando a mão, eu passo o dedo em uma mecha de seu cabelo. Seus olhos cor de avelã piscam de emoção, mas ela não se desintegra no ar. Não desta vez, não ainda.

Eu ainda devo estar dormindo. Isso tem que ser um sonho.

— Macy, — eu respiro o cheiro dela, florido e pungente, enchendo minhas narinas.

Baque.

Baque.

Baque.

Desta vez, eu sou capaz de me agarrar a ela por um longo momento. Ela é tão vívida.

— Macy. — murmuro.

Baque.

Ela chega até o meu lado, o sangue coagulado está em sua carne cremosa.

Baque.

As memórias familiares se agitam e colidem com os meus pesadelos. Nos meus pesadelos, ela está sempre machucada e sangrando.

— Eu sinto muito, eu fugi.

Em cada sonho, é sempre o mesmo. Eu digo a ela o que eu não posso dizer fisicamente.

— Shhh, — ela sussurra. — Tudo vai acabar logo.

— Eu matei nossos pais, — eu soluço. — Eles estão mortos por minha causa.

Baque.

— Papai estava tão consumido nos ensinando sobre monstros, — murmura. — que ele nunca viu quando eles estavam bem na frente dele. — ela chega para mim, e eu chego para ela também. Eu acho que ela vai tomar a minha mão, mas ela coloca algo na palma da minha mão. É frio e grudento.

Baque.

Meus olhos abaixam e um grito escapa da minha garganta.

Os olhos do meu pai.

Não.

Baque.

— Está tudo bem, bonequinha suja. Tudo vai acabar logo.

Não.

Sua mão levanta mais uma vez e ela chega até mim com um lenço branco, na sua mão manchada com o sangue. Um cheiro de algo químico invade meus sentidos, não era o que eu estava esperando e, em seguida, tudo se desvanece de volta para o nada.

Capítulo vinte e um

Luxúria

DILLON

Deixei Jade no apartamento, sabendo que ela está quase surtando, está ficando cada vez mais difícil a cada dia. Não temos nada. Zero. Porra nenhuma. Este Adam Maine é a nossa última esperança para ligar as pontas soltas. Qualquer coisa que ele nos diga pode nos dar algo para correr atrás.

Precisamos encontrar esse filho da puta, tirá-lo da rua, e, finalmente, dar a Jade um pouco de paz.

Minha menina odeia Benny... Benjamin, ou sei lá como ele quer ser chamado. Para mim, ele é um fodido doente, e eu carrego uma aversão única por ele. Quando eu finalmente colocar minhas mãos neste filho da puta, eu vou fazê-lo pagar com sangue. Ele será cortado, pedaço por pedaço.

Eu mostro meu crachá ao guarda na porta do quarto do hospital de Adam Maine e entro. Ele parece uma merda. Tubos ligados à monitores apitando em torno dele e quase todos os fódidos centímetros dele estão engessado.

— Ele só pode falar aos poucos e podemos dar a ele o máximo dois minutos, — diz uma enfermeira gorda com rugas mostrando sinais de uma vida difícil.

Eu vou fazer valer cada minuto.

— Eu sou detetive Scott. — eu viro meu crachá. — Você se lembra onde estava antes de você ser trazido para o hospital?

— Não. — sua palavra é apenas um sussurro doloroso.

— Você pode me dizer se o homem mencionou um local ou por que ele te segurou antes de trazê-lo para o hospital?

Sua testa se enrugando e ele estremece. — Nenhum homem.

— Nenhum homem?

— Mulher, — ele esclarece, a voz trêmula.

— Oh, eu sei que uma mulher trouxe você. — eu assinto. — Eu estou falando sobre o homem que bateu em você.

— Mulher, — ele afirma novamente, a ansiedade em sua voz.

— Sabemos que não foi atacado pela policial, Adam, então você pode desembuchar. — falo com irritação.

— Uma. Mulher. Me. Acertou, — ele explode balbuciando com uma respiração pesada.

— Uma mulher estava dirigindo a caminhonete?

— Sim. — seus olhos se fecham e então lentamente se abrem.

— Ela te manteve em cativeiro até te trazer para cá?

— Sim. Eu. Fui. Abordado. Por. Ela. Mas. Ela. É. Fudidamente. Louca.

Eu corro do quarto para a área de segurança no quarto andar. A porta se abre na minha abordagem e um cara que reconheço como Buddy está lá. Eu trabalhei com ele em algumas ocasiões ao longo dos anos. Ele deve ter me visto nos monitores.

— E aí, cara?

— Eu preciso que você me mostre a filmagem de Adam Maine sendo trazido. Olhe em seu computador na data que ele deu entrada e me mostre o material a partir desse dia, — eu lato.

Ele sente a minha tensão, ‘não me foda’ e faz o que eu peço.

Meu coração estoura no meu peito e se revira no chão.

Porra.

Porra.

Porra.

Buddy dá um comando e diferentes monitores de abrem na tela, em seguida, está lá, uma mulher que se parece com a minha menina. Seu rosto se levanta para a câmera.

— Congele a imagem, — eu ordeno. — Mais zoom.

Ele faz o que eu peço e minha mão treme quando eu chego para o meu celular. Eu deslizo para a tela com a outra mão enquanto espero o toque no meu ouvido. Meus dedos deslizam pela cicatriz no rosto da menina.

Macy Phillips.

— Responda, baby.

— Aqui é a Detetive Phillips. Eu não posso atender a sua chamada agora. Deixe uma mensagem e retorno para você.

Eu corro da sala pelo corredor, gritando para as pessoas saírem do meu caminho. — Baby, por favor, esteja dormindo ou tomando banho, ou Deus... qualquer coisa, — eu sussurro para mim mesmo. — Eu te amo. Eu te amo, Jade. Estou voltando para casa.

Eu entro no meu carro em um borrão e começo a dirigir. Minha cabeça está nadando. Isso vai quebrá-la.

Littleton não está lá quando eu estaciono e meu medo ricocheteia através de cada terminação nervosa, pousando no meu coração com um *baque* nauseante.

Não.

De jeito nenhum.

De maneira nenhuma.

Ela vai estar lá em cima dormindo. Ele fez uma pausa, ele foi mijar, ele tem que mijar em algum momento.

Meus pés me levam a uma velocidade que eu não sabia que eu era capaz para o apartamento dela. A porta está entreaberta.

Porra.

Porra.

Porra.

Não.

Empurrando a porta, eu puxo a arma do coldre e rastejo através de seu apartamento. Todas as coisas que eu deixei de dizer a ela passam em minha mente como uma bomba nuclear saindo dentro de

mim, destruindo minha alma. Ela não sabe que eu a amo. Eu não disse essas palavras. Ela não sabe.

E eu menti.

Eu não a protegi.

Eu o deixei chegar até ela.

Eu os *deixei* chegar até ela.

Eu alcanço seu quarto e a bile surge através do meu sangue e se instala na medula dos meus ossos.

O lençol de cama está caído no chão e há sangue.

Porra.

Gritos vêm do corredor e eu não quero ver o porquê. Lágrimas queimam em meus olhos pela primeira vez desde que Laney morreu. Meu peito está apertado e comprimindo. Eu estou me movendo em direção à confusão. Uma mulher está gritando na porta de outro apartamento. Ela está apontando com uma mão enquanto segura a outra na boca.

— Ela está morta.

Meus pés se movem em câmera lenta.

Baque. Um passo. *Baque.* Um passo. *Baque.* Um passo.

Ao entrar no apartamento, o ar que eu estava segurando nos meus pulmões deixa meu corpo em um assobio.

Não é ela.

Não é ela, porra.

Graças ao fodido Deus.

— Oh doce Jesus, alguém matou minha terapeuta, — ouço os soluços da mulher.

E embora seja horrível ver uma cabeça feminina flutuando em um tanque de peixes, eu sei que não é a minha menina. Não é minha quebrada menina perdida.

Eles a levaram, porra.

E eu vou trazê-la de volta.

Capítulo vinte e dois

Tijolo de fogo
JADE

Minhas narinas ardem e meu corpo dói.

Sensível e machucado.

Eu rolo meu pescoço e forço minhas pálpebras pesadas para abrir. Leva um par de tentativas, mas elas abrem e queimam. Minha visão é borrada enquanto minhas retinas se ajustam à luz. As memórias de meu sonho correm para frente da minha mente e eu rapidamente levanto a mão. Há sangue lá.

Baque.

Me sento e minha cabeça flutua. Estou tonta. As paredes em torno de mim entram em foco e meus pulmões arfam. O ar some quando meus olhos mergulham para ver que estou nua.

Não.

Baque.

Eu pulo da pequena cama da cela de tantos anos atrás.

Não.

A porta fecha com um chute.

Não.

Baque.

Baque.

Um olhar sombrio está em mim. E a voz gelada que poderia congelar o sol enche meus ouvidos através das grades que nos separam.

— Bem-vinda, bonequinha suja.

Fim... por enquanto!